



**MERCADOS**  
**Banco Bankinter**  
 com spreads a partir  
 de 1,5%

Pág. 39

**FISCALIDADE**

**Gov. recusa**  
**perder receita**  
**do CINM**

Pág. 5



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL.  
 DE01952015CE



**TAXA PAGA**  
 PORTUGAL  
 CONTRATO Nº 594655

Nº 1634 / 15 de abril 2016 / Semanal / Portugal Continental 2,20 €

**DIRETOR**  
 João Peixoto de Sousa

# VidaEconómica

EMPRESAS, NEGÓCIOS, INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

[www.vidaeconomica.pt](http://www.vidaeconomica.pt)

Volume de financiamento só recupera no consumo

## Taxa média no crédito às empresas baixa para 3,45%



Pág. 3

Miguel Gomes da Costa, presidente da COSEC, revela

## Seguros de crédito cobrem vendas superiores a 36 mil milhões

Pág. 37



## Angola quer reduzir importações

Ministra da Indústria de Angola em entrevista



“Precisamos de apostar nas matérias-primas. Essa tem sido uma grande aposta do Governo, com o apoio do empresariado nacional e da iniciativa

privada”, afirma, em entrevista exclusiva à VE, Bernarda Gonçalves Martins, ministra da Indústria de Angola.

Págs. 6 e 7

## Economia em baixa

A Católica reviu em baixa a perspetiva do crescimento económico de Portugal: 1,3% este ano e 1,7% em 2017, contra as estimativas iniciais de 2% e 2,2% respetivamente.

Pág. 4



PUB

### EMPRESAS

**Air Europa alarga frota com Boeing**

Pág. 8

**SPI promove cooperação entre China, EUA e UE**

Pág. 36

**Portugal pode ser líder na nova era industrial**

Pág. 9

### BANCA

**Empresas francesas preferem o BPI**

Pág. 38

### SUPLEMENTO NESTA EDIÇÃO



PUB



**GOSTA DA ÁREA DA ESTÉTICA E PRETENDE CRIAR O SEU PRÓPRIO NEGÓCIO?**  
 Conheça todas as vantagens de um negócio chave na mão!

[INFOLEGSANDNAILS.PT](http://INFOLEGSANDNAILS.PT)

PUB

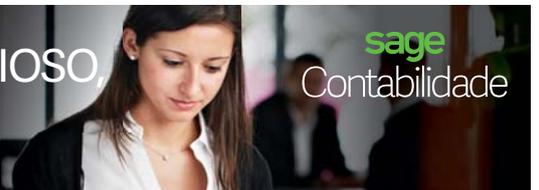


9 720972 000037

**PORQUE O SEU TEMPO É PRECIOSO, MERECE MAIS VANTAGENS!**

Saiba mais em: [www.sage.pt/sage-contabilidade](http://www.sage.pt/sage-contabilidade)

**sage**  
 Contabilidade



## ABERTURA

## Causas do dia a dia


**ANTÓNIO VILAR** ADVOGADO  
antoniovilar@antoniovilar.pt

## O juiz Quintela ou a justiça de rosto humano

Num momento em que a criminalidade económica e financeira ocupa todo o espaço comunicacional a propósito do “offshore” do Panamá, lembrar este Homem é um imperativo cívico.

Mal aprendi a ler – já foi nos anos sessenta do passado século –, não havia livro algum lá em casa. Deles, só conhecia o livro dos “fiados”, de que poucos, hoje, sabem o sentido e o valor, mas que, na altura, era sinal de confiança e honra. De solidariedade, também, para além de pobreza.

Não recordo como me veio parar às mãos um primeiro exemplar do Jornal de Notícias, mas o certo é que, pelos doze, treze anos, se me tornou leitura imperdível. A via pela qual entrou no meu quotidiano foi o desporto e o meu Futebol Clube do Porto. Era a Volta a Portugal e o Sousa Cardoso que ganhava tudo; o hóquei em patins, em que Portugal era o maior; e, entre outros mais, o futebol em que as alegrias, então, não eram muitas... Havia, também, os casos de polícia pormenorizadamente relatados por jornalistas de estirpe que transmitiam com o fulgor dos atuais noticiários a mais ínfima bagatela penal. Eram, então, reis e senhores, os advogados Edmundo Guerra Barbosa, Araújo de Barros e o agente Regadas, da Polícia Judiciária, que desentraçava qualquer crime. E muitos mais que não me vêm à memória.

Nesse mundo fantástico, o JN, que era comprado em parceria, percebi depois, por

três ou quatro pessoas que o liam, segundo a importância de cada uma, umas antes das outras e com disponibilidade temporal diversa, chegava lá a casa à tarde. Se o meu pai ia logo à secção da “Necrologia”, também não perdia as notícias relativas aos crimes. E, depois, falava pelos cotovelos de um personagem que se tornara um herói: o sr. Juiz Quintela, do Tribunal de Polícia do Porto.

Já então, no sessenta do passado século, a justiça não tratava de igual modo ricos e pobres. A igualdade fáctica de justiça criminal não é algo, aliás, em que, por mais otimistas que sejamos, possamos confiar, ainda que a igualdade seja uma dimensão irredutível, permanente, da justiça. A justiça “real” – não como arquétipo – era o dom do Juiz Quintela. Ele sabia tirar do corpo e da alma da lei – sem a negar – justiça igual para possidentes e desertados.

Era isso que o meu pai, com a antiga quarta classe feita à noite e juntando as letras devagarinho, sentia e me transmitia num olhar onde brilhavam lágrimas e a esperança lhe levantava as pálpebras como que para algo infinito. E, ao que percebi mais tarde, conheceram-se e tornaram-se amigos do coração – um juiz e um condutor de elétricos!

Quem, porventura, quiser saber mais do “Bom Juiz Quintela” não terá dificuldade em encontrar nos jornais de há 50 anos, sobretudo no “Jornal de Notícias”, o relato de episódios marcantes de que tal Homem, também juiz, foi protagonista.

Num momento em que a criminalidade económica e financeira ocupa todo o espaço comunicacional a propósito do “offshore” do Panamá – afinal uma luta de interesses económicos e financeiros que, no final, deixará tudo nas mãos dos mesmos –, lembrar aquele Homem é um imperativo cívico.

Alguém duvidará de que, inúmeras vezes, o crime está na lei e criminosos poderão ser, afinal, os que a fazem para seu exclusivo goáudio e proveito?

Há Homens que ficam para sempre!

Não será esta a ocasião de recordar o Juiz Quintela... ou, porventura, de o esquecer para todo o sempre?

Nas crises diversas deste nosso quotidiano sem esperança, sem confiança, sem ideias, poderia, nessa homenagem, também, tentar olhar-se a justiça de outras, novas perspectivas e, até, retomar a valer a pergunta que, em livro recente de Jacques Commaille, “A quoi sert la justice?”, nos foi colocada, mas a que, entre nós, ninguém foi sensível?

## Top da semana


**ANTÓNIO COSTA**


Mais uma vez, o Primeiro-Ministro deu provas de experiência política e da sua capacidade de reagir rapidamente

face a problemas que se possam colocar. O episódio de João Soares até poderia ter consequências mais amplas, mas António Costa tomou a decisão adequada e evitou qualquer tipo de contestação. Para além de ter resolvido a questão sem delongas, também mostrou a forma como está à frente do Governo, que tem, efetivamente, o poder de decisão. Quanto ao ex-ministro da Cultura, acabou por colocar em causa toda uma carreira política.


**MANUEL CALDEIRA CABRAL**


O ministro da Economia tem revelado uma postura discreta, ao contrário do que sucedia com o seu antecessor. Mas as coisas não estão fáceis e tem de ir mais longe na tomada de medidas para impulsionar a economia. As exportações têm abrandado significativamente, facto que está a agravar o nosso défice da balança comercial. Manuel Caldeira Cabral tem de simplificar o sistema económico, sobretudo criar as condições necessárias para que as empresas possam adaptar-se a uma nova realidade global. Portugal não pode ficar à espera de uma melhoria do ambiente global de negócios.

## Nesta edição



**10 Internacional**  
Comissão Europeia quer reformar regime do IVA



**38 Mercados**  
BPI é dos bancos mais escolhidos pelas empresas francesas



**39 Mercados**  
Bankinter prevê conceder 700 milhões de crédito ainda este ano

**Internacional** ..... Pág. 10  
Organização Mundial do Comércio revê previsões em baixa

**Opinião** ..... Pág. 11  
Sem estratégia e sem emenda

**Opinião** ..... Pág. 12  
O que fazer com as elites que temos?

**Negócios e Empresas** Pág. 16  
Eurostrata aposta na prevenção e proteção do meio ambiente

**Negócios e Empresas** Pág. 17  
O desafio do Portugal “start up”

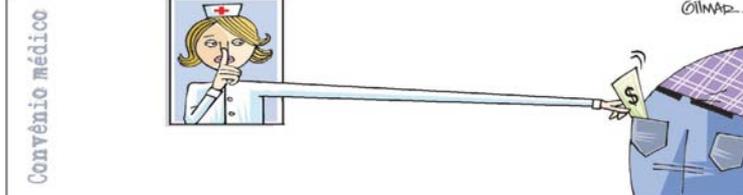
**Negócios e Empresas** Pág. 18  
Pragma acompanhou construção da Nova Arcada

**Empresas Familiares** Pág. 19  
As mulheres e as equipas de gestão da empresa familiar

**Fiscalidade** ..... Pág. 32  
Demonstrações financeiras que recaem sobre as empresas-mãe

**Em Foco** ..... Pág. 44  
Advogado “despe a toga” para produzir vinho de excelência

## Humor económico



## VidaEconómica

EDITOR E PROPRIETÁRIO Vida Económica Editorial, SA DIRETOR João Peixoto de Sousa COORDENADORES EDIÇÃO João Luís de Sousa e Albano Melo REDAÇÃO Virgílio Ferreira (Chefe de Redação), Adérito Bandeira, Aquiles Pinto, Fernanda Teixeira, Guilherme Osswald, Patrícia Flores, Rute Barreira, Susana Marvão e Teresa Silveira; E-mail agenda@vidaeconomica.pt; PAGINAÇÃO Célia César, Flávia Leitão e Mário Almeida; PUBLICIDADE PORTO Rua Gonçalo Cristóvão, 14, 2º 4000-263 Porto - Tel 223 399 400 • Fax 222 058 098 • E-mail: comercial@vidaeconomica.pt; PUBLICIDADE LISBOA Campo Pequeno, 50 - 4º Esq 1000 - 081 Lisboa • Tel 210 129 550 • E-mail: publicidade@vidaeconomica.pt; ASSINATURAS Tel 223 399 400 • E-mail: assinaturas@vidaeconomica.pt; IMPRESSÃO Naveprinter, SA - Porto DISTRIBUIÇÃO VASP, SA - Cacém E-mail: geral@vasp.pt • Tel 214 337 000 - Fax 214 326 009

Imprensa  
EM REVISTA
**INVESTIR**  
Economia chinesa melhora no primeiro trimestre

Os indicadores macroeconómicos chineses sugerem uma melhoria do crescimento do país no primeiro trimestre. Mas a conjuntura mundial e a volatilidade dos mercados financeiros fazem com que as suas bases não sejam ainda suficientemente sólidas. No seu conjunto, a situação económica, nos três primeiros meses, foi melhor do que o previsto. Existe confiança na capacidade do Governo para manter um bom ritmo de crescimento económico, apesar das dificuldades que se colocam. No último trimestre do ano passado, o crescimento foi de quase sete pontos percentuais, o que se traduziu numa melhoria relativamente ao trimestre anterior.

**THE WALL STREET JOURNAL**  
Huawei desafia Apple e Samsung com novo telemóvel

A empresa chinesa de telecomunicações Huawei está prestes a desafiar a Apple e a Samsung no mercado global de smartphones. O grupo lançou um

novo telefone com uma câmara de duas lentes, um recurso que os rivais ainda não possuem. A nova câmara promete cores melhores e contrastes mais nítidos, mesmo em ambientes de pouca luz. A Huawei e a alemã Leica trabalharão em parceria durante um ano para desenvolver esta ferramenta. O novo aparelho é o mais recente ataque da empresa chinesa numa batalha de cinco anos para transformar o seu negócio de telemóveis e deixar de ser um produtor de aparelhos baratos para passar a competir com as maiores empresas do setor.

**EXPANSIÓN**  
Países latino-americanos têm de aumentar a sua produtividade

Países como o Panamá ou a República Dominicana estão a crescer a níveis idênticos aos de algumas regiões asiáticas. Em contrapartida, há outros estados que se encontram num processo de desaceleração económica. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) apela à necessidade de estimular a produtividade e chama a atenção para os enormes desafios em urbanismo, infraestruturas e energia que a região enfrenta nas próximas décadas.


**RICARDO SALGADO**


Como era de prever, Ricardo Salgado, um dos “donos disto tudo”, aparece nos documentos do caso “Panama Papers”. Mais de 300 milhões terão sido desviados, o que significa muito dinheiro e, sobretudo, uma clara falta de escrúpulos. Os lesados do papel BES têm agora ainda mais motivos para estarem revoltados. Trata-se de uma situação inaceitável e que revela como há gente que não tem quaisquer dificuldades em fazer o que quer sem que seja responsabilizado pelos seus atos. A fuga ao fisco tem consequências muito graves para aqueles que pagam os seus impostos e cumprem com os seus deveres de cidadania. Um outro aspeto preocupante é que não foram as autoridades a desvendarem todo este enredo, mas um conjunto de jornalistas de investigação...

MEMBRO DA EUROPEAN BUSINESS PRESS



TIRAGEM CONTROLADA PELA:



TIRAGEM DESTA EDIÇÃO 12.750

4000 Município (Porto)  
TAXA PAGA  
Registo nº 9 035 nº 109 477  
• Depósito Legal nº 33 445/89 •  
ISSN 0871-4320 • Registo do ICS nº 109 477

# ATUALIDADE

## Saída de capitais dos mercados emergentes atinge níveis recordes

Está a repetir-se o que já sucedeu no passado, só que agora de forma mais intensa. Os capitais estão a sair em grandes volumes dos mercados emergentes. Em 2010 foi atingido o pico de entrada de capitais nestas economias, mas a partir de então a tendência tem sido de desaquecimento. Nos últimos meses houve uma intensificação da saída de investimento estrangeiro, o que está a colocar sérios problemas aos países emergentes, sobretudo devido a uma política mais restritiva por parte das autoridades monetárias dos Estados Unidos.

VOLUME DE FINANCIAMENTO SÓ RECUPERA NO CRÉDITO AO CONSUMO

# Taxa média no crédito às empresas baixa para 3,45%

JOÃO LUÍS DE SOUSA  
jlsousa@vidaeconomica.pt

O crédito concedido às empresas em fevereiro passado teve uma taxa de juro média de 3,45% nas novas operações – revelam os dados do Banco de Portugal. Apesar da descida do custo, o volume total de crédito às empresas não recupera e evidencia uma tendência de quebra face aos meses anteriores.

A variação do crédito às empresas atinge -2,6% e é agora mais negativa do que há um ano atrás. Esta evolução contrasta com a média dos países da União Europeia, onde o crédito às empresas não caiu tanto como em Portugal e já está a crescer.

As taxas de juro apuradas pelo Banco de Portugal revelam uma tendência de aproximação entre o custo do crédito entre as pequenas empresas (operações até um milhão de euros), com uma taxa de 3,70%, e as médias e grandes empresas (operações acima de um milhão de euros) com uma taxa de 3,08%. As taxas praticadas em Portugal comparam com uma média na União Europeia de 2,64% até um milhão de euros e de 1,36% acima de um milhão de euros.

As PME portuguesas pagam em média mais um ponto percentual do que as suas congéneres europeias mas as grandes empresas pagam mais do dobro das empresas da zona Euro.

Apesar da facilidade de acesso ao financiamento com a atual política de compra de dívida por parte do BCE, os bancos confrontam-se com um volume elevado de crédito malparado e retraem-se na concessão de novos financiamentos.

A quebra no volume total do crédito às empresas é maior no segmento das grandes empresas do que nas PME, o que pode significar que os bancos estão agora mais predispostos a financiar o setor produtivo e a economia real.

Entre janeiro e fevereiro, o crédito em novas operações acima de um milhão de euros diminuiu de 1054 milhões para 909 milhões de euros, o que representa uma

## Grandes empresas pagam mais do dobro da média da zona Euro

## Crédito total baixa em Portugal e aumenta na União Europeia

quebra superior a 10%.

Mas, nas operações de valor até um milhão de euros, os novos créditos atingiram 1.332 milhões de euros, um valor muito próximo dos 1.349 milhões de euros financiados em janeiro.

Os seja, a fatia de crédito das PME está a crescer, em detrimento das grandes empresas.

## Crédito ao consumo é exceção

De acordo com os dados do Banco de Portugal, a quebra no volume total de crédito bancário verifica-se em todos os segmentos, com exceção do crédito ao consumo, onde há uma recuperação de 4,6%.

O valor das novas operações de crédito ao consumo subiu 17,6% em fevereiro face ao mês anterior. A carteira total de crédito concedido tem estado a subir, com um crescimento de 4,6%, que se aproxima da média de 5,2% na zona Euro.

## Incumprimento a subir

O incumprimento continua ser um motivo de preocupação para os bancos. Nas empresas o crédito malparado subiu para 15,91% do total do crédito concedido, atingindo 12.900 milhões de euros. Em janeiro, o crédito malparado estava em 15,5%. Curiosamente, o nível de crédito em incumprimento está a diminuir nas micro e pequenas empresas e a aumentar



Sem a recuperação mais evidente do crédito o crescimento da economia continuará a ser fraco.

nas grandes empresas, o que pode explicar a preferência atual dos bancos por operações de menor valor.

No crédito à habitação o malparado está em 2,61%, um nível claramente inferior,

mas representa o valor mais elevado dos últimos 20 anos.

O incumprimento no crédito ao consumo teve uma descida ligeira em fevereiro, para 9,29% do total do crédito concedido.

## Novos créditos à habitação com taxa de 2,06%

A tendência de recuperação é evidente no crédito à habitação. Apesar de haver uma diminuição no total do crédito aplicado que contrasta com a subida clara na zona Euro, o volume de novas operações está a subir.

Em fevereiro os bancos aplicaram 380 milhões de euros na compra de habitação, mais 9,5% do que no mês anterior.

Em termos globais, o crédito à habitação contrai porque o valor das amortizações nas operações em curso continua a ser superior ao valor dos novos financiamentos, apesar do aumento das operações, que tem por objeto a compra de imóveis. A quebra global da carteira de crédito é de 3,1%, que compara com uma subida de 2,1% nos países da zona Euro.

No crédito à habitação a taxa média praticada em Portugal foi de 2,06%, inferior à taxa de 2,22% da média da zona Euro, tendo em conta a preferência dos consumidores por taxas fixas que incorporam o risco de subida.

Com as taxas Euribor negativas, a taxa média de juro de 2,06% significa que os bancos estão a praticar um spread médio ligeiramente acima de 2% nos novos contratos de crédito.

No espaço de um ano a descida da taxa é quase de 0,8%.

PUB

**RCAAC**  
AUDITORES | CONSULTORES

AUDITORIA  
ESTATUTÁRIA  
E CONTRATUAL

CONSULTORIA  
FISCAL  
E CORPORATIVA

DUE DILIGENCES  
FINANCEIROS  
E FISCAIS

ASSESSORIA  
CONTABILÍSTICA  
E ADMINISTRATIVA

PROCESSAMENTO E CONTROLO  
DE REMUNERAÇÕES  
FORMAÇÃO PROFISSIONAL

WWW.RCA.AC

LISBOA • PORTO • LUANDA • PRAIA

CONFERÊNCIAS – DESAFIOS E OPORTUNIDADES 8 OE 2016  
LISBOA – 18.04 (14.30 – HOTEL SHERATON)  
PORTO – 27.04 (14.30 – HOTEL PORTO PALÁCIO)

FIRMA AFILIADA:  
**Praxity**  
GLOBAL ALLIANCE OF  
INDEPENDENT FIRMS

## ATUALIDADE

**Bruxelas quer que multinacionais revelem operações com offshores**

A Comissão Europeia quer avançar com medidas mais exigentes no que toca ao combate à fraude e à evasão fiscais. Uma dessas medidas passa por obrigar as multinacionais a declararem as operações que realizam através dos paraísos fiscais. O que está em discussão é uma adenda à proposta de diretiva que regulamenta a cooperação entre os governos nacionais, a nível administrativo, para questões de foro fiscal.

**Novo Banco transfere dinheiro para ex-clientes por engano**

O Novo Banco transferiu, por engano, dinheiro para antigos clientes seus que têm agora contas na Caixa Geral de Depósitos. Esta última entidade confirmou as referidas transferências, tendo-se tratado, claramente, de um erro. Acontece que a recuperação não é agora automática. Os beneficiários têm de dar autorização para que seja feito aquele reembolso. Caso assim não decidam, então terão de ser os tribunais a darem ordem para a devolução do dinheiro.

CATÓLICA LISBON FORECASTING LAB REVÊ PREVISÕES EM BAIXA

**Economia portuguesa continuará em abrandamento**

A Católica Lisbon Forecasting Lab – NECEP reviu em forte baixa a perspetiva do crescimento económico de Portugal em 2016. Segundo revelou, a economia portuguesa crescerá 1,3% este ano e 1,7% em 2017, contra as estimativas iniciais de 2% e 2,2% respetivamente. Esta revisão tem em conta o “arrefeci-

mento” do crescimento da economia na segunda metade de 2015 e uma política orçamental atual menos expansionista.

Conforme revela na sua síntese trimestral de conjuntura, as novas estimativas estão alicerçadas em três fatores: “agravamento do défice estrutural em 2015”, “fragili-

dade do crescimento no segundo semestre do ano passado” e “política orçamental em 2016 menos expansionista face ao anunciado pelo Governo em janeiro”.

Esta nova estimativa da Católica é mais pessimista do que as previsões para este ano do FMI (1,4%), da Comissão Europeia (1,6%), do



Novo estimativa da Católica é inferior às estimativas do FMI, da Comissão Europeia, do Banco de Portugal e do Governo.

PUB

**Curso) Marketing Digital 360°**

**squadra**  
marketing & sales consultants

**6 maio 2016**

Squadra  
ANF Business Center, Rua Eng. Ferreira  
Dias, 728, 4100-246, Porto  
www.squadra.pt

**Programa:**

1. Introdução ao marketing digital
2. Os 5 pilares de uma estratégia integrada
3. Planeamento estratégico digital
4. Do it Yourself: plano digital 360°

As plataformas digitais têm representado a nova “arena de combate” para a maioria das marcas. Estudos recentes revelam que, cerca de 15% do orçamento de marketing já é dedicado ao digital. Este programa de 1 dia apresenta uma metodologia ativa, de cariz prático e interativo. Para além dos exemplos reais aplicados, é colocado um desafio final aos participantes (“do it yourself”) de elaborarem o seu próprio “plano digital 360°”.

**Destinatários:**

• Profissionais de Marketing, gestão, vendas e tecnologias com funções/responsabilidades na área digital; empreendedores; pessoas que pretendam adquirir uma visão integrada sobre as potencialidades do marketing digital e gestores de PMEs

**Objetivos:**

- Compreender globalmente o universo do marketing digital e os seus utilizadores;
- Compreender a importância do “digital” numa estratégia integrada;
- Adquirir uma perceção sobre os diferentes tipos de canais digitais, as suas potencialidades e formas de utilização;
- Abordar os vários tópicos numa ótica de desenvolvimento do seu negócio e amplificação da sua marca.

**Metodologia:**

Método expositivo intercalado com ativo (dinâmicas de grupo e exercícios práticos e estudos de caso)

**Investimento:**

300€ + IVA (10% desconto para assinantes)

**Media Partner:**

**VidaEconómica**  
GRUPO EDITORIAL

Patrícia Flores (Dep. Formação)  
VidaEconómica – Editorial S.A. | Tlf: 223 399 437/00 / Fax: 222 058 098  
Email: patriciaflores@vidaeconomica.pt

Banco de Portugal (1,5%) e, obviamente, do Governo português (1,8%).

Contrariamente ao que se possa pensar, não se pode dizer que a Católica errou nas suas previsões iniciais, pois já na anterior estimativa alertava para o facto de haver “um quadro elevado de incerteza decorrente da intenção de mudança de política orçamental face às recomendações das instituições internacionais especializadas”.

Para o primeiro trimestre deste ano, Católica aponta para um crescimento do PIB português em 0,1%, face ao trimestre anterior, e 0,8%, na comparação homóloga.

**FMI ALERTA****Taxas de juro negativas prolongadas podem ter efeitos adversos na banca**

O Fundo Monetário Internacional (FMI) alerta para os riscos das taxas de juro negativas. Se estas se mantiverem por muito tempo, os bancos serão afetados pela redução da sua margem financeira, sobretudo naqueles não conseguirem passar o custo dos juros negativos para os clientes.

No Relatório de Estabilidade Financeira Global, publicado a 13 de abril, o FMI alerta para os efeitos colaterais que podem resultar da manutenção, por um longo período de tempo, de taxas de juro baixas ou negativas. Tudo dependerá “da capacidade dos bancos em passar os custos através dos empréstimos e dos depósitos, da relativa importância dos ganhos financeiros para a rentabilidade, bem como da capacidade de gerar outros rendimentos”.

O FMI coloca o setor financeiro português entre os principais afetados, estimando, numa redução de 10 pontos base - ou 0,1% - na margem financeira, uma queda de 40% nos lucros antes de impostos da banca nacional. A Alemanha, surge em segundo lugar com uma redução aproximada de 25% dos lucros.

## Fisco aperta a malha nos pedidos de reembolso de IVA



A Autoridade Tributária e Aduaneira tenciona intensificar o controlo sobre os pedidos de reembolso do IVA. Esta intenção está patente num despacho governamental. Neste contexto, vão estar mais inspetores no terreno, com a intenção se existem aumentos injustificados e valores de devolução daquele imposto entre as empresas.

## Fusão entre as bolsas de Londres e Frankfurt em risco

A fusão entre as bolsas de Londres e de Frankfurt poderá estar em risco. A Alemanha está a colocar sérias reservas a esta operação, tem do em conta a possibilidade do Reino Unido sair da União Europeia. As autoridades alemãs querem que a nova entidade seja sediada em Frankfurt, até porque a Deutsche Boerse tem uma capitalização bolsista superior. Defendem que a bolsa londrina venha a perder bastante do peso que detém atualmente nos mercados internacionais.

# Governo recusa perder receita do CINM

O caso “Panama Papers” está a dividir a classe política portuguesa. Mais à Esquerda, defende-se o fim dos “offshore”. O PS não quer acabar com o CINM. A lista de nomes portugueses com ligações à Mossack Fonseca não para de aumentar. As autoridades portuguesas investigam possíveis ilícitos criminais de índole fiscal.

GUILHERME OSSWALD  
guilherme@vidaeconomica.pt

VIRGILIO FERREIRA  
virgilio@vidaeconomica.pt

O Partido Socialista não está disposto a abrir mão das receitas provenientes do Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM).

O Governo rejeita avançar com regras mais restritivas, considerando que o único resultado seria a mera perda de receita por parte da Região Autónoma da Madeira. E argumenta que os paraísos fiscais só podem ser eficazmente combatidos se existir uma política a nível europeu e mesmo global, acrescentando que Portugal, por si, só não tem capacidade para acabar com os paraísos fiscais. Relativamente ao caso dos portugueses envolvidos no processo “Panama Papers”, considera tratar-se de um caso de polícia.

O Bloco de Esquerda, em particular, assume uma posição mais radical, querendo colocar um ponto final no centro madeirense, por ser, em seu entender, um “offshore”,

defendendo a necessidade de encerrar todas as zonas que se constituam como paraísos fiscais em território europeu.

Aliás, o Bloco já apresentou, no passado, propostas nesse sentido. Entretanto, entregou um projeto de enriquecimento ilícito e vai ainda apresentar outros projetos sobre o regime dos “offshore”.

Quanto ao PSD e ao CDS, sempre têm votado contra este tipo de propostas. Entretanto, parte da sociedade civil também se está a mobilizar contra este regime, tendo em conta a sua opacidade.

Na linha da frente está o Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos (STI) que vai lançar uma petição pública para limitar o sigilo fiscal e acabar com os paraísos fiscais. A petição defende, entre vários outros aspetos, que “a barreira do segredo não pode ser invocada e usada para condicionar e limitar a realização da justiça e da equidade fiscais que assegurem a efetiva igualdade de tratamento a todos os cidadãos e empresas. O objetivo desta iniciativa é propor ao Governo e à Assembleia da República que sejam aprovadas “as necessárias orientações políticas, medidas legislativas e procedimentos de combate à existência de paraísos fiscais e de garantia da justiça e equidade fiscais”.

### Separar o trigo do joio

No centro de toda esta polémica, que não é nova, está o escândalo “Panama Papers” que, a 3 de abril, despertou as consciências para o funcionamento dos “offshore”, mais conhecidos como paraísos fiscais.

Uma investigação liderada pelo ICIJ – Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação, em que estão envolvidos mais



O CINM não está classificado como regime “offshore” ou “paraíso fiscal” tanto pela OCDE como pela UE.

de 100 órgãos de comunicação de todo o mundo, entre os quais está o “Expresso” e a TVI, pôs a nu a atividade da gestora de patrimónios panamiana Mossack Fonseca, revelando informação sobre mais de 214 mil empresas “offshore” em mais de 200 países e territórios.

Abdicando da questão de saber quem está ou não ligado à Mossack e se cometeu ou não algum tipo de ilícito criminal decorrente da fuga aos impostos no seu país de residência, que pertencerá ao foro da Polícia e da Justiça, é preciso esclarecer que uma conta ou criar uma empresa “offshore” não é ilegal, disso dá conta a Carta Aberta do CINM, publicada nesta edição da “Vida Económica”.

Embora os “offshore” sejam conhecidos como instrumentos associados a esquemas de corrupção ou lavagem de dinheiro, é pre-

ciso ter em conta que a ilegalidade só existe quando o cliente não declara os rendimentos obtidos no seu país, onde deveriam ser tributados, no comum dos casos, usando sociedade fictícias para movimentar aquelas quantias.

As autoridades portuguesas já estão a investigar, tendo o Ministério das Finanças solicitado ao consórcio de jornalistas a lista dos nomes portugueses relacionados com o caso “Panama Papers”. Também o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Fernando Rocha Andrade, garantiu, no Parlamento, que o Governo pretende levar “até às últimas consequências” eventuais ilícitos fiscais cometidos em Portugal. O Ministério Público, por seu lado, está a fazer o “trabalho de campo” que lhe compete, recolhendo indícios e elementos que permitam apurar factos suscetíveis de integram a prática de crimes.

## CARTA ABERTA

### Carta aberta aos detratores do CINM a propósito do “Panama Papers”

O caso “Panama Papers”, que se encontra na ordem do dia com as suas enormes e gravíssimas proporções, tem vindo surpreendentemente a servir de pretexto para que sejam desferidos novos e violentos ataques contra o CINM.

A todos os que, por simples ignorância, inadequada perceção dos factos ou recorrente animosidade e má-fé, misturam realidades inteiramente distintas, confundem as situações e tentam denegrir o CINM com base neste lamentável caso, que não lhe diz respeito, perguntamos se sabiam que:

- Os sucessivos regimes de benefícios fiscais do CINM, vigentes desde 1987, sempre foram objeto de negociação entre o Governo da República e a Comissão Europeia e dispuseram de concordância prévia e expressa desta?
- Que, v.g., numa das decisões mais recentes, em julho de 2013, a Comissão disse que “considerou que o regime, tal como concebido, contribuía efetivamente para o desenvolvimento regional e a diversificação da estrutura económica

da Madeira”?

- Que o CINM nunca foi classificado como regime “offshore” ou “paraíso fiscal” tanto pela OCDE como pela UE?
- Que o CINM com a sua configuração atual (sem benefícios a atividades financeiras) não mereceu qualquer reparo nos escrutínios rigorosos a que tem sido sujeito, quer pela OCDE quer pelo Grupo do Código de Conduta sobre a Tributação das Empresas, do Conselho da UE?
- Que todas as empresas licenciadas no CINM são empresas portuguesas e, logo, comunitárias para todos os efeitos? Que estão sujeitas a todas as normas de supervisão, controle e inspeção nos mesmos exatos termos que qualquer outra empresa da mesma natureza, sem qualquer privilégio ou diferença?
- Que tais empresas estão registadas na Conservatória respetiva, com as mesmas regras de acesso à informação, ou da respetiva divulgação, constantes da lei geral?
- Que, do mesmo modo, também

se lhe aplicam todas as disposições nacionais em matéria de transparência e de troca de informações, sem qualquer exceção ou opacidade?

- Que hoje todas as empresas licenciadas no CINM, nos seus três setores de atividade, têm obrigatoriamente de criar postos de trabalho diretos como condição indispensável para a obtenção de benefícios fiscais?
- E, neste quadro, também sabiam que:
  - O CINM gera hoje mais de 4000 postos de trabalho, diretos e indiretos, sem contar com os cerca de 5000 tripulantes dos navios matriculados no Registo Internacional de Navios da Madeira (MAR)?
  - Em 2013, segundo o Banco de Portugal, 12% da captação de IDE em Portugal teve origem no CINM, representando 277 milhões de euros?
  - No fim de 2015, o investimento direto das empresas em operação na Zona Franca Industrial, um dos três setores do CINM, ascendeu a cerca de 250 milhões de euros?

- Também no fim de 2015 estavam matriculados no MAR 399 navios, dos quais 290 navios de comércio de grande dimensão média, fazendo do MAR (inserido no CINM) um dos quatro maiores registos marítimos internacionais da UE?
- As receitas fiscais geradas pelo CINM foram, em 2013, mais de 123 milhões de euros e, em 2014, mais de 134 milhões de euros, respetivamente 14,5% e 15,3% do total das receitas fiscais da Madeira?
- Só em termos de IRC, a verba gerada pelo CINM em 2014 foi de mais de 65,7 milhões de euros, representando 51,3% do total cobrado na Madeira neste imposto, ou seja, mais do que todas as restantes atividades económicas juntas?

Evidentemente que o CINM, como qualquer outro setor ou atividade da nossa sociedade, não está imune a erros ou utilizações abusivas. Mas, para tal, existe a Justiça, também sem qualquer diferença ou exceção.

O Conselho de Administração

## ATUALIDADE

**Investimento imobiliário comercial bate recorde**

O investimento imobiliário comercial registou um forte aumento de 154% em Portugal, no ano passado, face ao exercício anterior. Os investidores adquiriram ativos de cerca de 1,9 mil milhões de euros, o que fez com que fosse o melhor ano de sempre desde que há registos. A esmagadora maioria do investimento teve origem no estrangeiro.

**Produção automóvel cai 11% no primeiro trimestre**

A produção automóvel nacional registou uma quebra de quase 11%, nos três primeiros meses do ano, face a igual período do exercício anterior, o que se traduziu num total de 35 792 unidades, de acordo com a Associação Automóvel de Portugal (ACAP). O segmento de veículos ligeiros de passageiros registou uma quebra de 21%.



MINISTRA DA INDÚSTRIA DE ANGOLA EM ENTREVISTA EXCLUSIVA À "VIDA ECONÓMICA"

# "Estamos a fazer um grande esforço a dependência das importações seja

O Governo angolano está empenhado em industrializar o país, com o apoio da iniciativa privada, diminuindo o peso das importações e apostando na produção de matérias-primas como forma de também reduzir a dependência do petróleo.

Em entrevista exclusiva à "Vida Económica" em Viana, a escassos quilómetros de Luanda, à margem da inauguração de uma fábrica de vinagres da empresa portuguesa Mendes Gonçalves, a ministra da Indústria foi perentória: apesar de este investimento ser "muito diferenciador" para a economia angolana, "todo o investidor, toda a iniciativa privada é importante para o Governo". Bernarda Gonçalves Martins elogia a empresa da Golegã, mas garante: "em Angola, não olhamos se é português ou se não é português".



Bernarda Gonçalves Martins, ministra da Indústria de Angola.

TERESA SILVEIRA, EM LUANDA \*  
teresasilveira@vidaeconomica.pt

**Vida Económica - Na sua intervenção aqui em Viana falou da importância do Plano Nacional de Desenvolvimento 2013-2017. Que plano é este e que objetivos tem?**

**Bernarda Gonçalves Martins** – O Plano Nacional de Investimento é um plano do país, feito pelo Governo e que visa apontar as principais linhas de funcionamento deste Governo e da sua ação em todos os domínios. E é aí que estão definidas todas as prioridades para os próximos anos.

**VE - Mas falou aqui nas linhas mestras para a saída da crise, que passam por uma forte aposta na industrialização. Como vão operacionalizar esse plano?**

**BGM** – A aposta na industrialização já data de há alguns anos. Como sabe, o nosso país tem vindo a industrializar-se. Nós já não consideramos isto reindustrialização, porque tudo aquilo que foi feito em Angola antes da guerra já não consideramos, pois foi tudo destruído. E por isso esta é uma aposta forte do Governo.

É evidente que, para industrializarmos o país, precisamos de apostar seriamente nas matérias-primas, não só as matérias-primas agrícolas mas, também, outras, como os minerais, resultantes do movimento dos minérios. Então, essa tem sido uma grande aposta do Governo, com o apoio do empresariado nacional e da iniciativa privada, como acabamos agora de assistir aqui com a inauguração desta fábrica de produção de vinagre e de molhos. O Governo tem apoiado muito este tipo de iniciativas e apoiará cada vez mais. E, nesta altura, em que ainda dependemos fortemente da importação de matérias-primas, o papel do Governo é, efetivamente, apoiar com os cambiais necessários. Mas estamos a fazer um grande esforço para que cada vez essa dependência das importações seja menor.

**VE - Que importância têm as empresas portuguesas neste plano de industrialização de Angola?**

**BGM** – As empresas portuguesas têm um peso grande, porque há muitas empresas de Portugal a investir no nosso país,

mas a importância é igual para todo o investidor. Todo o investidor, toda a iniciativa privada é importante para o Governo. Não olhamos se é português ou se não é

português. Todos os investimentos privados em Angola têm a mesma importância e quando nós nos referimos aos investimentos portugueses isso tem a ver com o

## Fábrica portuguesa é "estratégica" para o Plano de Desenvolvimento de Angola

A ministra da Indústria de Angola, Bernarda Gonçalves Martins, deslocou-se na última segunda-feira a Viana, a cerca de 20 quilómetros de Luanda, para a inauguração da primeira fábrica da portuguesa Mendes Gonçalves, da Golegã, fora de Portugal.

A governante realçou, nas declarações que proferiu, que este investimento português no setor agroalimentar em Angola, em parceria com a AngoAlissar, "é um contributo direto para um dos mais importantes objetivos estratégicos do Plano Nacional de Desenvolvimento 2013-2017".

Elogiando as duas empresas e os seus quadros, a ministra desejou "sucessos aos empreendedores, de modo a que possam recuperar o capital investido, contribuir para o crescimento e a sustentabilidade da indústria transformadora angolana, em especial a alimentar, e que, no futuro, possam alargar a atividade para outras províncias do país e em outros ramos da atividade industrial".

Bernarda Gonçalves Martins realçou ainda o facto de este projeto querer envolver, no futuro próximo, "matéria-prima nacional", nomeadamente fruta, para a produção dos vinagres. É que, disse a ministra, "Angola é um país potencialmente rico em fruticultura, o que permitirá a diminuição das importações, e consequentemente, a poupança de divisas".

## Popular Portugal “encaixa” aumento de capital de 37 milhões



O Banco Popular Espanhol aprovou um aumento de capital de 37 milhões de euros para a sua subsidiária portuguesa, para cerca de 513 milhões. O aumento de capital tem por base a emissão de novas ações ordinárias, cada uma com um valor nominal de um euro a realizar integralmente pelo acionista único Banco Popular Espanhol.

## Renegociação das PPP garante poupança de mais de 1,1 mil milhões

A renegociação de nove parcerias público-privadas (PPP) rodoviárias possibilita uma poupança líquida superior a 1,1 mil milhões de euros durante a vigência dos contratos, de acordo com um relatório da Unidade Técnica de Apoio Orçamental (UTAO).



# para que menor”

“As empresas portuguesas têm um peso grande, porque há muitas a investir no nosso país, mas a importância é igual para todo o investidor. Todo o investidor, toda a iniciativa privada é importante”

número de empresas que aqui tem investido.

**VE – Esta aposta da empresa Mendes Gonçalves, que é do setor agroalimentar, é diferenciadora, em sua opinião?**

**BGM –** Sim, muito diferenciadora, sobretudo quando se trata de projetos que, como este, vão investir seriamente na atividade agrícola e industrial em Angola, não só no investimento mas, também, no fomento dessa atividade.

**VE – Acredita que este seja o princípio de novos investimentos por parte de empresas portuguesas?**

**BGM –** Estes investimentos não são novos. Esta é uma continuidade do investimento.

**VE – Anunciou em finais de 2015 um programa para a construção de vários pólos de desenvolvimento industrial em todas as províncias angolanas. Que programa é este?**

**BGM –** Estes pólos já foram criados há uns anos a esta parte. O nosso problema tem sido a sua infraestruturação. Neste momento, através de uma linha de crédito, vão ser infraestruturações os primeiros sete pólos neste biênio – 2016 e 2017. No total, serão uns 300 milhões de dólares de investimento.

**VE – Quais são os pólos em que essa infraestruturação vai arrancar já?**

**BGM –** Vai ser em Malange, em Quanza Sul, Quanza Norte, entre outros. É um plano para dois anos. No final de 2017 vamos ter praticamente uma boa parte desses pólos infraestruturações, ou seja, com infraestruturas ao nível de eletricidade, de saneamento, os arranjos, energia e água, fundamentalmente. A verdade é que temos muitos empreendedores à espera destas condições para que possam instalar-se cá.

\* A JORNALISTA VIAJOU A CONVITE DA MENDES GONÇALVES.

CARLOS MENDES GONÇALVES REVELA PROJETOS PARA UMA NOVA UNIDADE INDUSTRIAL NO IRÃO

# Paladin inaugura fábrica em Angola com os olhos no Médio Oriente



Da esquerda para a direita: Wissam Ners, CEO do grupo Webcor, Bernarda Gonçalves Martins, ministra da Indústria de Angola, Philippe Beck, chefe das operações do grupo Webcor, e Carlos Mendes Gonçalves, CEO da Mendes Gonçalves.

TERESA SILVEIRA, EM LUANDA \*  
teresasilveira@vidaeconomica.pt

A Mendes Gonçalves, da Golegã, dona dos vinagres e molhos Paladin e Peninsular, inaugurou esta semana, em Viana, a escassos 20 quilómetros de Luanda, a sua primeira fábrica fora de Portugal, destinada à produção de vinagres, em parceria com a AngoAlissar, a maior empresa de distribuição alimentar de Angola.

No horizonte está já uma segunda fábrica em Angola, no Lobito, e uma terceira, também para molhos e vinagres, mas no Irão, novamente em parceria com a AngoAlissar e com um terceiro parceiro, iraniano, simultaneamente “industrial e distribuidor”, revelou à “Vida Económica” Carlos Mendes Gonçalves, CEO da empresa, em Luanda (ver entrevista com o CEO da Mendes Gonçalves no próximo suplemento “AgroVida”).

O investimento agora inaugurado em Angola ascendeu a cinco milhões de dólares (cerca de 4,4 milhões de euros), foi realizado em parceria (50%/50%), e permitiu a criação de 25 postos de trabalho diretos, “todos angolanos”, frisa Carlos Mendes Gonçalves, orgulhoso de uma fábrica que “faz todo o sentido num país – Angola – com estas características” e para onde já exportam há mais de 30 anos.

“Este é um projeto de longo prazo para Angola”, garante Carlos Mendes Gonçalves, afastando qualquer sentimento de arrependimento por ter decidido avançar para este investimento, decidido ainda antes de estalar a crise económica e financeira em Angola em finais de 2014, devido à quebra do preço da principal fonte de receitas do país, o petróleo.

“Nós andamos sempre em contraciclo”, refere Carlos Mendes Gonçalves à “Vida Económica”, notando que “mantivemos sempre a nossa presença cá em todas as situações”. Ou seja, “nunca nos entusiasmos muito a quando do tempo das vacas gordas”, por um lado, e “nunca nos fomos embora nos

momentos mais difíceis” da vida do país, por outro.

O CEO da Mendes Gonçalves está, pois, seguro de que a atual situação em Angola é “conjuntural”. E, por isso, “não nos arrependemos de maneira nenhuma” de ter avançado para a construção da nova fábrica. Um projeto que deverá ser, aliás, alargado em 2017 para acolher também a produção de molhos, o que fará elevar o investimento aos 10 milhões de dólares, também em parceria 50%/50% com a AngoAlissar. Um montante que representa o dobro do investimento inicial, dado que “toda a estrutura dessa nova unidade e todos os equipamentos são mais

sofisticados” e, como tal, “mais caros”.

A Mendes Gonçalves, com sede na Golegã, tem perto de 35 anos de atividade em Portugal e emprega 250 pessoas, entre as quais 11 afetas ao departamento de investigação e desenvolvimento, para onde canalizam cerca de 2% do seu volume de negócios anual.

A empresa exporta o seu portfólio de produtos para 23 mercados nos cinco continentes e faturou 28 milhões de euros em 2015. Prevêem crescer 10% este ano, também em resultado da operação da nova fábrica em Angola.

\* A JORNALISTA VIAJOU A CONVITE DA MENDES GONÇALVES.

## FMI em Angola é “uma solução de curto prazo”

A AngoAlissar, parceira da empresa da Golegã para esta fábrica de vinagres e molhos em Angola e para as futuras unidades do Lobito e do Irão, “já está na distribuição alimentar em Angola há 25 anos e é parceiro da Mendes Gonçalves na distribuição há mais de 15 anos”, realça o Wissam Ners, CEO do grupo Webcor, em declarações à “Vida Económica”.

Wissam Ners explica que distribuem os produtos da Mendes Gonçalves “em todo o país” e que os mesmos são “muito bem aceites por todos os angolanos”. Razão por que “a ideia é juntarmo-nos para industrializar localmente e continuar a distribuir localmente”. A AngoAlissar representa “as mais importantes marcas portuguesas do setor agroalimentar em Angola”, lembra o CEO do grupo, revelando que o mesmo “emprega 2150 pessoas só aqui em Angola”, tendo atingido um volume de faturação de 820 milhões de dólares em 2015 (cerca de 720 milhões de euros).

“O principal negócio do grupo é alimentar, mas também temos outros investimentos que começaram já há 20 anos atrás, com materiais de construção fabricados cá, como tanques de água, colchões, tintas e material de construção e plástico”, explica o empresário de origem libanesa, para quem a atual conjuntura em Angola é “conjuntural”.

“Esta é uma situação difícil, mas nós achamos que é uma fase”, diz Wissam Ners à “Vida Económica”, notando que “a falta de dólares no país diminuiu as importações e iniciou uma deflação que diminuiu o poder de compra dos consumidores”. Não obstante, “nós esperamos que, até ao fim do ano, esta fase seja ultrapassada”.

Questionado sobre a presença do FMI em Angola, o CEO do grupo AngoAlissar está “convencido que é uma solução de curto prazo”. “Claro que o país não vai depender de ninguém. Angola é um país muito rico e vai depender dele mesmo. Vamos só sair desta dependência do petróleo e permitir que o país tenha uma economia independente”, concluiu o empresário.

## ATUALIDADE

**FMI mais pessimista do que o Governo português**

O Fundo Monetário Internacional continua pessimista quanto ao desempenho da economia portuguesa. Para este ano prevê um crescimento de apenas 1,4%, devendo abrandar para 1,3%, no próximo exercício. Por outro lado, a entidade liderada por Christine Lagarde voltou a insistir na necessidade de adiar o fim dos cortes salariais e da sobretaxa. E não acredita que seja possível atingir a meta de défice de 2,2%, este ano.

**Desemprego português é o dobro da média da OCDE**

A taxa de desemprego, em Portugal, fixou-se em 12,3%, em fevereiro, o que fez com que o nosso país mantivesse a terceira posição dos países com as taxas mais elevadas da OCDE. Só a Grécia (24%) e a Espanha (20%) estão à frente de Portugal nesta lista. Já a média do conjunto dos países daquela organização foi de 6,5%, o que traduziu uma tendência de estabilização.

NOVO BOEING 787 DREAMLINER FEZ VOO INAUGURAL EM MADRID

# Air Europa alarga frota com Boeing

O primeiro Boeing 787 Dreamliner entrou em atividade na Península Ibérica através da Air Europa. O avião foi apresentado na semana passada no aeroporto de Barajas durante um voo inaugural e no mesmo dia fez o primeiro voo comercial, ligando Madrid a Miami.

O avião foi o primeiro de um total de 22 unidades 787 que a Air Europa encomendou à Boeing para expandir a sua frota de longo curso para operar nos voos para Bogotá, Santo Domingo e Nova Iorque.

O valor total dos novos Boeing 787 ronda os 5000 milhões de euros, com um preço de 200 milhões de euros por avião, segundo revelou Juan José Hidalgo, presidente da Air Europa. Mas não se trata de um investimento efetivo porque a Air Europa contratou a sua utilização por um período de 12 anos.

Na apresentação do novo avião estiveram mais de 300 convidados, incluindo o presidente da AENA, a secretária geral de Transportes, quadros superiores da Boeing e vários embaixadores de países latino-americanos.

Para Maria José Hidalgo, diretora geral da Air Europa, a aposta nos novos Boeing 787 é um momento marcante na vida da companhia: "Hoje cumpre-se um sonho que alimentámos durante anos" – afirmou.

O avião é considerado um dos mais modernos, incorporando os novos desenvolvimentos tecnológicos. Num voo entre Madrid e Miami, o 787 Dreamliner reduz o tempo de viagem em 30 minutos e gasta menos seis toneladas de combustível, em comparação com os aviões atuais.

O aumento da velocidade e a redução do peso, que permite uma poupança de combustível de 20%, é conseguida pela



substituição dos componentes de alumínio e titânio por fibra de carbono.

Com as alterações introduzidas, a pressão no interior da cabine é mais baixa, tornado as viagens menos cansativas para os passageiros e a para a tripulação.

O ambiente a bordo é mais confortável e mais silencioso. As janelas são maiores com um aumento de 30% da superfície vidrada e um novo tipo de vidro que controla a entrada de luz, alargando consideravelmente o campo de visão dos passageiros.

A arquitetura interior inclui um novo sistema de iluminação que simula a cor do céu e muda a sensação do espaço interior. Todas as cadeiras estão equipadas com écran tátil e wi-fi.

**Base de manutenção em Madrid**

O alargamento da frota da Air Euro-

**Avião é mais rápido e gasta menos 20% de combustível****Passageiros têm mais conforto e visão alargada**

pa com a Boeing está a ser acompanhada por um investimento nos serviços de manutenção. "Além da base técnica instalada em Palma de Maiorca, onde o grupo Globalia faz serviços de reparação e manutenção de aeronaves para outras companhias, vai ser alargada a assistência técnica no aeroporto de Barajas, em Madrid" – disse à Vida Económica, José Minguez, country manager da Air Europa em Portugal.

A companhia espanhola tem voos diários entre Madrid e Lisboa e Madrid e o Porto, assegurando aos passageiros portugueses a ligação ao "hub" de Madrid.

José Minguez referiu que a maioria dos passageiros portugueses que voam para Madrid faz viagens intercontinentais, beneficiando dos preços e dos tempos de voos mais atrativos que a Air Europa proporciona em comparação com a oferta do mercado.



## Crescimento chinês desacelera

O Banco Mundial avisa que a economia chinesa deverá registar um abrandamento no ritmo de crescimento, este ano. A descida deverá fazer com que o crescimento se fique pelos 6,7%, sendo que será ainda mais intenso no próximo exercício, na ordem dos 6,2%. A instituição admite mesmo que haverá um abrandamento da segunda maior economia do mundo nos próximos anos, não sendo ainda previsível o retorno às fortes taxas de crescimento do passado.

## OCDE avisa para abrandamento da economia nacional

A OCDE avisa que o crescimento económico português vai voltar a abrandar nos próximos meses. Uma tendência que já se verifica desde agosto do ano passado. Isto numa altura em que a maioria das economias dos países desenvolvidos dá mostras de uma estabilização. Também o FMI alertou para um potencial agravamento do défice. O próprio Banco de Portugal está mais pessimista do que o Governo nacional.

JOÃO VASCONCELOS NO INTERNATIONAL CLUB

# Portugal pode ser líder na nova era industrial

“A indústria 4.0 é uma revolução que está em curso” – afirmou João Vasconcelos. O secretário de Estado da Indústria foi o orador-convidado do último debate do International Club of Portugal.

João Vasconcelos considera que esta é a revolução onde ser português não é um problema. “A nossa localização geográfica não interessa. É a primeira vez que, numa

Cerca de metade dos empregos criados no país devem-se à iniciativa de empresas jovens. Para o secretário de Estado da Indústria ajudar as empresas jovens a criar o seu negócio é uma forma de ajudar ao lançamento de postos de trabalho.

De acordo com os dados da Comissão Europeia, 85% dos novos postos de trabalho são criados pelas microempresas.

Uma das apostas do Governo é o programa Startup Portugal, que foi lançada em março como uma estratégia nacional para o empreendedorismo. Uma das vertentes é o programa Momentum, que vai permitir a um licenciado que tenha beneficiado de



Choi Man Hin e António Saraiva.

revolução industrial, Portugal, devido aos investimentos já efetuados na vertente tecnológica, pode ter a ambição de ser parte dos líderes deste movimento” – referiu.

Esta revolução está a mudar as fábricas e muitos modelos de negócios. O Governo está a lançar um debate com várias empresas internacionais sobre a forma como as indústrias portuguesas podem integrar a economia digital.

### Prioridade ao emprego

“A prioridade do Governo é a criação de emprego” – considerou João Vasconcelos.



André Jordan.



João Vasconcelos e Manuel Ramalho.

uma bolsa de ação social na Universidade criar a sua empresa. Com esse objetivo vai dispor de residência, espaço de incubação e uma verba mensal para fazer face às suas despesas pessoais.

O Startup Portugal prevê também a criação de uma Zona Franca Tecnológica com legislação e regulamentação atrativas para setores inovadores. O Governo quer atrair estrangeiros com atividades inovadoras, na sua fase inicial, quando estão a ser desenvolvidos e antes de serem projetos empresariais. Depois poderão ficar em Portugal.

Para João Vasconcelos, as 15 medidas previstas pretendem apoiar toda a cadeia de uma start-up em todos os setores de atividade, alargando a outras regiões as iniciativas que já foram concretizadas em Lisboa, Porto ou Braga.

O Web Summit, que decorrerá em Lisboa em novembro vai ser um bom momento para todos dando a oportunidade para mostrar um Portugal diferente ao mundo. O objetivo do Governo é que os efeitos do evento não se resumam aos dias do evento, e que possam ter reflexos positivos na economia.

PUB

5 DE MAIO DE 2016 | PORTO LEIXÕES | 14h30

SEMINÁRIO  
**INTEGRAÇÃO DAS PME EM REDES  
DE COMPRAS INTERNACIONAIS**

INSCRIÇÃO GRATUITA, PORÉM OBRIGATORIA, EM:  
[SEMINARIOINTERNACIONALIZACAO.WORDPRESS.COM](http://SEMINARIOINTERNACIONALIZACAO.WORDPRESS.COM)  
PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE:  
91 888 99 66 - NEWS.PT@SGS.COM

ORGANIZAÇÃO



MEDIA PARTNER



VidaEconómica

## Espanha quer considerar delito a fraude fiscal a partir de 50 mil euros

O Governo espanhol quer reduzir de 120 mil para 50 mil euros o limite para se considerar delito a fraude fiscal. O objetivo é equiparar este delito à fraude à Segurança Social e aos cofres europeus. Em Espanha são perdidos 60 mil milhões de euros todos os anos em receita fiscal, sendo que os rendimentos elevados acumulam mais de 80% da fraude fiscal total.

## Nokia elimina milhares de postos de trabalho

O grupo finlandês Nokia vai fazer um reajustamento na sua equipa a nível global, que implicará dispensar milhares de funcionários. Para já, sabe-se que serão reduzidos 1300 postos de trabalho na Finlândia e cerca de 1400 na Alemanha. A França também deverá perder cerca de 400 colaboradores. Este plano da tecnológica prende-se com a necessidade de completar a integração da Alcatel-Lucent, adquirida no início deste ano. A empresa promete, no entanto, criar postos de trabalho na área da investigação e do desenvolvimento.

# Organização Mundial do Comércio revê previsões em baixa

É uma má notícia no que se refere à eventual recuperação da economia mundial. A Organização Mundial do Comércio

(OMC) reviu em forte baixa as suas perspetivas de crescimento para este ano. Em setembro, as estimativas apontavam para um

acréscimo de 3,9% do comércio global, agora as previsões indicam que o avanço se ficará por apenas 2,8%, o que não



A quebra no comércio mundial terá um forte impacto nas taxas de crescimento mundiais, na perspetiva da OMC.

deixa de suscitar muitas preocupações.

O que significa que o ritmo de crescimento não será muito diferente daquele verificado no ano passado. É verdade que a evolução continua a ser positiva, no entanto, o ritmo será muito inferior ao esperado, o que terá consequências nefastas no crescimento económico mundial. Pelo quinto ano consecutivo, o crescimento fica abaixo dos três pontos percentuais. Aliás, o próprio Fundo Monetário Internacional já tinha avisado para um cenário menos otimista do que o esperado.

Nem tudo é necessariamente mau, mesmo se os analistas estão céticos, tendo em conta esta nova revisão. A OMC admite que o próximo exercício trará melhores novas. Assim, as previsões da organização, no próximo ano, apontam para uma taxa de 3,6%. Ainda assim, trata-se de um valor muito inferior àqueles atingidos na década de noventa, em que foi atingida uma média anual a rondar os 5%, o que levou a uma situação económica mais folgada em todo o mundo e foi o período em que os mercados emergentes começaram a dar mostras de um muito maior dinamismo.

Entretanto, importa notar que estes cenários, como habitualmente, não estão isentos de riscos. A evolução do comércio mundial poderá ser mais lenta do que se espera, sobretudo se o abrandamento da economia chinesa for mais acentuada do que está previsto. E não é o único problema. Os especialistas da Organização Mundial do Comércio apontam ainda os riscos decorrentes da volatilidade dos mercados financeiros e dos países que estão fortemente endividados e muito expostos às flutuações das taxas cambiais. A boa notícia poderá vir do lado da Zona Euro, caso a política monetária do Banco Central Europeu garanta um crescimento mais rápido do que o esperado.

## Cobrança de dívidas a clientes

20 abril **Porto**

26 abril **Lisboa**

9h30-13h00 | 14h30-18h00

### DESTINATÁRIOS:

Quadros e pessoal administrativo das áreas: Comercial, Financeira e Administrativa

### OBJETIVOS:

- Propor métodos de organização de um sistema de Controlo do Crédito a Clientes;
- Proporcionar métodos práticos de cobrança;
- Aumentar a formação das pessoas do departamento de cobranças, assim como de todos os que integram as áreas comerciais, financeiras e administrativa e que de uma forma direta ou indireta têm uma ligação com o crédito a clientes e com as cobranças;
- Mostrar a importância na tesouraria dos créditos e dos encargos financeiros relativos às vendas de crédito.

### Preços:

Público em Geral: € 120 + IVA

Assinantes: € 90 + IVA

### Organização:

**VidaEconómica**

### Informações/Inscrições

Patrícia Flores (Dep. Formação) Vida Económica - Editorial SA,  
Rua Gonçalo Cristóvão, 14 R/C  
4000-263 Porto  
Tlf: 223 399 437/00 | Fax: 222 058 098  
Email: patriciaflores@vidaeconomica.pt

### 1. Como diminuir o crédito vencido

- A análise ABC dos créditos vencidos
- A revisão periódica dos montantes de crédito atribuídos
- Como estabelecer plafonds de crédito
- O custo do crédito

### 2. Como organizar um serviço de cobranças

- Objetivos de um serviço de cobranças
- Definição de um sistema de cobranças
- A necessidade de informações atualizadas e fidedignas
- Organização de um ficheiro histórico de clientes
- A coordenação entre os diversos serviços da empresa

### 3. Ações a desenvolver no processo de cobranças

- Controlo de cobranças
- Classificação dos devedores
- Os aspetos psicológicos de uma boa cobrança
- A cobrança telefónica

### 4. Os aspetos jurídicos e a cobrança das dívidas dos clientes

- O procedimento judicial
- Jurisprudência sobre títulos executivos

### 5. Os aspetos fiscais

- Questões de crédito e aspetos fiscais em termos de IRC
- Questões de crédito e aspetos fiscais em termos de IVA

### 6. Cuidados a ter com os meios de pagamento utilizados pelos clientes

- Cheques
- Letras
- Sistema de Débitos Diretos

### 7. O atraso nos pagamentos e a aplicação de juros comerciais

- Legislação
- Cálculos de juros

### 8. Como diminuir o risco de crédito

- O factoring sem recurso
- Os Seguros de crédito
- As garantias

### 9. Cartas-tipo e formulários para o controlo de crédito e cobranças

## Portugal com forte quebra na eficiência energética

Portugal apresentou a segunda maior descida no que se refere à estratégia de implementação das políticas de eficiência energética na União Europeia, desde 2012, num ranking liderado pela Dinamarca. O que se entende, em consequência das medidas de austeridade que foram implementadas nesse período de tempo. Deste modo, o nosso país desceu do sexto lugar para o 21º, só ultrapassado por Malta, que baixou 22 posições.



PAULO VAZ  
Diretor-geral da ATP

### Sem estratégia e sem emenda

Costuma-se dizer que, quando não se sabe para onde se vai, todos os caminhos são bons. Também se acrescenta que, normalmente, esse destino errático acaba num beco sem saída ou num precipício. Navegar à bolina, esperando que os ventos nos levem a boa costa, invariavelmente termina em naufrágio num qualquer escolho ou num recife traiçoeiro, que surgem sempre. É assim na vida. Em qualquer existência, seja ela pessoal, seja ela de uma empresa ou de um país.

Vivemos em Portugal, talvez há demasiado tempo, esta realidade, este desatino.

Não temos uma estratégia para o país, não temos projeto para o país, não temos sequer ideias para o país. Esta absoluta ausência de substância orientativa traduz-se em decadência, indistigável, e na delegação da liderança em políticos cada vez mais destituídos de qualidades, com nula preocupação pelo bem comum ou pela prossecução do interesse nacional, a maioria das vezes focados apenas na própria

esquerdistas bolivarianos até que os mesmos descambem em guerras civis, realizando um retrocesso civilizacional sem memória, condenando à miséria largos milhões de seres humanos, ao mesmo tempo que a China, cujo milagre económico parece estar a empalidecer a grande velocidade, vai fechar-se, endurecendo o seu regime político autocrático, que apenas aliviou para tirar melhor partido do fenómeno globalizador.

Neste quadro pouco acolhedor que se desenha para futuro, que faz Portugal?

A ausência de um projeto coletivo é talvez a melhor marca. Um governo que vive um dia de cada vez, assente numa maioria de esquerdas, que vai da moderação que o bom-senso impõe ao mais completo exercício da irresponsabilidade e inconsequência, como se vivesse isolado do mundo e independente da sua dinâmica. Os sinais da degenerescência avolumam-se na economia, de que a estratégia (falhada) do crescimento pelo consumo interno seria a resolução de todos os problemas:

### Navegar à bolina, esperando que os ventos nos levem a boa costa, invariavelmente termina em naufrágio num qualquer escolho ou num recife traiçoeiro, que surgem sempre.

sobrevivência e da sua base de apoio. Não é um mal português. Apenas conhecemos melhor e está mais próximo aquilo que nos toca, sem descurar o fenómeno que alastra como de uma doença que está a corroer o mundo hodierno e que faz começar a temer seriamente pelos tempos mais próximos. As gerações vindouras vão ter tempos bem mais difíceis do que aqueles conhecemos.

Os extremismos estão a ganhar espaço nas democracias, podendo colocar em causa os regimes, que, malgrado todos os defeitos que se lhes possam assacar, são ainda a garantia de liberdade, acesso às oportunidades, geração de riqueza e desenvolvimento, assim como à sua repartição mais equilibrada. A Europa começa a repartir-se entre países governados pela extrema-direita a Norte e Centro, e a extrema-esquerda a Sul, os Estados Unidos podem estar prestes a eleger uma aberração profascista como Donald Trump como Presidente, uma espécie de contraponto de Putin, na Rússia, embora bem menos discreto e porventura mais perigoso, a América Latina vai manter os seus regimes

exportações em queda, subida dos juros da dívida, bolsa deprimida, desemprego em alta e investimento a afundar a níveis de 2011. Não tarda, estamos novamente a chocar contra o muro da realidade e a clamar por auxílio externo, que chegará em condições ainda mais gravosas e com sacrifícios mais difíceis de suportar. O que nos restará então: o grito de independência da esquerda radical, recusando o apoio dos credores internacionais e precipitando o país para a miséria e muito provável o confronto interno? O ajoelhar incondicional perante potências estrangeiras, incluindo a União Europeia, que não terá desta vez qualquer contemplação ou clemência, nem sequer no discurso? Quem conhece a História de Portugal sabe que nada disto é inédito e que tudo se torna recorrentemente cíclico quando não se aprendem as lições que a mesma nos confere. Ter como estratégia apenas a sobrevivência imediata invariavelmente termina por nem sequer esta se conseguir.

Portugal não tem emenda!

## Porto de Setúbal avança com janela única portuária

O Porto de Setúbal tem em curso os projetos de implementação da janela única portuária e do cartão único portuário, tendo em conta os processos de escala dos navios na sua componente de gestão portuária e de acessos aos terminais. "É dado mais um passo na evolução dos sistemas de informação do porto, que ao longo dos anos têm conseguido dar resposta aos desafios e às exigências que o negócio portuário representa", refere a administração.

## "Portuguese Jewellery Newborn" lança novos talentos da joalheria portuguesa

A joalheria portuguesa reinventa-se a cada dia pela mão e criatividade dos novos designers nacionais. A Associação de Ourivesaria e Relojoaria de Portugal (AORP) criou uma nova marca "Portuguese Jewellery Newborn", que servirá de ponto de partida para jovens criadores, que pretendam promover a sua marca a nível nacional e internacional.

Ao talento e saber-fazer herdado de geração em geração, os novos criadores somam criatividade, design, e inovação e não conhecem fronteiras. O mundo é o seu destino e, dos EUA ao Japão, encontram reconhecimento e novos públicos.

Segundo Ana Freitas, presidente da AORP, a joalheria portuguesa é um dos setores de maior tradição em Portugal. Mas a tradição constrói-se todos os dias. Os jovens criadores abrem novos caminhos à joalheria portuguesa



e a AORP tem como objetivo ajudá-los a trilhar estes novos caminhos, tanto no mercado nacional como internacional."

Para apresentar a nova marca, a AORP reuniu, em Lisboa, nove criadores que representam o sangue novo da joalheria portuguesa: Ana João Jewelry, Bruno da Rocha, Iglezia, Inês Telles Jewelry, Joana Ribeiro, Mater, Minha Joia Atelier, Nuuk e Sopro.

PUB

www.fonteviva.pt  
808 290 000  
comercial@fonteviva.pt

fonte viva  
Em todos os momentos

ÁGUA  
Uma fonte  
ao seu lado

RECEBA A  
PRIMAVERA  
COM FRESCURA

Agora, promoções irresistíveis!

água  
pura e fresca

bebidas quentes  
café e chá

fruta  
fresca



# Banco BIC



**JOSÉ DE SOUSA**  
Presidente e CEO da Liberty  
Seguros

## O que fazer com as elites que temos?

Estive fora de Lisboa durante alguns dias e, quando regresssei ao escritório, fui confrontado com a dura realidade daquilo que significa a rutura brusca de um hábito que já durava há 13 anos, tantos quantos os que levo em Portugal, após uma ausência profissional de 25 anos por geografias distantes. Nos dias que passo no escritório em Lisboa (poucos), a minha manhã começa invariavelmente pela leitura do “Jornal de Negócios” (hábito que espero que continue...) e do já saudoso DE (“Diário Económico”), que implodiu vergenhosamente e desapareceu das bancas.

Durante alguns anos, dava a impressão que nada de importante (fusão, aquisição, projeto) se fazia em Lisboa que não passasse pelo crivo de dois ambiciosos, trabalhadores, muito diligentes e inteligentes “jovens turcos” da nossa efêmera Primavera Económica Europeia, os sócios da Ongoing, a dona do “Diário Económico”. Apesar de tudo aquilo que tem sido escrito sobre eles, houve uma época em que parecia que estes dois jovens iam mesmo mudar o panorama do capitalismo moderno em Portugal, marcando-o de forma indelével com o seu cunho pessoal, sempre sob a asa protetora do BES/DDT, que financiou e orientou muitas operações, como a da catastrófica defesa da PT contra a OPA da SONAE, e certamente também recorrendo a algumas ligações políticas importantes, que sempre “ajudam” (aqui foi mais ajudar a destruir).

Não vou entrar a escarpelizar as razões pelas quais essa complexa construção empresarial caiu estrondosamente. Certamente as encontraremos nas falhas colossais de “corporate governance”, as

melhor do que eu para fazer essa análise, e espero que alguém com tempo para pesquisar e para escrever escreva o “case study” daquilo que foi o capitalismo à portuguesa desde a introdução do Euro, ou seja, de 2002 para cá. Fica-se de olhos em bico, estarrecido, assustado mesmo, com a dimensão da destruição de valor que ocorreu em Portugal nestes 14 anos. Neste particular e triste caso do “Diário Económico”, mais um projeto português que se afunda num lodaçal incompreensível de turva gestão à “tuga”, ficamos a saber entretanto que a Ongoing deixou atrás de si um rasto de dívidas maioritariamente incobráveis que atingiram o valor esmagador, inenarrável para um país da nossa dimensão, de mais de 1200 milhões de euros. Muito pouco deste valor estará aparentemente assegurado por garantias reais que não sejam, uma vez mais, apenas as ações que esse dinheiro emprestado pela banca compraram (e que valem todas uma fração daquilo que custaram)! Ou seja, os bancos acabaram por ter de digerir prejuízos monumentais, e como os acionistas não conseguem “engoli-los”, muitos desses prejuízos acabam por ser suportados pelo contribuinte, através do salvamento público dos bancos, como vimos em vários casos recentes! Os “empresários”, esses, ficam bem na vida. Já me dizia o meu falecido pai (e faleceu há 20 anos) que Portugal era um país de empresas pobres e empresários ricos. Nem sabia o meu pai o quão proféticas iriam ser essas palavras quase 20 anos depois.

Não sei se, tirando os bancos (BPN, BES, BANIF), todos com “estouros”

tantos outros que desfilaram por nós ao longo destes anos, matéria para escrever grossos tratados e “case studies” sobre destruição de valor para o acionista, sobre o perigo da promiscuidade entre grupos económicos e financeiros e o poder político de turno, sobre as gravíssimas falhas de “corporate governance” existentes em grupos nacionais de dimensão internacional, alguns cotados mesmo em bolsa, sob a irresponsável cumplicidade tácita (ou então incompetência) dos reguladores que assistiram a tudo isto agindo apenas quando o descalabro já era irremediável, enfim, sobre as terríveis facetas e as debilidades que o capitalismo nacional, em promiscuidade escandalosa com o poder político, e algum setor financeiro, revelou desde a introdução do Euro.

O interessante é que muitas das figuras ditas de elite que ao longo destes anos foram tendo uma relevância maior ou menor nos casos descritos, e em muitos outros aqui não descritos, foram as que assinaram, em outubro de 2002, 10 meses após Portugal entrar no Euro, um “Manifesto dos 40” em defesa dos famosos “Centros de Decisão Nacionais”. Hoje rimo-nos (com profunda tristeza,

nomes em tamanha aberração têm uma réstia de sentido do ridículo, ainda está a tempo de discretamente deixar de participar no que venha a ser publicado.

Como é possível, repito, como é possível, depois de termos visto aquilo que aconteceu com a banca nacional, que dominou esmagadoramente o mercado financeiro português desde sempre, e apenas se arrisca a perder o domínio do mercado nacional por má gestão, por ter rebentado mais de 40 mil milhões de euros em aventuras escabrosas nos últimos 5 anos, que alguém ainda defenda que é imperioso haver bancos nacionais fortes, e que os espanhóis são um perigo? Já vimos ao que isso conduziu! Os bancos nacionais “fortes” (BCP, BES, BPP, BANIF, BPN) foram rebentados por má gestão, gestão em parte possivelmente criminosa, instrumentalizados em benefício de uma elite que permanece rica, enquanto os bancos tiveram que ser salvos com dinheiro dos contribuintes! O que se quer é perpetuar este sistema? Não brinquemos com coisas sérias!

A Caixa Geral de Depósitos (CGD), bem gerida, com a quota de mercado que tem (e que podia ser bem maior)

**“A Caixa está hoje numa lamentável situação de penúria financeira, da qual espero que consiga sair em breve [e nunca mais volte]”**

**“Não sei se, tirando os bancos [BPN, BES, BANIF], todos com “estouros” bem acima deste valor, a insolvência da Ongoing não terá sido um dos maiores descalabros na história recente do capitalismo nacional”**

mesmas que levaram também o BES e a PT ao descalabro. Tem-se escrito muito sobre o tema, e não me surpreenderia que se venha a escrever ainda muito mais (espero mesmo que se faça, para memória futura). Aquilo que me doeu foi obviamente o que tocou a minha vida. O “Diário Económico” em edição impressa deixou de fazer parte da minha vida matinal. O que isso significa em termos de impacto direto na minha vida é, no entanto, muito menor, ridículo mesmo, quando comparado com aquilo que devem estar a passar os trabalhadores afetados pelo encerramento do jornal, e que certamente estarão a perguntar-se, como eu, como foi possível “gerir” um título como este (o “Portuguese Financial Times”, como eu o definia sempre que mencionava o jornal em relatórios internos para os meus acionistas), até ao desastre, até ao desaparecimento, sem chegar a uma solução que passasse pela sua preservação como jornal económico de referência no panorama económico português.

Outros estarão em posição bem

bem acima deste valor, a insolvência da Ongoing não terá sido um dos maiores descalabros na história recente do capitalismo nacional. Aparentemente, foi igualado pela insolvência do grupo hoteleiro e turístico do grupo Carlos Saraiva (CS), um quase desconhecido em 2001 / 2002, mas que se financiou também na casa dos 1,2 mil milhões de euros de forma incompreensível junto da banca nacional (que ficaram em dívida na banca com a insolvência), e seguido de perto pela insolvência / dívidas do Joe Berardo, que foi usado num estranho jogo de assalto ao poder no Millennium BCP, recebeu um empréstimo de mais de 1000 milhões de euros do próprio BCP, da Caixa Geral de Depósitos (oh banco público do meu coração, para que jogos tuvos foste utilizado, e de que forma “criminosa” foste instrumentalizado no passado...) e do BES, sem outra garantia real que não a constituída pelas ações que adquiriu do banco que queria dominar, em parceria com outras inenarráveis forças obscuras.

Há aqui, nestes casos descritos, e em

claro) sobre o ridículo que essa iniciativa foi à luz daquilo que depois foi acontecendo realmente ao longo dos anos. Muitos dos que assinaram esse manifesto a favor de “Centros de Decisão Nacionais” foram os primeiros a vender as suas empresas a grupos estrangeiros (“Oh tempora, oh mores!”, como diriam os romanos), outros faliram e/ou são casos que acabaram na justiça e, dos 40, muito poucos são aqueles em cujas empresas as decisões ainda são tomadas por nacionais, em território nacional.

E agora, sem qualquer ponta de pudor ou vergonha, pelo ridículo em que indiscutivelmente irão cair, perfila-se novamente um grupo de “elite” nacional que se está a organizar para lançar um manifesto contra a “espanholização da banca nacional”, seja o que for que isso significa. Não deixa de ser interessante a forma como a opinião pública tem vindo a ser testada sobre o possível lançamento deste manifesto. Começou-se por dizer que fulano de tal ou sicrano de tal era um dos signatários de um manifesto que ainda ninguém viu, coisa que prontamente um ou outro dos visados imediatamente negou veementemente, enquanto outros, sem o negar, lá iam dizendo na rádio, na TV ou em jornais que viam com bons olhos esta absurda iniciativa, mas sem dizer taxativamente que serão signatários da “geringonça”, caso ela venha à luz do dia. Há já várias semanas que se fala sobre o manifesto, sem que o texto seja divulgado! Assim, depois do “teste de mercado”, se as pessoas que pensavam colocar os seus

é mais do que suficiente para “regular” o mercado, ser um fator de equilíbrio e dissuasor de políticas comerciais contrárias ao interesse nacional praticadas pelos bancos privados nacionais ou internacionais, quer nos particulares, quer nas empresas. A CGD, que hoje em dia continua a ter uma parcela gigantesca de depositantes praticamente “cativos” (os funcionários públicos), devia ser uma instituição modelar, prudentemente gerida, dedicada realmente à promoção do nacional, ao apoio às PME, ao apoio aos particulares. Instrumentalizada como foi por sucessivos governos do anteriormente denominado “arco de governação”, usada como cabide de emprego dos principais partidos, com administrações apontadas a dedo não pelos seus méritos, mas pela sua cor partidária, ou pelos favores a cobrar ou cobrados (exceções apenas confirmam a regra), a Caixa está hoje numa lamentável situação de penúria financeira, da qual espero que consiga sair em breve (e nunca mais volte).

Quanto ao setor bancário privado, mais do que a cor ou nacionalidade dos acionistas, o importante é que sejam acionistas sérios, de longo prazo, com tradições firmadas na banca, e que não venham a usar os bancos que adquiriram em Portugal como plataforma de lavagem e branqueamento de capitais, como têm sido usados por alguns acionistas que o Banco Central Europeu está a tratar de manter afastados da nossa praça, por razões que estão patentes em todos os jornais.

# NEGÓCIOS E EMPRESAS

## Expocosmética duplica crescimento de expositores e visitantes

FERNANDA SILVA TEIXEIRA  
fernandateixeira@vidaeconomica.pt

A edição de 2016 da Expocosmética, feira de beleza e maquilhagem, que decorreu na Exponor, em Matosinhos, registou um duplo crescimento de visitantes e expositores. Numa edição particularmente virada para o público masculino, estiveram presentes 210 empresas, 20% das quais internacionais, e foram registados mais de 47 mil visitantes.

Em declarações à “Vida Económica”, Carla Maia indica que, desde a sua primeira edição até hoje, a Expocosmética “tem vindo a crescer, com mais expositores e mais visitantes”. Salientando que a evolução de 2015 para este ano foi de “cerca de 10%”, a responsável pelo certame assegura que esta “é a maior feira ibérica do setor” e que “traz um elevado retorno aos expositores”.

### Pluricosmética prepara novas aberturas

Presente no evento, a Pluricosmética, empresa 100% portuguesa, é um bom exemplo da evolução do setor. Com 15 anos de existência, a empresa tem vindo a crescer “exponencialmente”, tendo faturado cerca de 23 milhões de euros em 2015, revela Regina Teixeira. Ainda segundo a diretora comercial da Pluricosmética, a marca possui atualmente 61 lojas em Portugal, sendo que novas aberturas estão previstas a curto prazo.

Questionada acerca do que diferencia a Pluricosmética das restantes marcas de cosmética, Regina Teixeira sublinha a “aposta na formação profissional e nos parceiros”. “Acreditamos que um profissional bem formado será um profissional bem-sucedido” e por isso “criamos o Instituto Pluri”, um centro de formação profissional, que oferece cursos de estética facial, unhas, cabelo e corporal. Em 2015 formaram mil alunos e para este ano esperam formar 1400 alunos e “estamos a fazer uma parceria trazendo gente de fora para investir neste know-how”, frisa a responsável.

### MicaBeauty Cosmetics apresenta cosméticos 100% naturais

Outras das marcas presentes no certame foi a MicaBeauty Cosmetics, de origem norte-americana e representada em Portugal há três anos por Mónica Sofia. A marca aposta numa linha de cosméticos minerais, 100% naturais, com os mais altos padrões de qualidade

profissional.

Assegurando que a participação na Expocosmética “é importante, pois serve de montra de novidades e de produtos”, a responsável revela ainda que a marca, que começou no segmento médio-alto, procura agora posicionar-se no segmento alto e de luxo”.

Presente numa multiplicidade

de espaços, incluindo clínicas, spas, lojas de cosmética e farmácias, a MicaBeauty Cosmetics pretende chegar ao máximo de pontos de venda possíveis e se possível abrir pontos próprios. A marca tem crescido significativamente a nível internacional e Mónica Sofia gostaria que o mesmo “acontecisse em Portugal”.



Maior feira ibérica do setor atraiu 47 mil visitantes.

PUB




## ISAG – European Business School

# Aposte na sua formação, o ISAG aposta em si!

### Pós-Graduação em Fiscalidade

Composta uma vertente de atualização técnica e outra vertente de interação entre a experiência prática e o conhecimento da realidade empresarial dos docentes no domínio da Fiscalidade.

**Vantagens ISAG:**

Corpo Docente Altamente Especializado | Ligação ao mercado internacional |  
Creditação da Formação | Horário Pós-Laboral | Crédito Bancário Especial para  
efeitos de estudos | Novas Instalações com espaços amplos e verdes.

[www.isag.pt](http://www.isag.pt)

 [facebook.com/isag.porto](https://facebook.com/isag.porto) | 220 303 200 | [isag@isag.pt](mailto:isag@isag.pt)

Partner:  
**VidaEconómica**  
EMPRESAS, NEGÓCIOS, INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

+ informações em:  
ISAG – Instituto Superior de Administração e Gestão  
Campus de Salazaras/Ramalde – Rua de Salazaras, 842 | Porto

**Prado - Cartolinas da Lousã comprada por grupo estrangeiro**

A Atena Equity Partners concretizou a compra da Prado - Cartolinas da Lousã, um dos maiores produtores europeus no mercado de cartolinas de elevada gramagem. A empresa registou no último ano um volume de negócios superior a 20 milhões de euros, dos quais 88% para o mercado de exportação.

**Porto de Sines domina mercado portuário**

O Porto de Sines continua a liderar o setor portuário nacional, tendo fechado os dois primeiros meses com uma quota de mercado de 51,5%, tendo em conta o movimento total nacional em termos de tonelagem. Este porto foi o grande impulsionador dos valores recordes de carga movimentada em janeiro e fevereiro, através do comportamento do segmento da carga contentorizada.

# Calvin Klein watches + jewelry inaugura pop up store no Porto

FERNANDA SILVA TEIXEIRA  
fernandateixeira@vidaeconomica.pt

A Calvin Klein watches + jewelry acaba de inaugurar, na cidade do Porto, a sua primeira pop up store em Portugal. Localizada na rua de Santa Catarina, a principal artéria comercial da baixa portuense, a marca suíça procura assim surpreender o

mercado com uma loja que exibe uma gama completa de relógios e joias. Numa cidade com um estilo de vida cosmopolita e trendy, o Porto foi eleito pela marca para testar este novo conceito de loja moderna e irreverente.

Representando um investimento de 80 mil euros, o novo espaço deverá funcionar até ao fi-

nal de 2016, período que poderá ser alargado com base no sucesso e desempenho da loja, e tem como objetivo testar o conceito e avaliar a aceitação no mercado português, criando uma relação de proximidade com os clientes da marca e disponibilizando uma coleção alargada de relógios e joalharia. Esta é a única loja do gé-



A CK pensava abrir um espaço em Portugal há já algum tempo e o Porto é uma cidade trendy, com qualidade de vida e onde as pessoas têm um grande sentido de moda, indica Laura Burdese.

nero da Europa.

Presente na sessão de inauguração do espaço, Laura Burdese, presidente da Calvin Klein watches+jewelry, afirmou à "Vida Económica" que a marca pensava abrir um espaço em Portugal "há já algum tempo" e que o Porto, "uma cidade trendy, com qualidade de vida e onde as pessoas têm um grande sentido de moda", é o "local perfeito" para a abertura deste novo conceito. Assegurando que "esta é uma oportunidade fantástica", a responsável adiantou ainda que a marca tem "grandes esperanças para esta nova loja" e espera, em

breve, "abrir mais lojas da marca em Portugal, especialmente, em Lisboa".

Sublinhando que a marca está já presente em algumas das principais relojoarias e joalharias nacionais, Laura Burdese explicou que a nova pop up store será "um canal de distribuição complementar" e que funcionará como uma verdadeira declaração de marca: "queremos dar aos nossos clientes a oportunidade de ter acesso à nossa ampla gama de relógios e joias, permitindo-lhes descobrir as nossas últimas coleções e fornecer-lhes uma experiência única e completa".



**1º CONGRESSO  
LUSO-BRASILEIRO  
DE AUDITORES  
FISCAIS E ADUANEIROS**

ALFÂNDEGA DO PORTO | 23 DE MAIO DE 2016  
PORTO PALÁCIO HOTEL | 24 e 25 DE MAIO DE 2016  
Porto | Portugal

Valor da inscrição: 50€  
Preços especial para  
assinantes VE €40

VidaEconómica APIT ASSOCIAÇÃO SINDICAL DOS PROFISSIONAIS DA INSPEÇÃO TRIBUTÁRIA E ADUANEIRA FEBRABRAT Federação Brasileira de Associações de Fiscais de Tributos Estaduais

Inscrições/Informações: [www.copekdesign.com/apit](http://www.copekdesign.com/apit)

## Assunção Cristas participa em conferência sobre liderança

A Pessoas e Sistemas – Consultoria em Gestão e Recursos Humanos realiza a 21 de abril, no Porto, a sua conferência anual, subordinada ao tema “Líderes de Hoje, Empresas de Amanhã - a Liderança Posta em Prática”. A conferência contará com a intervenção final de Assunção Cristas, enquadrada na temática da liderança no feminino.



## Comediante Dário Guerreiro sobe ao palco

LenDário é o nome do espetáculo do comediante algarvio Dário Guerreiro, conhecido como Mõce dum Cabréste, que vai estar em palco nos dias 15 de abril, no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, e 16 de abril, no Teatro Ribeiro Conceição, em Lamego, ambos com início às 22 horas. Dário Guerreiro apresenta-se sozinho em palco para falar de coisas que o incomodam e tocar músicas que acredita serem giras.

UM CONTRATO NO VALOR DE 11,3 MILHÕES DE EUROS

# EMEF ganha contrato de 11,3 milhões para a Metro do Porto

TERESA SILVEIRA  
teresasilveira@vidaeconomica.pt

A EMEF, que desenvolve a sua atividade na área da metalomecânica ferroviária, assinou com a Prometro SA (ViaPorto) um contrato para a manutenção ligeira de toda a frota do Metro do Porto, válido pelos próximos dois anos. O valor associado é de cerca de 11,3 milhões de euros, revelou a empresa.

Este contrato prevê a manutenção preventiva e corretiva das frotas Eurotram e Tram Train

que se encontram ao serviço do Metro do Porto, bem como das instalações oficiais, incluindo estações de serviço, equipamentos oficiais e de manutenção e peças de reserva.

A EMEF já tinha ganho o concurso público internacional lançado pela Metro do Porto para a revisão geral dos 960 mil quilómetros dos 35 veículos da frota Eurotram, no valor de 10,6 milhões de euros.

Para o diretor-geral da EMEF, Alberto Castanho Ribeiro, esta “dinâmica de desenvolvimento

e a consolidação das capacidades e competências” da empresa, permitem “projetar a EMEF como empresa de referência na área da manutenção ferroviária e industrial”.

O gestor destaca, aliás, a necessidade de, a partir daqui, “projetar estas valências também nos mercados internacionais”.

Criada em 1993, a EMEF surge em resultado da autonomização da área industrial da CP destinada à reparação e reabilitação do material circulante.

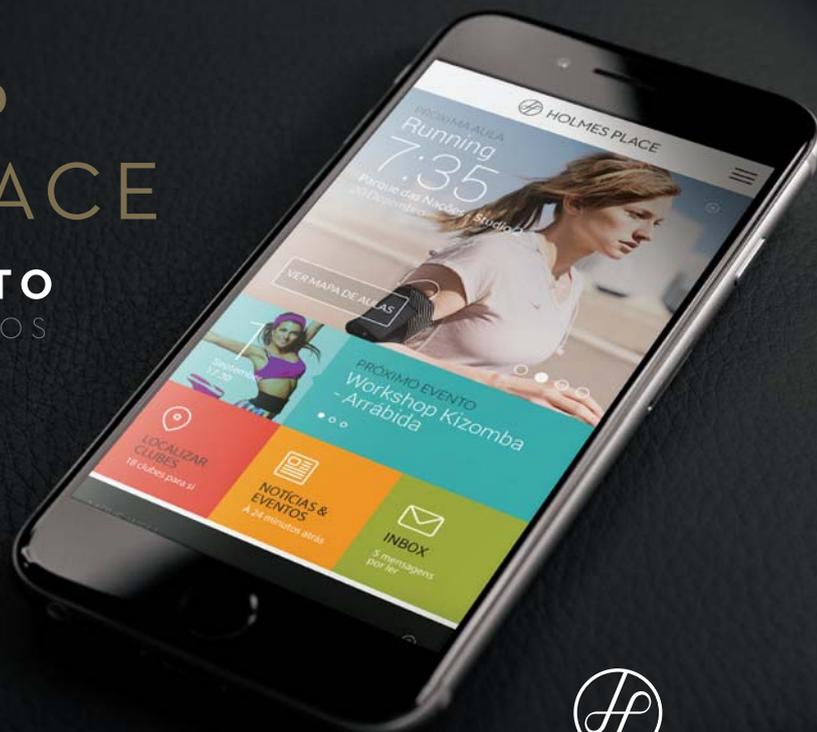


PUB

## CONHEÇA A NOVA APP HOLMES PLACE

DOWNLOAD GRATUITO  
PARA SÓCIOS E NÃO-SÓCIOS

ACOMPANHAMENTO DA EVOLUÇÃO DO TREINO  
MAPA DE AULAS E HORÁRIOS  
CONTEÚDOS EXCLUSIVOS  
INSCRIÇÃO EM EVENTOS  
WORKSHOPS E OFERTAS



Associe-se ao bem-estar.

MAIS INFORMAÇÕES EM HOLMESPLACE.PT



HOLMES PLACE

5 DE OUTUBRO | ALGÉS | ALVALADE | AMOREIRAS | ARRÁBIDA | AVEIRO | AV. DA LIBERDADE  
AV. DEFENSORES DE CHAVES | BOAVISTA | BRAGA | CASCAIS | COIMBRA | CONSTITUIÇÃO  
DOLCE VITA TEJO | MIRAFLORES | PARQUE DAS NAÇÕES | QUINTA DA BELOURA | QUINTA DA FONTE

**NEGÓCIOS E EMPRESAS****Easyjet com oito frequências semanais para o Luxemburgo**

A Easyjet voa três vezes por semana a partir de Lisboa para o Luxemburgo, destino de muitos emigrantes portugueses (segunda maior nacionalidade do país) e cinco vezes por semana a partir do Porto. Em Portugal a Easyjet opera nos cinco principais aeroportos, a saber: Lisboa, Faro, Funchal, Porto e Ponta Delgada e emprega 229 pessoas, todas com contrato de trabalho português.

**Empresas ribatejanas visitam centros do Tagusvalley**

Com o objetivo de dar a conhecer os centros de transferência de tecnologia do Tagusvalley - Parque Tecnológico do Vale do Tejo, a NERSANT mobilizou empresas e entidades da região do Ribatejo a visitarem, ontem, dois centros de transferência de tecnologia: o INOV'LINEA e o LINE.IPT.



# Eurosistra aposta na prevenção e proteção do meio ambiente

DORATRONCÃO

“Cinco por cento dos acidentes que acontecem nas vias devem-se a resíduos mal removidos das vias”, de acordo com Fernando Montenegro, sócio da Eurosistra e responsável pelo mercado português. “Nos municípios onde a empresa está presente, a sinistralidade diminuiu”, acrescenta.

A Eurosistra Segurança e Ambiente aposta em três áreas: prevenção, combate à fraude nos seguros e proteção do meio ambiente.

A empresa, criada em 2006, em Itália, e instalada em Portugal desde 2013, tem por objetivo prestar um serviço às entidades gestoras/proprietárias das vias, na sequência de acidentes de viação, removendo os resíduos sólidos e líquidos e restabelecendo as condições de segurança. Já efetuou 5500 intervenções, recolhendo cerca de 90 toneladas de resíduos e elaborou protocolos com 40 municípios portugueses.

A Eurosistra faz formação com as autoridades de cada município quando começa a operar, tendo desenvolvido ações pontuais com a PSP no sentido de mudar mentalidades, por exemplo no caso dos motoristas de camiões, aconselhando a não abastecer até ao limite do depósito para não verter nas vias ao curvar.

Montenegro refere, todavia, que “os condutores estão sobretudo cada vez mais desportos para os seus direitos” e que “a empresa, caso exista um responsável por um



**Giovanni Deleo e Fernando Montenegro, sócios fundadores da Eurosistra Segurança e Ambiente Portugal, afirmam poder ajudar na redução da sinistralidade, assim como no combate à fraude nas participações de acidentes às empresas seguradoras.**

buraco ou resíduos na via que venham causar um acidente ou dano, trata da burocracia e remete os custos ao seguro ou entidade responsável, quando chamada ao local”, acrescentando que “25% das intervenções da Eurosistra não podem ser imputadas a ninguém e assumimos esses custos”.

**Gastos com acidentes atingem 1,54 % do PIB**

Montenegro declara ainda que, “de acordo com dados fornecidos pela ANSR, um acidente custa em média 735 mil euros – entre perda de produção, in-

capacidade para o trabalho, burocracias, tribunais e vítimas”. “Em 2010, os gastos com acidentes”, revela, “equivalem a 1,54 % do PIB”.: “Não há ninguém que faça na Europa a remoção dos resíduos como nós porque são colocados em depósito e são objeto de tratamento

AIRBUS APRESENTA ESTUDO DA SABRE GDD

## Portugal duplica tráfego aéreo em 10 anos

DORA TRONCÃO

Um estudo sobre a indústria de aviação, elaborado pela Sabre GDD, Airbus, revela que o tráfego aéreo internacional de e para Portugal quase duplicou nos últimos 10 anos, contabilizando +95% entre 2003 e 2013.

A contribuição do setor das viagens e turismo para o PIB português será na ordem de mais 1,5 %, de acordo com o World Travel & Tourism Council, uma contribuição de 25 mil milhões em 2013 e que se espera de 30 mil milhões em 2024. As expectativas de criação de emprego serão na ordem de +0,7% (2013-2024).

Daniel Percy, diretor de marketing da Airbus SAS, afirmou, durante a apresentação daquele estudo em Lisboa, que “a indústria aeronáutica está fortemente comprometida com a segurança”, situan-



O primeiro Airbus Neo a entrar ao serviço é o A320.

do-se a taxa de acidentes aéreos nos 2%, dados de 2014, e apresentando uma redução contínua ao longo dos anos.

Desde o início das operações aéreas nos anos 1950 até aos dias de hoje, a redução de combustível é de -80% e espera-se que a introdução de shakelets (asas prolongadas em 2.4 metros), adotadas globalmente pelos operadores aéreos e atualmente instaladas pela Retrofit nos aviões Easyjet, traga uma redução de consumo de combustível de -4%.

**Novo Airbus Neo entra ao serviço em 2016**

O primeiro Airbus Neo a entrar ao serviço é o A320, pertencente à família best-seller de aviões single aisle (de um só corredor e com mais de 100 lugares), com mais de 12.400 encomendas e mais de

## On Spot Moçambique lança projeto “De Mãos Dadas”

A On Spot Moçambique implementou uma Campanha de Sensibilização para a Migração Segura de Crianças, com o objetivo de informar e alertar sobre os riscos inerentes a esta realidade, tão presente em África e, cada vez mais, no mundo inteiro. O projeto “De Mãos Dadas” percorreu seis escolas da província de Gaza e envolveu, nas suas atividades, mais de 2300 pessoas.



# nção nte

e eliminação. Não há despejos ilegais nas vias. Temos uma máquina patenteada, de origem italiana, hidráulica, logo não há riscos de explosão. A máquina faz aspiração dos resíduos, num tanque com desagregador de hidrocarbonetos, ecológicos, e fazemos a limpeza da via. É um processo 100% verde”, afirma Montenegro. E lembra que “mesmo se há concessionários que têm uma capacidade de intervenção muito diferente dos municípios, no passado recorria-se essencialmente aos bombeiros porque têm nas competências a emergência e socorro e porque muitas entidades não têm as competências nem os meios e os bombeiros não o fazem da forma mais adequada, enquanto a Eurosistra presta um serviço especializado e eficaz aos responsáveis pelas vias”.

Não há muita informação sobre o número de acidentes que originam outro acidente, contudo, Montenegro frisa: “temos uma cláusula de responsabilidade civil que garante que, se houver outro acidente, por falha da nossa atuação, assumimos essa responsabilidade”.

Atualmente, a Eurosistra emprega cerca de 60 pessoas em Portugal, todas formadas na empresa. Investiu inicialmente 500 mil euros na implementação do negócio.

“O modelo de negócio evoluiu no mercado português e a Eurosistra pretende ir mais longe e ajudar as seguradoras no combate à fraude nos seguros”, diz Fernando Montenegro.

6.900 entregas, sendo líder de mercado com uma quota de 60%.

A nova família Airbus Neo entra ao serviço neste ano de 2016, primeiramente com o A320, com mais de 4.500 encomendas de 79 clientes desde 2010, seguindo-se o A321 Neo e o A319 Neo. Trata-se de uma nave que, de acordo com a Airbus, proporciona maior eficiência no gasto de combustível - com uma redução de 15% -, menos emissões de CO2 e menor ruído, assim como menos 14% de custos de operação. A Easyjet já efetuou uma encomenda de 130 A320 Neo.

No final de vida, cerca de 85% do A320 é reciclável, uma percentagem que se espera chegar aos 95% em poucos anos.

A Airbus tem como principal concorrente a Boeing, mas tem vindo a liderar o mercado em sete dos últimos 10 anos, sendo líder de mercado, com 58% das encomendas, para 42% da Boeing.

MEDICARE CONTRIBUI COM DONATIVO DE 10 MIL EUROS

## Fundação do Gil quer relançar unidades móveis de apoio ao domicílio

DORA TRONÇÃO

A Medicare associou-se à Fundação do Gil com o objetivo de relançar as unidades móveis de apoio ao domicílio (UMAD) geridas pela Fundação.

O apoio da Medicare traduz-se num donativo no valor de 10 mil euros e dá início ao contador virtual que registará a angariação de fundos destinados à manutenção das UMAD, criadas pela Fundação do Gil há cerca de 10 anos.

A Fundação pretende angariar 100 mil euros, verba necessária para manter em funcionamento as UMAD em parceria com quatro hospitais públicos (Santa Maria, Dona Estefânia, Fernando da Fonseca e Hospital São João).

Com o arranque deste contador de donativos, a Medicare ambiciona servir de exemplo a outras empresas para que se associem a esta campanha de angariação de fundos que a Fundação do Gil promove. O contador está disponível na página inicial do sítio da Medicare ([www.medicare.pt](http://www.medicare.pt)), assim como no sítio da Fundação do Gil ([www.fundacaodogil.pt](http://www.fundacaodogil.pt)).

A campanha de angariação de fundos para as UMAD vai decorrer ao longo dos próximos seis meses.

Para David Legrant, CEO da Medicare, “este donativo no arranque desta campanha com o lançamento do contador procura servir de exemplo e sensibilização para outras empresas se associarem a esta angariação de fundos da Fundação do Gil”.

Patrícia Boura, presidente executiva da Fundação do Gil, explica que “o projecto das UMAD tem um custo operacional que só é possível assegurar com a maior boa vontade de um conjunto vasto de entidades”.

Criadas em 2006, as UMAD da Fundação do Gil já apoiaram mais de cinco mil crianças em casa e percorreram mais de 400 mil kms em 13 distritos e 56 concelhos.

As UMAD permitiram reduzir em 45% a frequência de reinternamentos, aumentar o bem-estar emocional das crianças em 62%, desenvolver a saúde física em 48%, promover uma maior autonomia clínica das famílias em 46%, e elevar o grau do sentimento de apoio clínico das famílias em 42%, conforme estudo de impacto social realizado para o efeito.

## Fundação Montepio e Comunicatorium cooperam na economia social

A Fundação Montepio e a Comunicatorium, consultora de comunicação que desenvolveu uma tecnologia inovadora centrada na Plataforma Comunicatorium, estabeleceram um protocolo de cooperação. O objetivo é promover a partilha do conhecimento e cooperação entre as entidades da economia social.



FRANCISCO JAIME QUESADO  
Presidente da ESPAP - Entidade de Serviços  
Partilhados da Administração Pública

PRECISAMOS DE UMA NOVA AGENDA CENTRADA NA INOVAÇÃO COMPETITIVA

## O desafio do Portugal Start Up

Portugal tem pela frente o grande desafio de se tornar numa nação “start up”. Trata-se dum desafio único, que tem que assentar numa verdadeira dimensão colaborativa de mobilização dos “atores da mudança” (empresários, académicos, empreendedores) para uma acção de base coletiva de reinvenção estratégica da base competitiva nacional. Trata-se dum contributo que se pretende possa ter efeitos de alavancagem na perceção da necessidade de reinventar a economia nacional. Pretende-se consolidar uma ideia de marca, solidificar as bases de um projeto, protagonizar novas soluções, com novas respostas para questões que teimam em ser as mesmas de há muito tempo a esta parte. O “Start Up Portugal” é a nova resposta para as perguntas que hoje existem na sociedade portuguesa.

Portugal tem que saber ler experiências de sucesso como a de Silicon Valley. É uma ambição fundamental nesta fase de mudança em tempo de crise. O modelo tradicional de criação de valor mudou por completo e nesta fase crítica da economia portuguesa a aposta tem que ser clara - apoiar novas empresas, de preferência de base tecnológica, assentes numa forte articulação com centros de competência e capazes de ganhar dimensão global. Ganhar o desafio de um Portugal empreendedor é em grande medida a demonstração da capacidade de uma nova agenda, assente na inovação, conhecimento e criatividade como fatores que fazem a diferença, numa ampla base colaborativa e participativa.

Tudo tem que começar pelo capital social. Trata-se claramente do vértice mais decisivo do “capital estratégico” que importa construir neste novo tempo. O exercício de maior selectividade dos potenciais promotores de projectos e de maior atenção operativa a uma monitorização dos resultados conseguidos terá que ser acompanhado desta ação global de qualificação sustentada da rede de atores que compõem o quadro de animação social e económica do território. Não se realizando por decreto, não restam dúvidas que esta acção de “competence building” de entidades da administração pública central e local, centros de ensino e saber, empresas, associações e demais protagonistas da sociedade só tem sentido de eficácia se resultar dum exercício de “cumplicidade estratégica” entre os diferentes protagonistas.

Cabe às empresas o papel central na criação de riqueza e promoção duma cultura sustentada de geração de valor, numa lógica de articulação permanente com Universidades, Centros I&D e outros atores relevantes. São por isso as

empresas essenciais na tarefa de endogeneização de ativos de capital empreendedor com efeito social estruturante e a “leitura” da sua prática operativa deverá constituir um exercício de profunda exigência em termos de análise. Tendo sido as empresas um dos atores fortemente envolvidos nas dinâmicas de financiamento comunitário ao longo destes últimos vinte anos, ressaltam indícios de défice de “capital empresarial” em muitos dos protagonistas envolvidos.

Endogeneizar dinâmicas de “inovação proactiva” em articulação com o mercado, geradora de novos produtos e serviços; reforçar a responsabilidade individual do empresário enquanto agente socialmente responsável pela criação de riqueza; fazer do trabalhador um “empreendedor ativo” consciente do seu papel positivo na organização; fazer da “empresa” um espaço permanente de procura da criatividade e do valor transacionável nos mercados internacionais; consolidar uma “cultura de cooperação ativa” entre empresas nacionais e internacionais, pequenas e grandes - são estas as palavras chave de uma nova estratégia para um Portugal empreendedor!

Quando, em 1994, Michael Porter elaborou o célebre Relatório encomendado pelo Governo Português de então, o diagnóstico sobre o que fazer e as áreas estratégicas de atuação ficaram clarificados. Dezassete anos depois, pouco foi feito, a situação competitiva degradou-se em termos globais e Portugal mais do que nunca tem pela frente a batalha da mudança estrutural. Assumidas as prioridades dum “novo paradigma” de desenvolvimento para o país, a aposta numa “agenda de mudança” torna-se prioritária. Ou seja, torna-se um imperativo nacional mobilizar um contrato de confiança para o futuro, centrado em novas ideias e novas soluções para as quais toda a sociedade civil dê um contributo activo.

Portugal como nação “start up” é uma resposta aos desafios que Porter nos deixou. Pretende-se com esta iniciativa trazer a lume duas ideias centrais para uma nova ambição em Portugal - profunda renovação organizativa e estrutural dos setores (sobretudo) industriais e aposta integrada na utilização da inovação como fator de alavancagem de criação de valor de mercado. O “Start Up Portugal” assenta a sua base em cinco fatores críticos de competitividade - instituições abertas e eficientes, talentos e excelência, novos modelos de negócio e redes globais, empreendedorismo e capacidade inovadora, ética e sustentabilidade. São eles a base de uma nova aposta estratégica para Portugal.

## NEGÓCIOS E EMPRESAS

**“K” Line expande serviço intraeuropeu**

A “K” Line Portugal, filial portuguesa do grupo nipónico Kawasaki Kisen Kaisha, está a lançar o seu serviço IBESCO (Iberia, Europe, Scandinavia Loop). Responder ao aumento das exportações nacionais é um dos objetivos principais da expansão deste serviço intraeuropeu que a empresa opera há mais de 20 anos e que, em 2015, representou 65% do seu volume de negócios, registando um crescimento de 10%.

**Randstad recruta no Norte do País**

A Randstad está a recrutar para dois projetos de uma multinacional na zona Norte do país. No total, são mais de 300 postos de trabalho, distribuídos por Matosinhos e Braga, que têm como destinatários pessoas fluentes em francês, em inglês e em espanhol. O projeto inclui a possibilidade de teletrabalho para 78 trabalhadores.



“CONHECIMENTO DA EMPREITADA” PERMITIU CONTINUAR COM O PROJETO APÓS RETIRADA DA CHAMARTÍN

## Pragma acompanhou do início ao fim construção do Nova Arcada



Tiago Rodrigues diz sentir-se “orgulhoso no cumprimento orçamental, dos prazos, zero acidentes graves culminando num projeto de boa qualidade”.

FERNANDA SILVA TEIXEIRA  
fernandateixeira@vidaeconomica.pt

A abertura do novo centro comercial Nova Arcada, ocorrida em meados do passado mês de Março, vem substituir e ocupar o espaço do antigo Dolce Vita Braga, e marca o culminar de um processo que se arrastava há mais de 10 anos.

Presente em todo este processo, “desde o primeiro dia do licenciamento da sua construção”, a Pragma Management, parceiro de excelência na prestação de serviços de gestão integrada de ativos imobiliários, é talvez a “única entidade presente no projeto desde o início (2006) até à sua conclusão (2016)”, afirma à “Vida Económica” Tiago Rodrigues, diretor técnico da Pragma.

Projetado pela imobiliária espanhola Chamartín, que investiu neste projeto cerca de 137 milhões de euros, a construção estava praticamente pronta quando estalou a crise económica e, depois disso, a “troika” chegou ao nosso país. Em resultado do investimento realizado e da situação económica do país, a Chamartín acabou mesmo por entrar em insolvência em Portugal, tendo entregado todos os ativos à banca, mais propriamente à Caixa Geral de Depósitos (CGD).

Depois de, nos três anos anteriores (2007, 2008 e 2009), terem aberto, respetivamente, 14, 13 e 12 espaços, em 2010 a crise dos centros comerciais havia chegado ao nosso país, fruto também de um excesso de oferta. Prova disso mesmo, em 2012 e 2013 não foi inaugurado qualquer

novo centro comercial em Portugal, sendo que apenas em 2014 se começou a sentir uma ligeira recuperação. Foi nesse preciso momento que a CGD e a Sonae Sierra chegaram a acordo para que a segunda ficasse a gerir o centro, sendo que a Pragma continuaria a ser responsável pelo Project Management, devido ao conhecimento da empreitada.

Segundo explica Tiago Rodrigues, ao longo deste processo, a Pragma “teve um papel independente quer da Chamartín, quer da CGD”, mas “não foi insensível à realidade que se passou nos últimos anos devido à crise económica”. Nesse sentido, acrescenta, “foi muito bom “chegar-se” a uma solução num clima completamente adverso” e, por esse motivo, o diretor técnico da Pragma diz sentir-se “orgulhoso no cumprimento orçamental, dos prazos, zero acidentes graves, culminando num projeto de boa qualidade”.

O shopping Nova Arcada, gerido pela Sonae Sierra, abriu finalmente a 17 de março último. No total são 110 lojas distribuídas por 68,5 mil m<sup>2</sup>. E se no passado a Chamartín teve dificuldades em encontrar marcas para arrendar lojas, neste momento a lotação do centro comercial está completa. A grande novidade foi a abertura da nova loja Ikea, que abriu assim a sua quarta loja em Portugal e a primeira em Braga, ocupando mais de 20 mil m<sup>2</sup>. Um espaço que terá um conceito diferente dos outros que a marca sueca tem no país, uma vez que não se trata de um espaço único, mas sim integrado num centro comercial.

CIÊNCIA E ECONOMIA



JACK SOIFER

\*Consultor Internacional, autor de 41 capítulos em livros e livros próprios, em 4 línguas; COMO SAIR DA CRISE, ENTREPRENEURING SUSTAINABLE TOURISM, ONTEM E HOJE NA ECONOMIA, PORTUGAL PÓS-TROIKA?

## Morre o Euro ou a UE?

“OVERLEVER EURON? — O € SOBREVIVE?”, DE HANS TSON SÖDERSTRÖM

E “UNIÃO EUROPEIA”, DE ANTÓNIO COVAS

Um é professor na Stockholm Business School e foi chefe da federação sueca equivalente ao CES. Covas é professor da Universidade do Algarve. Ambos dizem o mesmo, o Euro ou a UE morrem se não houver uma radical reestruturação.

Söderström trouxe cinco renomados economistas para a sua grande obra, repleta de tabelas muito singulares e relevantes. O que ali se diz é que os políticos que dominam a UE desprezaram os alertas e os indicadores de ciclos e de tendências no crescimento económico, o que levou à manipulação do Euro pelos fundos especulativos.

Deveriam ter sido adotadas medidas entre 2000 e 2005 para maior coesão e limitar a disparidade na competitividade entre as empresas de países como a Alemanha e a Holanda, de um lado, e dos países mediterrânicos, do outro. E ainda para travar o efeito perverso na competitividade em consequência de se permitir a grandes empresas evadirem-se aos impostos ao se registarem em paraísos fiscais, como Holanda, Luxemburgo, Isle of Man, etc. Isto provocou a dívida privada e pública que agora nos assola.

O financismo, que ignora os efeitos na economia real, não regista p.ex. o efeito dos investimentos imateriais, que garantem inovações futuras e assim mais rápida adaptação do tecido empresarial à procura de bens e serviços ainda não explicitados. Assim, na p. 89, Harald Edquist mostra que os EUA investiram, em 2010, 11% do seu PIB nesse nicho, a Suécia, Bélgica e Inglaterra 9%, Dinamarca e Finlândia 8%. Isso explica que estes países tenham evitado a recessão estrutural que nos assola, mas também em parte, por alguns estarem fora do Euro (EUA, Suécia, Inglaterra). Já os mais afetados e subjugados à “troika”, como Portugal, Grécia e talvez Espanha, ficaram pelos 4%.

Stefan de Vylder escreve que desde o início o Euro foi mal concebido, ignorando que seria necessário um período de transição na disparidade da competitividade

## “Subiu os custos de contexto, de acesso e de formalidade; ou seja, criou dificuldades para vender facilidades; privatizou o benefício e socializou o prejuízo”

entre a Alemanha e os mediterrânicos. Ele sugere um substancial aumento dos salários na Alemanha ou a saída deste país do Euro, para permitir equalizar o sistema. Mas ele lembra que das cinco tentativas de moeda única entre países independentes ao longo da história, nenhuma vingou. Outra hipótese, menos provável, seria uma federação europeia, com independência para os países, similar aos Länder, na Alemanha.

António Covas desenvolve essa reflexão de federação, há muito defendida por Viriato Soromenho Marques. Ele também alerta para a “questão alemã” e a perturbadora condicionalidade imposta aos pequenos países. Diz que o Acordo de Lisboa mudou a “natureza dos regimes democráticos... ao limitar os direitos e liberdades de cidadania num Estado soberano”. Fala da “desconstitucionalização, ao impor regras de oiro orçamentais e procedimentos financeiros leoninos”. Prefere uma constituição nova, numa Europa Federal. “A 3ª República... não foi capaz de montar um modelo de desenvolvimento económico e social sustentável”. Subiu os “custos de contexto, de acesso e de formalidade; ou seja, criou dificuldades para vender facilidades; privatizou o benefício e socializou o prejuízo”.

“A coligação liderada pela Alemanha não promoveu o ajustamento simétrico na política económica... e apenas resolveu o problema de tesouraria para os credores”. Os sucessivos PEC da UE só têm crescimento no nome e para a Alemanha. O PAEF, Programa de Assistência Económica e Financeira nada fez pela Economia, só beneficiou a banca estrangeira. Soluções? “A política de coesão e a governação económica devem ser profundamente revistas”. “A Federação Europeia e a União para o Mediterrâneo merecem uma 2ª oportunidade”.

Posso agora, terminado o tempo de confidencialidade, informar que há cinco anos foi discutido um Euro-M, Mediterrânico, uns 10% mais baixo que o outro, para que Grécia, Itália, Espanha e Portugal pudessem sair da recessão sem apelar para a “troika”, ao melhorar a competitividade do seu tecido empresarial. Sarkozy travou-o. Nos recentes debates no Algarve sobre O FUTURO DE PORTUGAL ficou claro que a dívida de Portugal é impagável. Mas há soluções, a apresentar nos próximos debates sobre este tema.

REFLEXÕES SOBRE  
EMPRESAS FAMILIARES

ANTÓNIO NOGUEIRA DA COSTA  
Consultor Empresas  
Familiares  
www.efconsulting.pt  
e antonio.costa@efconsulting.pt



Especialistas na consultoria a Empresas Familiares  
e elaboração de Protocolos Familiares  
Santiago - Porto www.efconsulting.es

## As mulheres e as equipas de gestão da empresa familiar

Uma equipa de gestão que incorpore mulheres é distinta das suas congéneres masculinas.

O estudo da Ernst and Young ("Women in leadership - The family business advantage") constatou que, das empresas que nele participaram, 16% dos membros da equipa de gestão são mulheres, representando uma média de mais de uma por órgão de gestão.

A outra perspetiva de leitura deste dado é reflexo duma realidade: a participação do género feminino nos órgãos de topo das organizações ainda está muito aquém do que seria expectável.

Uma investigação de 2002 de Maria Bezerra de Menezes ("Mulher, poder e subjetividade"), doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, procurou analisar a possível descaracterização subjetiva das mulheres executivas da Caixa Económica de Fortaleza, para verificar

em que medida podiam estar a assumir atitudes pouco femininas para corresponder à lógica do mercado, tradicionalmente organizada dentro de parâmetros masculinos. Os resultados indicaram que essas executivas:

- sentiam-se seguras como mulheres,
- consideravam existir menos discriminação nas relações de trabalho,
- exerciam o poder sem perda de sua singularidade,
- sentiam que o maior diferencial é a competência.

Por outro lado, consideraram diferenciar-se dos

homens sobretudo por características de liderança onde predominam a sua capacidade de comunicação, flexibilidade, criatividade e orientação para a ação. A sua evolução enquanto profissional está a suportar-se em estratégias inovadoras, de que é exemplo a solidariedade ao lidar com as equipas de trabalho - considerado um fator contributivo para o êxito das empresas.

Este contexto indicia que caminhamos a passos largos para a paridade futura e não creio ser miragem uma situação de inversão de papéis onde a mulher estará em maior representatividade nos órgãos de gestão de muitas organizações.

## Temas para reflexão:

- Os nossos órgãos de gestão integram mulheres de forma natural?
- Os gestores estão preparados para considerarem e atuarem de forma igualitária com gestoras?
- Como dinamizar as equipas mistas de gestão?



A Conduril - Engenharia, SA, fundada por António Amorim em 1959, é uma empresa que desenvolve a sua atividade no domínio da Engenharia Civil, tendo como principal objetivo ser uma das melhores empresas portuguesas de engenharia.

Esta visão é suportada num conjunto de valores, "... franqueza, confiança e responsabilização alicerçada numa cultura de integridade que significa: honestidade, transparência, justiça e uma rigorosa adesão às regras e aos regulamentos".

Em 2014, possuindo um capital social de 10 milhões de euros, alcançou um volume de negócios na ordem dos €200 milhões, 93% dos quais gerados no exterior, e um resultado líquido de €29,5 milhões. De salientar que nesse ano suportou com o imposto sobre o rendimento cerca de €14,3 milhões. O Conselho de Administração, liderado pelo fundador, possui 8 membros com as seguintes características:

- 25% de mulheres,

- 63% de membros independentes da família.

A Comissão Executiva é composta por todos os membros do Conselho de Administração, com exceção de António Amorim, destacando-se a participação de duas mulheres que assumem as duas principais funções:

- CEO - Benedita Amorim Martins,
- Vice-Presidente - Luísa Amorim Martins.

Nos últimos anos a Conduril tem sido considerada, nos rankings da Revista "Exame", a melhor empresa de construção e uma das melhores para se trabalhar.



INVESTIMENTO EM ADEGAS E VINHAS ASCENDE A CERCA DE DOIS MILHÕES DE EUROS

## Lua Cheia em Vinhas Velhas apresenta novas colheitas

DORA TRONÇÃO

Lua Cheia em Vinhas Velhas tem um percurso pouco convencional. Inverteu a ordem habitual: as primeiras garrafas foram dadas a provar aos mercados internacionais e só agora chegam às garrafeiras e restaurantes nacionais. Com um perfil vincado, que se distingue pela capacidade de envelhecimento, Lua Cheia em Vinhas Velhas apresenta as novas colheitas, pertencentes ao Douro. É no Cima Corgo que João Silva e Sousa e Francisco Baptista encontraram as vinhas ideais para o projeto vínico: vinhos complexos, com capacidade de envelhecimento em garrafa, mas acessíveis e próximos do consumidor moderno.

Nascidos em vinhas velhas, as novas colheitas refletem o perfil complexo do terroir, com mais de 20 castas identificadas e uma localização privilegiada.

A novas colheitas são quatro - Lua Cheia em Vinhas Velhas Rosé (6900 garrafas), Branco 2015 (60 mil garrafas), Tinto 2014 (100 mil garrafas) e o Reserva Especial Tinto 2014 (27 mil garrafas) - com uma excelente relação qualidade/preço, a saber: 4,35 euros (0,75 L) para todos os vinhos, exceptuando o Reser-

va com um preço de 8,14 euros (0,75 L). Podem ser consumidos no momento, mas tanto os tintos como o branco têm potencial para envelhecer em garrafa.

A história da Lua Cheia em Vinhas Velhas começa a ser contada no Douro e, por isso, os vinhos desta região herdaram o nome do produtor. A génese de um projeto desenhado a três, entre os enólogos João Silva e Sousa e Francisco Baptista e o empresário Manuel Dias, todos com mais de duas décadas de relação com o Douro.

Entre a aquisição de adegas e vinhas, os três sócios referem um investimento de quase dois milhões de euros.

## Vinhos mostram essência de cada região

O objetivo da Lua Cheia em Vinhas Velhas é fazer vinhos que mostrem a essência de cada uma das regiões onde produz e, usando os ensinamentos do Velho Mundo, descobrir e deixar expressar o "terroir". O curto caminho da Lua Cheia fez-se e far-se-á de estudo e de procura pela própria identidade, permitindo, através da relação qualidade/preço, democratizar o consumo de vinhos inovadores e de qualidade.



A gama Lua Cheia em Vinhas Velhas destaca-se pela relação qualidade/preço.

No Douro, Lua Cheia em Vinhas Velhas produz as marcas "Lua Cheia", "Andreza", "Secretum" e "Colleja"; na região do Vinho Verde as marcas "Salsus",

"Maria Papoila" e "Maria Bonita"; e da sub-região de Monção/Melgaço, as marcas "Toucas" e "Nostalgia" - 100% Alvarinho. Na região do Alentejo produz

os vinhos "Album". Atualmente 80% da produção de Lua Cheia em Vinhas Velhas é exportada e comercializada em em 22 países.

## ANJE fomenta internacionalização na iniciativa “Indústria do Futuro”

A ANJE dinamiza esta sexta-feira, 15 de abril, às 09h00, em Amarante, o workshop “Internacionalização - Onde? Como? Quando?”. Protagonizada por Juliana Bolhão Teixeira, consultora para a internacionalização de negócios na Marketaccess, esta iniciativa enquadra-se no programa do ciclo de conferências “Indústria do Futuro”, promovido desde quarta-feira, 13 de abril, no Instituto Empresarial do Tâmega, com o apoio da ANJE.



## Curso sobre Plano de Negócios em Coimbra

Entre os dias 19 e 21 de abril, a ANJE promove, nas suas instalações em Coimbra, o curso “Como elaborar um Plano de Negócios?”. Trata-se da segunda edição desta oferta formativa na região Centro do país, sendo que o curso da ANJE que prepara os empreendedores para a construção de um “business plan” é já um sucesso em outras regiões onde a associação promove formação.

# ANJE promove Master Executivo em Organização e Gestão de Eventos

FORMAÇÃO AVANÇADA PROMOVIDA EM CONJUNTO COM A OIDECOM IBEROAMÉRICA ARRANCA DIA 24 DE MAIO



Depois do sucesso da primeira edição do curso, a ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários promove o Master Executivo em Organização de Eventos entre os dias 24 de maio e 21 de novembro. Desenvolvido em parceria com o OIDECOM Iberoamérica - Observatório Iberoamericano de Investigação e Desenvolvimento em Comunicação, este programa formativo de cariz avançado vai decorrer durante 135 horas, em regime pós-laboral, no centro de formação empresarial da associação, no Porto.

Resultante do cruzamento sinérgico das experiências de duas entidades com vasta experiência quer em organização de eventos quer em formação, o master assume-se como prático, internacional e de aplicação multissetorial. O objetivo primário do curso é clarificar o valor intangível associado aos eventos, enquanto ferramenta de comunicação, sensibilizando também os formandos para os respetivos efeitos destas ações sobre a imagem projetada das organizações. As competências desenvolvidas deverão capacitar os participantes para o planeamento e a implementação eficaz de todas as decisões estratégicas e operacionais inerentes à organização e gestão de eventos.

Com uma metodologia de

aprendizagem centrada na análise e interpretação de casos reais, a formação executiva avançada potencia o desenvolvimento de competências ajustado ao perfil profissional dos participantes, partindo das práticas inovadoras para fomentar uma postura diferenciadora e de valor acrescentado no mercado competitivo da organização de eventos. Para a concretização deste propósito, o Master Executivo em Organização e Gestão de Eventos apresenta um programa de conteúdos multidisciplinar, estruturado em dez módulos temáticos. A saber: “Evento e o seu contexto”, “Gestão integral do evento”, “Gestão de fornecedores”, “Gestão Logística do Evento”, “Comunicação

Estratégica nos Eventos”, “Protocolo Institucional, Empresarial e Multicultural”, “Fontes de Financiamento e Responsabilidade Social Corporativa”, “O Evento como dinamizador do território”, “Competências Diretivas” e “Projeto”.

O master distingue-se igualmente pela integração de um corpo docente multidisciplinar e internacional, com elevada notoriedade no mundo académico, reconhecido sucesso profissional e grande vivência prática, fatores decisivos na aproximação do ensino às necessidades empresariais. Destaque para o percurso académico da coordenadora pedagógica Madalena Fonseca e Castro Leão (licenciada em Re-

lações Públicas e pós-graduada em Direção de Comunicação pela Universidade de Barcelona) e a experiência profissional do formador espanhol Carlos Martins (profissional licenciado em Economia que já desempenhou funções enquanto vereador na Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, diretor executivo de Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012 e presidente da Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas da Região Norte).

Para informações adicionais sobre o Master Executivo em Organização e Gestão de Eventos e submissão de inscrições pode ser consultado o site [www.anje.pt/portal/foco](http://www.anje.pt/portal/foco).

## “Damos resposta a uma lacuna de mercado com um parceria de referência internacional”

José Cottim Oliveira, diretor de Formação da ANJE, reafirma o valor estratégico da parceria firmada com a OIDECOM Iberoamérica e aponta os principais benefícios inerentes à frequência do programa: “A renovação desta parceria internacional comprova o sucesso da união formativa e reafirma a pertinência, diferenciação e valor do Master Executivo em Organização e Gestão de Eventos. Dando resposta a uma clara lacuna de mercado no que respeita à formação avançada na área de eventos, este curso junta referências do universo académico e profissionais com créditos firmados, proporcionando um calendário intensivo, capaz de desenvolver competências que respondem aos desafios reais enfrentados pelos formandos”.



## ANJE já conta com equipa de ouro no Centro de Incubação de Gondomar

O Centro de Incubação e Aceleração que a ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários e a Câmara Municipal de Gondomar ergueram no final do ano transato, no concelho gondomarense, já acolheu o primeiro grupo de empresas. Wego 3D, Pura Filigrana, Rafael Cardoso Joias, José Santos Joalheiros são as primeiras empresas instaladas fisicamente na infraestrutura equipada para receber projetos nas áreas de joalheria, ourivesaria e relojoaria. Já a Sixforce e a Goldindrops beneficiam atualmente do regime de incubação virtual proporcionado pelo mais recente edifício da rede LINC – Centros de Incubação ANJE.

Após a receção de dezenas de candidaturas, a Associação reuniu com a autarquia local, a AORP - Associação de Ourivesaria e Relojoaria de Portugal e o CINDOR – Centro de Formação Profissional da Indústria de Ourivesaria e Relojoaria para selecionar os primeiros projetos a desenvolver atividade na infraestrutura. Recorde-se que a instalação física de projetos está orientada para a fileira da joalheria, enquanto o regime de incubação virtual capta projetos de diferentes setores de atividade.

O Centro de Incubação e Aceleração de Gondomar proporciona ainda algumas vagas para a instalação de negócios especializados nas áreas de joalheria, ourivesaria e relojoaria. A saber: duas oficinas individuais de trabalho, um gabinete e vários espaços de trabalho numa oficina partilhada e devidamente equipada.

Aos espaços listados acrescem as inúmeras oportunidades de incubação virtual disponíveis, bem como a possibilidade de usufruto (pelos projetos incubados) de um auditório, uma sala de reuniões, uma sala de formação, serviços de receção e uma zona de cowork para facilitar a concretização de sinergias entre os projetos e empreendedores instalados. Informações adicionais e inscrições na página <http://www.anje.pt/portal/incubacao-gondomar>.

## Antigo Hospital da Marinha vendido por 17,9 milhões



O antigo Hospital da Marinha, localizado na zona do Campo de Santa Clara, em Lisboa, foi vendido por 17,9 milhões de euros durante a hasta pública de imóveis realizada pela Direção-Geral do Tesouro e Finanças na Semana da Reabilitação Urbana de Lisboa. O imóvel foi adquirido por um investidor privado de origem francesa.

## Casa Agrícola Alexandre Relvas ganha prémio em Espanha

O vinho "Herde da Pimenta, Grande Escolha", produzido pela Casa Agrícola Alexandre Relvas, foi considerado o melhor vinho do CINVE 2016 - Concurso Internacional de Vinhos e Espirituosos, que se realizou em Huelva, Espanha. A distinção alcançada é superior à tradicional Medalha de Ouro.



DE 17 A 23 DE ABRIL, EM SÃO PEDRO DO ESTORIL

## IADE traz estudantes estrangeiros a Portugal

O IADE - Creative Universities, escola da rede Laureate International Universities, promove o Intensive Programme IC2ELAB - Innovation & Creativity to Entrepreneurship, com a participação de 90 alunos estrangeiros e portugueses, incluindo 10 estudantes de marketing do IADE. A iniciativa, que decorre de 17 a 23 de abril na Fundação O Século, em São Pedro do Estoril, propõe a criação de estratégias de internacionalização para pequenas empresas regionais com características singulares. O Bacorinho, empresa de produção alimentar sediada em Setúbal, será a empresa portuguesa a ser trabalhada pelos alunos.

O principal objetivo do curso é levar os jovens a aplicar, a um problema real de uma empresa, conhecimentos especializados adquiridos em ambiente de sala de aula, desenvolvendo simultaneamente as suas competências de marketing. Para

além disso, a iniciativa pretende ainda estimular e promover o espírito empreendedor, intercultural e empresarial dos jovens oriundos de dentro e fora das fronteiras da União Europeia.

Os estudantes estrangeiros chegam de oito universidades interna-

cionais e de países como Finlândia, Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda, Polónia, Turquia e Brasil. Divididos por equipas e apoiados por 10 professores especialistas, os projetos vão ser avaliados por um painel constituído por representantes de diferentes empresas.



PUB

# Troca Automática de Informações Fiscais na UE

21 abril Porto  
11 maio Lisboa

14h00-17h00



### PROGRAMA:

- I As Novas Diretivas e as Medidas da OCDE: o pacote anti-elisão fiscal
- II A Transposição em Portugal e o impacto da troca de informações para as empresas
- III Debate

### Formadores:

Filipe Abreu  
Mafalda Moreira

### ENQUADRAMENTO:

Venha conhecer o novo pacote de medidas internacionais relativas à troca de informações fiscais e o seu impacto para as empresas, do ponto de vista do cumprimento dos seus deveres em face do novo pacote anti-elisão fiscal.

Com o intuito de reforçar o combate à fraude e evasão fiscal, as autoridades fiscais terão acesso automático às contas bancárias dos cidadãos e instituições bancárias.

Organização: **VidaEconómica**

**b.law boino**

### Informações/Inscrições

Patrícia Flores (Dep. Formação)  
Vida Económica - Editorial SA  
Rua Gonçalo Cristóvão, 14 R/C | 4000-263 Porto  
Tlf: 223 399 437/00 | Fax: 222 058 098  
Email: patriciaflores@vidaeconomica.pt

### Preços:

Público Geral: €80 + IVA  
Assinantes: €50 + IVA

ENTRE 22 E 27 DE MAIO

## Coimbra vai ser a capital das competências

Coimbra recebe, entre 22 e 27 de maio, a 42.ª edição do WorldSkills Portugal - Campeonato Nacional das Profissões. Organizada pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P. (IEFP), a competição mobiliza 400 jovens dos 17 aos 25 anos, numa mostra de 48 profissões. O objetivo é apurar os representantes lusos ao Campeonato Europeu e ao Campeonato do Mundo das Profissões. As provas envolvem situações reais de trabalho em 48 profissões dos mais diversos setores de atividade.

O Serviço de Formação Profissional de Coimbra do IEFP recebe o evento, disponibilizando para o efeito uma área total de oito mil m2 de espaços oficiais devidamente equipados. Apostando numa grande abertura à sociedade, a competição está acessível ao público em geral - com a organização a apontar para uma expectativa de 10 mil visitantes ao longo de seis dias. Os objetivos são divulgar a qualidade da formação ministrada em Portugal, evidenciar o talento e as competências dos formandos em diferentes profissões, fomentando a sua inserção no mercado de trabalho, e dar a conhecer um amplo leque de opções profissionais aos jovens em fase de decisão vocacional.



# PORTUGAL

## É COMPETITIVO

Ciclo de Conferências

LEIRIA | 28 DE ABRIL

Indústria Alimentar: entre a segurança e a soberania alimentar

FARO | 19 DE MAIO

Portugal, um País de Sol, Praias... mas não só

GUIMARÃES | 14 DE JULHO

Fénix Renascida: os novos setores do têxtil e calçado

AVEIRO | 29 DE SETEMBRO

Nano, Spin-offs & Startups: O mundo da economia digital!

LISBOA | 24 DE NOVEMBRO

O Setor da Saúde: entre um direito e a oportunidade de competitividade

INFORMAÇÕES: [HELDERMARQUES@VIDAECONOMICA.PT](mailto:HELDERMARQUES@VIDAECONOMICA.PT)

ORGANIZAÇÃO:

PATROCINADORES:

**VidaEconómica**  
GRUPO EDITORIAL

 **Santander Totta**

**SGS**

**ENTRADA GRATUITA**  
mediante inscrição prévia  
e sujeita aos lugares  
disponíveis.



# Prémio Nacional de Reabilitação Urbana dinamiza setor imobiliário

Foram revelados os vencedores da 4ª edição do Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, iniciativa que visa distinguir os melhores projetos e intervenções de reabilitação urbana de Portugal. A cerimónia de entrega do galardão decorreu numa gala realizada no Palácio Nacional da Ajuda, evento que reuniu mais de duas centenas de convidados.

Na edição de 2016 concorreram ao Prémio Nacional de Reabilitação Urbana 60 projetos de 16 concelhos de norte a sul de Portugal Continental e do Arquipélago da Madeira, num total de 125 mil m2 de área reabilitada. Este ano, além das categorias a concurso (habitação, serviços & comércio, turismo, impacto social e melhor projeto em Lisboa) e das menções honrosas (restauro, projeto com menos de mil m2 e eficiência energética), o júri decidiu, em resposta à elevada qualidade das intervenções submetidas, atribuir um prémio especial.

O Prémio Nacional de Reabi-

litação Urbana conta com o Alto Patrocínio do Governo de Portugal, concedido através da Direção-Geral do Património Cultural, entidade tutelada pelo Ministério da Cultura. É uma iniciativa conjunta da Vida Imobiliária e da Promovi, que conta com um vasto apoio do setor empresarial, institucional e da sociedade civil.

Os vencedores foram eleitos por um júri independente e autónomo, constituído nesta edição por João Appleton, engenheiro civil com um conceituado percurso na reabilitação urbana, João Mendes Ribeiro, arquiteto e professor na Universidade de Coimbra, Augusto Mateus, economista e professor do Instituto

Superior de Economia e Gestão, João Pedro Falcão de Campos, arquiteto e professor no Instituto Superior Técnico, e Manuel Reis Campos, engenheiro civil e presidente da AICCOPN e da CPCI.

O Prémio Nacional de Reabilitação Urbana 2016 é patrocinado pela Schmitt+Sohn Elevadores, Aguirre Newman e Caixa Geral de Depósitos, na categoria platina; e pela Revigrés e Sanitana, na categoria ouro. A iniciativa conta ainda com os apoios da Luz e Som, Público Imobiliário, TSF, Ci e Impulso Positivo, e com os apoios institucionais do IMPIC, CPCI, AHP, Ordem dos Arquitetos, ALP e da União das Misoricórdias Portuguesas.



Menção – melhor intervenção de restauro, para Igreja e Torre dos Clérigos.

PUB

## CONFERÊNCIA BANIF: O que foi e o que podia ter sido

28 de abril | 21h30

Auditório da OCC  
Largo 1ª de dezembro, 43  
Porto

**Oradores:**  
Dr. Jorge Tomé  
Prof. Ricardo Cabral

**Moderador:**  
Dr. Rui Rio

Inscrição gratuita, mas obrigatória.

**VidaEconómica**

**Informações/Inscrições** | Patrícia Flores (Dep. Formação) Vida Económica - Editorial SA. | Rua Gonçalo Cristóvão, 14  
R/C | 4000-263 Porto | Tlf: 223 399 437/00 | Fax: 222 058 098 | Email: patriciaflores@vidaeconomica.pt

### VENCEDORES DO PRÉMIO NACIONAL DE REABILITAÇÃO URBANA 2016

**Melhor intervenção residencial:**  
Palácio do Contador-Mor  
(Lisboa)

**Melhor intervenção turística:**  
Pestana Pousada Lisboa  
(Lisboa)

**Melhor intervenção de serviços & comércio:**

Casa Salabert . e-learning café  
do Jardim Botânico (Porto)

**Melhor intervenção com impacto social (ex-aequo):**

Palácio do Raio (Braga)  
Palácio do Bolhão (Porto)

**Melhor intervenção cidade de Lisboa:**

Travessa do Abarracamento de  
Peniche 15 (Lisboa)

**Menção - melhor intervenção com menos de 1000 m2:**

Lisbon Workhub (Lisboa)

**Menção – melhor intervenção de restauro:**

Igreja e Torre dos Clérigos  
(Porto)

**Menção – intervenção com melhor solução de eficiência energética:**

Travessa do Abarracamento de  
Peniche 15 (Lisboa)

**Prémio Especial do Júri 2016:**  
Restaurante Casa de Chá da  
Boa Nova (Matosinhos)

**ACQ Global Awards distingue RFF & Associados**

A RFF & Associados foi reconhecida como "Tax Law Firm of the Year" pela ACQ Global Award. O sócio fundador da RFF, Rogério M. Fernandes Ferreira, foi ainda considerado "Tax Lawyer of the Year" e o associado sénior Filipe Escobar reconhecido como "Business Lawyer of the Year". Os ACQ Global Awards são atribuídos desde 2006 com o intuito de reconhecer o desempenho e a inovação das firmas e dos seus advogados.

**Políticas económicas salvaguardam emergentes**

O capital tem saído dos mercados emergentes, em resultado da desaceleração do crescimento, da queda dos preços das matérias-primas e da perspectiva de taxas de juro mais elevadas nos Estados Unidos. No entanto, é interessante verificar que nenhum grande país emergente entrou em processo de falência. Ainda que possa não ser suficiente no futuro, a verdade é que as políticas económicas adotadas nos últimos anos têm dado resultados positivos.



**MARIA DOS ANJOS GUERRA** ADVOGADA  
marianjosguerra-3012p@adv.oo.pt

**IMPOSTO MUNICIPAL SOBRE IMÓVEIS****Novas taxas  
Prédios urbanos**

Nos últimos meses aventou-se a hipótese de reduzir a taxa do imposto municipal sobre imóveis, o que seria ótimo, pois, atendendo aos valores das últimas avaliações, em alguns casos o imposto tornou-se uma autêntica renda.

Será que já está em vigor alguma redução ou ainda não passa de projeto?

Muito embora a taxa aplicável aos imóveis depois de avaliados seja inferior à que anteriormente se lhes aplicava, efetivamente, a avaliação geral dos imóveis urbanos em Portugal implicou, regra geral, o aumento do seu valor patrimonial tributável e consequente aumento do imposto aplicável.

Concretamente, no que concerne às taxas de IMI relativas a prédios urbanos que até agora eram fixadas pelos municípios, entre 0,3% e 0,5%, de acordo com o previsto no Orçamento de Estado, que acabou de ser publicado, passarão a poder ser fixadas entre 0,3% e 0,45%, o que, efetivamente, poderá implicar uma ligeira redução do imposto a pagar em 2018, relativamente ao IMI de 2017.

Isto não quer dizer que o IMI a pagar pelos contribuintes

vá, forçosamente, diminuir no que concerne aos imóveis urbanos, pois a taxa a aplicar em cada ano é fixada por cada município, mediante deliberação da respectiva assembleia municipal, pelo que os municípios só passarão a pagar uma menor taxa de IMI, nos concelhos onde a taxa fixada anteriormente era superior.

Acresce que os municípios abrangidos por programa de apoio à economia local ou programa de ajustamento municipal poderão determinar que a taxa máxima do imposto municipal aplicável aos prédios urbanos seja de 0,5%, com fundamento na sua indispensabilidade para cumprimento dos objectivos definidos nos respetivos planos ou programas.

Mais se esclarece que a taxa aplicável aos prédios rústicos manteve-se nos anteriormente fixados 0,8% e que, no que respeita aos prédios que sejam propriedade de entidades que tenham domicílio fiscal em território ou região sujeitos a um regime fiscal mais favorável, ou seja, "offshore", constante em lista aprovada pelo Ministério das Finanças, vulgarmente designada como "lista negra", a taxa continua a ser de 7,5%.

**Porto Business School estabelece acordo de cooperação com o IMD**

**FERNANDA SILVA TEIXEIRA**  
fernandateixeira@vidaeconomica.pt

A Porto Business School (PBS) e o International Institute for Management Development (IMD) formalizaram recentemente um acordo de colaboração que visa a cooperação em várias áreas de atuação, nomeadamente na formação e no desenvolvimento de executivos.

Assente numa estreita relação de sinergia estabelecida entre as duas escolas, o acordo prevê o lançamento de um programa exclusivo, em colaboração com o IMD, para empresas portuguesas, a colaboração com o IMD Global Family Business Centre, no desenvolvimento de programas conjuntos e investigação na área das empresas familiares, em Portugal, e a participação da PBS enquanto única entidade nacional parceira do IMD World Competitiveness Centre, na investigação que serve de base ao IMD World Competitiveness Yearbook.

Em declarações à "Vida Económica", Ramon O'Callaghan assegura que este acordo de colaboração com o IMD, "uma das melhores escolas de negócios do mundo, reforça o posicionamento e reconhecimento da PBS" e permitirá "oferecer uma perspectiva global aos executivos portugueses".

Segundo explica o reitor da PBS, "a abordagem do IMD tem um importante foco no "mundo real" e é orientada para o desenvolvimento de líderes globais. Os seus professores vêm de todo o mundo, e têm uma experiência substancial. Esta combinação oferece diversidade intelectual e cultural, bem como



A abordagem do IMD tem um importante foco no "mundo real" e é orientada para o desenvolvimento de líderes globais, indica Ramon O'Callaghan.

poderosas perspectivas sobre o mercado internacional". Para além disso, realça o responsável, esta parceria vai permitir ainda "enriquecer a experiência multicultural dos alunos, permitindo-lhes conhecer e interagir diretamente com participantes de outros países".

Alinhando pela mesma perspectiva, Dominique Turpin, presidente do IMD, afirmou, durante a apresentação do acordo, estar satisfeito por trabalhar em conjunto com a PBS e pelo alargamento da rede do IMD em Portugal. Nesse sentido, o diretor escola de negócios suíça assegurou ainda acreditar que esta colaboração "é significativa para ambas as partes" e "irá beneficiar a cooperação" entre as duas instituições, nomeadamente no âmbito da "competitividade, liderança e gestão de empresas familiares".

Assim sendo, na prática, e no âmbito da parceria anunciada, está prevista a disponibilização pela PBS

de um programa exclusivo, em colaboração com o IMD, para empresas portuguesas que terá como base o programa Orchestrating Winning Performance da conhecida escola de negócios suíça. Integrado como módulo opcional no Programa Avançado de Liderança e no Programa Avançado de Gestão da Porto Business School, o "OWP for Portugal" será lecionado quer na PBS quer no IMD e apresentará diferentes abordagens de acordo com realidades e necessidades das empresas nacionais.

Para além disso, a colaboração com o IMD abrangerá ainda o desenvolvimento de programas conjuntos, a investigação na área das empresas familiares em Portugal e participação da escola nacional no IMD World Competitiveness Yearbook, um relatório anual que avalia a competitividade de um conjunto de 62 países, com base na avaliação de mais de 300 critérios, e na análise de diversas vertentes.

**CONSULTÓRIO DE FUNDOS COMUNITÁRIOS****APOIOS PARA CASAS DE CAMPO**

Tenho uma casa antiga numa freguesia de Cinfães, situada relativamente perto dos cada vez mais bem sucedidos "Passadiços do Paiva", cuja adesão tem exigido a aposta na oferta de alojamento na região. Como a minha casa não é utilizada ao nível familiar, gostava de a transformar em alojamento de turismo rural. Sei que o PRODER apoia este tipo de investimentos. Poderei candidatar-me?

**Resposta**

Em primeiro lugar, o PRODER vigorou apenas até 2013, tendo sido substituído pelo PDR 2020. Este novo programa também irá apoiar o turismo rural, no entanto, ao contrário do PRODER, o PDR não terá uma Ação específica para atividades turísticas e de lazer, mas sim uma área de Apoio da Operação 10.2.1 (Implementação de Estratégias de Desenvolvimento Local) que visa a "Diversificação de Atividades na Exploração" para atividades não agrícolas, integrada na Medida 10-LEADER / Ação 10.2-Implementação das Estratégias. Apesar de o regulamento ainda não ter sido publicado, foram já divulgadas algumas informações sobre os apoios desta Operação. Os apoios mantêm-se com natureza de fundo perdido, no entanto as taxas de apoio serão

diferentes do PRODER: enquanto o PRODER apoiava os projetos de turismo rural a 40%, 50% ou 60%, consoante não houvesse criação de postos de trabalho, houvesse a criação de um posto de trabalho ou houvesse a criação de 2 ou mais postos de trabalho, no PDR 2020, as taxas de apoio serão apenas de 40%, quando não há criação de postos de trabalho, ou 50%, quando há criação de postos de trabalho. Também o investimento máximo por projeto foi reduzido: se no PRODER os investimentos podiam chegar aos 300.000€, com o PDR 2020 não podem ultrapassar os 200.000€. O limite mínimo ao investimento, por sua vez, aumentou de 5.000€ no PRODER para 10.000€ no PDR 2020. Por outro lado, foi criado um limite máximo ao apoio que um beneficiário pode receber

durante o período de programação: até terminar o PDR 2020, o mesmo beneficiário não pode acumular apoios (de várias candidaturas que proponha) superiores a 150.000€. Isto significa que, pressupondo que o seu projeto para a "casa de campo" em Cinfães chega aos 200.000€ de investimento com a criação de um posto de trabalho (recebe 100.000€ de apoio), se decidir candidatar-se a um segundo projeto, para outra "casa de campo", mesmo que este último também chegue a 200.000€ de investimento e crie um posto de trabalho, apenas receberá 50.000€ de apoio. As ajudas concedidas estarão conforme o Reg. (UE) 1407/2013 relativo aos auxílios "de minimis". Serão consideradas elegíveis as despesas relacionadas com as atividades a desenvolver,

designadamente: elaboração de projetos; remodelação/recuperação de construções; construções de pequena escala; aquisição de equipamentos; viaturas indispensáveis à boa execução do projeto; outro tipo de despesas associadas a investimentos intangíveis. Não são elegíveis os custos de manutenção decorrentes do uso normal das instalações. À semelhança do PRODER, as candidaturas à Operação 10.2.1 do PDR 2020 serão abertas por Grupos de Ação Local. No caso de Cinfães, trata-se do GAL ADRIMAG ou DOLMEN, consoante a freguesia. Após sucessivos atrasos, as previsões de abertura de candidaturas apontam, agora, para Maio de 2016.  
**WWW.SIBEC.PT**  
**SIBEC@SIBEC.PT**  
**228 348 500**





**The Navigator Company aproxima os jovens à floresta**

A The Navigator Company, a terceira maior exportadora portuguesa e a maior produtora nacional de plantas certificadas, volta a realizar, pelo sexto ano consecutivo, até 18 de Abril, a iniciativa “Dá a Mão à Floresta”, através da qual procura sensibilizar a comunidade para a necessidade de renovar e proteger a floresta nacional.

**Schmitt+Sohn Elevadores equipa projeto premiado**

Os equipamentos da Schmitt+ Sohn Elevadores integraram o projeto da Travessa do Abarracamento de Peniche 15, que foi duplamente premiado na edição deste ano do Prémio nacional de Reabilitação Urbana. O projeto venceu o Prémio para a Melhor Intervenção da Cidade de Lisboa e a Menção de Honra para a Melhor Solução Certificação Energética.

**CHINA É O PRINCIPAL DESTINO DAS EXPORTAÇÕES**

# Quinta do Monte D'Oiro aposta no mercado externo

A Quinta do Monte D'Oiro aposta desde 2006 no modo de produção biológico. Só nos vinhos de 2015 surge o selo desta certificação no contrarrótulo. É uma aposta “muito mais cara”, de acordo com o diretor-geral da Quinta, Francisco Bento dos Santos, exigindo mais equipamento e mão-de-obra, um investimento de cerca de 35% do que foi efetuado desde o início do projeto e cujo objetivo é “fazer vinhos melhores”.

DORA TRONÇÃO

“A razão para começarmos a trabalhar em biológico tem um único objetivo: fazer vinhos melhores”, revela à “Vida Económica” Francisco Bento dos Santos, diretor-geral da Quinta do Monte D'Oiro. “Fomos muito influenciados por Michel Chapoutier e por Gregory Viénois, o enólogo chefe da Maison Chapoutier e nosso consultor”, lembra Bento dos Santos.

“Foi Chapoutier que convenceu o meu pai [José Bento dos Santos, proprietário e mentor do projeto Monte D'Oiro], que achava que o biológico era esquisitice e uma opção arriscada - pode pôr em risco a produção toda - além de muito mais caro”, frisa.

Passar para o modo de produção biológico (MPB) “implicou ter várias alfaías agrícolas novas; um intercêpa para cortar as ervas - porque a maior dor de cabeça quando se trabalha em biológico é o controlo de ervas; um pulverizador - porque os produtos que utilizamos são muito mais fracos apesar de podermos utilizar cobre, argila, enxofre em quantidades controladas anualmente e com máximos a 10 anos, e para garantir a aplicação homogênea em toda a planta”, explica Francisco Bento dos Santos.

“O investimento em equipamentos agrícolas para trabalharmos em modo de MPB representa quase 35% de todo o investimento feito na vinha/viticultura na Quinta desde o início do projeto”, frisa. Mas acrescenta que “neste tipo de cultura, o maior custo é a mão-de-obra para aplicar todos os produtos fitofarmacêuticos e fazer o controlo fitossanitário”. É que a planta tem de ser preparada “como se fosse um painel solar para otimizar a fotossíntese e a exposição dos cachos e das parras a estes produtos”, ilustra Bento dos Santos. E prossegue: “o MPB implica a verticalização da sebe; tendo a vinha 20 ha, quando se



“A razão para começarmos a trabalhar em biológico tem um único objetivo: fazer vinhos melhores”, afirma Francisco Bento dos Santos.

termina, é necessário recomear a levantar arames”, logo “é necessária mão-de-obra permanente e isso tem um custo”. A Quinta conta com 13 pessoas efetivas, oito das quais dedicadas ao trabalho de campo. Em alturas de poda e vindima as equipas chegam às 15/20 pessoas.

Começaram a transição para o MPB em 2006. O ponto zero aconteceu com a colheita de 2011 e só nos brancos e tintos de 2015 é que puderam escrever no contrarrótulo que as uvas são biológicas embora não adicionem nenhum químico há 10 anos.

## “Ao estar em diversos países protegemo-nos mais das influências económicas”

Em Portugal, a Vinalda distribui os vinhos Monte D'Oiro em exclusividade.

“Ao estar em diversos países protegemo-nos mais das influências económicas, mas também ao trabalharmos com modelos distintos de negócio”, afirma. “Nos Estados Unidos trabalhamos com o quarto maior player enquanto, na República Checa, com uma pessoa que compra umas caixas, dois modelos, ambos importantes para dividir o risco do país e modelo de negócio”.

De acordo com o diretor da Quinta, “a evolução do negócio prende-se com o crescimento sustentável”. E dá exemplos: “Utilizamos toda a área de vinha ao fazer o Lybra branco e deixámos de vender uvas; crescemos em faturação e em preço médio unitário e procuramos desenvolver outras áreas de negócio porque uma parte do enoturismo não está tão desenvolvida como gostaríamos”. Desde o início do projeto que a Quinta

organiza eventos para empresas, mas agora terá uma pessoa responsável por esta área. “Temos infraestruturas e já o fazíamos para eventos mais top em que a equipa trabalhava exclusivamente para isso porém agora pretendemos abrir-nos para uma componente mais lúdica que pode ser um evento com visita, prova e almoço, programas mais standard, para os quais parece haver mais procura, tornando mais rentável esta vertente e complementando toda a componente viníca.”

Acrece ainda que, ao entrar em 2016, o sistema de direitos de plantação mudou e da última da Quinta do Monte D'Oiro ao IWV resultaram direitos de plantação para cerca de mais 10 ha. A propriedade tem 42 hectares, 20 dos quais plantados com vinha. “Isto implica crescer quase 50%” anuncia Bento dos Santos, plantando “mais nove hectares no final de 2016 e em 2017”.

**De 70 mil garrafas produzidas, 40% são exportadas e correspondem a 60% da faturação**

**Uva ideal para vinho ideal**

“A vindima de 2015 começamo-la a 25 de agosto, o mais cedo de que há memória ter vindimado na Quinta, e acabámos dia 8 de outubro, mais de mês e meio porque vindimamos cada parcela no momento de maturação ideal daquelas uvas”, explica Francisco Bento dos Santos. E continua: “Não temos de tomar decisões difíceis como ter duas parcelas a amadurecer ao mesmo tempo e escolher se é para uma gama mais baixa ou mais alta de vinho”. E explicita: “Com 20 hectares podemos vindimar parcela a parcela, mas precisamos de ter equipas de plantão para ser tipo ‘formiga branca’ e vindimar numa manhã ou num dia e a maturação não fugir ao que seria o ideal”.

Esta gestão parcelar já era feita na Quinta do Monte D'Oiro antes da introdução do MPB, mas, Bento dos Santos acentua: “Estamos cada vez mais a avançar para uma viticultura de precisão e com micro sazonalidade, de tratar diferente o lado direito do lado esquerdo da planta porque o solo é mais alcalino ou mais ácido ou de não fazer a desfolhagem igual na parcela toda.”

**China é principal mercado**

Em média a Quinta produz 70 mil garrafas, 40% são exportadas e correspondem a 60% da faturação (600-700 mil euros em 2015).

O mercado mais destacado da Quinta do Monte D'Oiro é a China, onde fazem o vinho da marca do Hotel MGM, em Macau. “Temos um importador só para Macau e Hong Kong, que compra vinho dispendioso, garrafas de 18 litros de ‘1812’, e um outro para o território principal da China - um cliente corporate que vende muito a instituições”.

Os vinhos também estão presentes em Angola, Brasil e Estados Unidos. Na União Europeia, Bento dos Santos diz que estão “muito bem na Holanda - com uma cadeia de 50 garrafeiras que montou a rede de distribuição no mercado de proximidade, em cidades pequenas que têm a sua garrafeira -, em França com um produtor muito conecedor que fala com o sommelier e o Chef estrela Michelin, na Suíça, Finlândia, República Checa e Reino Unido”.

# A AGRICULTURA NACIONAL EM TRANSFORMAÇÃO

**15** /04  
Póvoa Varzim

Que desafios para o setor do leite  
perante a liberalização do mercado?  
(Auditório da LeicarCoop, Rates, Póvoa de Varzim)

**12** /05  
Santarém

O associativismo agrícola em Portugal:  
que novos caminhos a percorrer?

**7** /07  
Porto

Agricultura biológica:  
um setor em crescimento

**8** /09  
Lisboa

Os vinhos portugueses:  
os caminhos promissores da exportação

**17** /11  
Vila Real

O futuro da floresta em Portugal

**ENTRADA GRATUITA**  
mediante inscrição prévia  
e sujeita aos lugares  
disponíveis.

Informações | Inscrições  
[heldermarques@vidaeconomica.pt](mailto:heldermarques@vidaeconomica.pt)

Organização:

**VidaEconómica**  
GRUPO EDITORIAL

**AgroVida**

Patrocinadores:



**SGS**



## TECNOLOGIAS

### Steltix expande presença internacional para Portugal e Espanha



A holandesa Steltix abriu escritórios em Portugal e Espanha, em linha com a sua estratégia de expansão no plano internacional, disse a empresa em comunicado de imprensa.

Segundo a nota distribuída aos órgãos de comunicação social, a Steltix Portugal e Espanha, em colaboração com Jaime Fernandez, ex-diretor-geral da iORGA, vai começar a operar com 15 consultores funcionais e técnicos com larga experiência e know-how em projetos JD Edwards, tanto a nível local como internacional.

“A orientação específica em JD Edwards e nas pessoas, fazem da Steltix uma organização única que permite aos seus clientes aproveitar melhor os seus investimentos em soluções da Oracle. A combinação da filosofia da empresa, a sua visão estratégica e compromisso com os seus clientes e colaboradores, fazem

com que este momento, de fazer parte desta organização em crescimento, seja muito emocionante para todos nós.”, adianta no documento Jaime Fernandez, diretor-geral da Steltix Portugal e Espanha, acrescentando que “ter organizações em Portugal e Espanha, não só nos torna mais competitivos para os clientes de JD Edwards com presença global, como também melhora a nossa capacidade de serviços e suporte para os países de língua Espanhola e Portuguesa em todo o mundo. Com a integração dos consultores da Inner Join Consulting, já nos convertemos no principal partner de JD Edwards em Portugal”.

A Inner Join Consulting é uma empresa especializada na implementação de ERP Oracle JD Edwards, tendo sido integrada no grupo multinacional holandês, Steltix, no passado mês de fevereiro.

### Opensoft fatura 3,8 milhões

A Opensoft fechou o ano 2015 com um volume de negócios de 3,8 milhões de euros, um crescimento de 35% face ao ano anterior, disse a empresa. O objetivo declarado para este ano é continuar a crescer em faturação e número de colaboradores. Atualmente a empresa conta atualmente com 60 colaboradores e pretende contratar 10 novos recursos em 2016.

O crescimento do ano passado baseou-se, sobretudo, em projetos de automatização e otimização de processos, uma das áreas de especialização da Opensoft. Entre esses projetos, destacam-se clientes nas áreas da administração pública e banca, assim com novos projetos internacionais, nomeadamente em Moçambique.

Em comunicado a empresa destacou ainda o crescimento do Weventual, um sistema de gestão de inscrições online desenvolvido pela Opensoft, que cresceu mais de 55% em termos de faturação.

Para 2016, a empresa quer “continuar



a prospeção de novos negócios, tirando partido da sua experiência nas áreas da administração pública, banca e procurando reforçar a sua posição na indústria, olhando sempre para os mercados internacionais como forma de consolidar crescimento”, revela o CEO José Vilarinho.

“Estamos a avaliar oportunidades no mercado europeu, nomeadamente na área da administração pública/finanças, onde a empresa detém maior know-how e experiência”, acrescenta o executivo.

### Twitter anuncia mudanças no conselho de administração



O Twitter anunciou a nomeação de Hugh Johnson e Martha Lane Fox para o seu conselho de administração, com efeito imediato. Desde março de 2010 que Hugh Johnston tem atuado como vice-presidente financeiro da PepsiCo e vice-presidente do Conselho de Administração da empresa.

JOINT VENTURE ENTRE VODAFONE PORTUGAL E NOVABASE

## Celfocus assu um integrador

Ajudar a gerir a diversidade. É este um dos papéis que a Celfocus, empresa que nasceu de uma joint venture entre Vodafone e Novabase, quer ter no mundo da Internet das Coisas, o afamado IoT. Daniel Dias, head of IoT da Celfocus, explica que este conceito de tudo comunicar com tudo veio esbater as fronteiras das áreas de atuação das empresas. E vemos uma Google a ser um potencial player na área automóvel. Ou uma BMW a vender comunicações, papel antes apenas desempenhado pelas telco. Por tudo isto, e provavelmente muito mais, o responsável apresenta a Celfocus como um integrador de IoT.

SUSANA MARVÃO  
s.marvao@vidaeconomica.pt

Fruto de uma joint venture entre a Vodafone Portugal e a Novabase, não é de estranhar que a Celfocus tenha como principal mercado as telecomunicações. E que a internacionalização lhe esteja no ADN. Hoje, 80% do negócio da Celfocus é já realizado fora das fronteiras nacionais. Não só nas casas Vodafone mas também em empresas participadas pelo grupo.

Basicamente tudo começou em 2000 quando a Vodafone Portugal queria encetar um programa de transformação na área do Business Support Systems (BSS) e queria um parceiro de referência. Surge assim o nome da Novabase que acabou por resultar na atual joint venture.

Basicamente, hoje, a empresa trabalha em quatro grandes áreas. Na Business Support Systems, que envolve toda a área de CRM, Big Data, Analytics e integração; uma outra área que envolve a gestão das plataformas de rede, um terceiro setor de comunicações unificadas e, por último, o produto da One Net que a Celfocus fornece, desenvolve e gere para a Vodafone não só de Portugal, mas d o Reino Unido, Turquia e Albá-

“Admito que, em Portugal, o investimento nesta área [IoT] ainda está a começar. Acho que ainda é embrionário”.

nia.

“Mas apesar de sermos Vodafone e vendermos para o grupo, não é por isso que ganhamos os projetos”, explicou à “Vida Económica” Daniel Dias, head of IoT da Celfocus. “Concorremos com as grandes consultoras. Apenas é mais fácil, isso sim, porque nos abrem as portas. Mas não quer dizer que fiquemos para jantar, depende da nossa capacidade. E aí temos tipo um percurso deveras interessante.”

Este “interessante” mencionado por Daniel Dias resulta já em uma faturação anual de 50 milhões e uma força de trabalho de 800 pessoas, maioritariamente instaladas em Lisboa e Porto. “Há dois anos abrimos escritório no Porto onde trabalham cerca de 150 pessoas”. Internacionalmente a empresa tem escritórios no Dubai (20 pessoas), Istambul (60 pessoas) e no Reino Unido dois espaços, um em Londres e outro em Newbury, onde o grupo Vodafone está sedado.

### IoT ganha peso

Mais recentemente, a área de IoT tem ganho particular destaque na estrutura da Celfocus. “Basicamente, pegamos nos conhecimentos que já tínhamos e expandimos para outras áreas. Temos ajudado o grupo Vodafone a desenvolver uma plataforma de IoT nestas áreas de expertise, onde destaco o nosso trabalho na área automóvel, um mercado muito importante, no qual lançamos recentemente o Internet in The Car, onde parte da solução fomos nós que desenvolvemos”.

Em muitos casos os produtos são próprios, nomeadamente na vertente do online, canais e order management, mas Daniel Dias também admite usar plataformas e soluções de outros softwares vendedores.

## Emails fraudulentos rendem 2,3 mil milhões de euros



São aos milhões os dólares que as empresas terão “cedido” para esquemas fraudulentos de crescimento rápido, em que os criminosos se fazem passar por executivos das empresas em e-mails que solicitam aos funcionários que façam transferências para contas controladas por terceiros, diz o FBI citado pela agência Reuters.

## Growin abre novo escritório no Porto

A Growin, tecnológica portuguesa, acaba de alargar a sua presença em Portugal, através da abertura de um escritório no centro do Porto. As novas instalações, na Rotunda da Boavista, inserem-se na estratégia de crescimento da empresa que conta duplicar a faturação e aumentar a equipa este ano.



# me-se como de IoT



Daniel Dias, head of IoT da Celfocus.

“As empresas portuguesas já estão envolvidas no IoT e até, muitas vezes, a trabalhar para o exterior. No entanto, admito que, em Portugal, o investimento nesta área ainda está a começar. Acho que ainda é embrionário. Mas não é uma opção. Vai ter mesmo que ser. E acho que é um mercado que, como país, como cidades, nos vamos conseguir diferenciar. Mas temos de investir para

não apanhar a carruagem a meio. Depois é mais complicado”.

Aliás, Daniel Dias sente que o mundo da Internet das Coisas é claramente disruptivo. “Como o próprio conceito é ligar tudo, está a fazer com que as fronteiras ou se esbatam ou se sobreponham em distintas áreas de atuação. Vemos que na área automóvel, por exemplo, uma BMW pondera ser a relação com o

cliente na venda das comunicações, que tradicionalmente é feito por uma telco. Vemos a Google a vender carros”.

### Um novo mundo sem fronteiras

Ou seja, hoje, as fronteiras esbatem-se. Está tudo ligado, tudo facilitado. “E mesmo do ponto de vista interno de uma empresa como a nossa, que está em conjunto com a Novabase, já não há esta segmentação do mercado. Já não há o: isto é só telecomunicações. Ou é só governo. Mas o mundo do IoT precisa de tudo. E precisa de tudo ligado. Quem é que lá vai? Que soluções é que são endereçadas? O desafio do IoT é também esse. Que as próprias empresas que fornecem e que estão a atuar em IoT entendam que está a haver uma reorganização, perceber qual o posicionamento”.

A imagem é mais ou menos esta. Um presidente de câmara quer fazer um projeto de IoT na sua cidade. Diz Daniel

Dias que a principal dificuldade é decidir a quem é que compra. A quem fornece os equipamentos? Ou seja, a uma Cisco? Ou a quem fornece o transporte, como a Vodafone? Ou a quem faz a parte de TI, como a Celfocus, uma Novabase ou uma IBM? Ou até a quem lhe faz toda a atuação no terreno, como uma Visabeira? “É difícil neste momento perceber a quem comprar porque todas dizem que têm soluções”.

Assim, acima de tudo, Daniel Dias diz que o IoT está a trazer à superfície que é complicado uma única empresa conseguir entregar tudo. “Por isso, uma parceria é a chave. Não há forma de o evitar”.

Por tudo isto, e provavelmente muito mais, um dos focos desta empresa é precisamente ser um integrador de IoT. “O nosso papel é ajudar a gerir a diversidade. Ninguém tem tudo e nós estamos aqui para ajudar os nossos clientes nessa diversidade.”

## Celfocus com novas instalações no Porto



Dois anos após ter inaugurado o seu centro de investigação no Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto (UPTEC), a Celfocus está agora em Vila Nova de Gaia, no Arrábida Lake Towers. O novo escritório conta com mais de 800 metros quadrados, espaço para 200 colaboradores, e capacidade de expansão, permitindo acompanhar o futuro crescimento da empresa, disse a empresa em comunicado.

Com 130 colaboradores nas atuais instalações do Porto, esta mudança está diretamente relacionada com o crescimento do negócio. “Temos apostado fortemente na especialização e crescimento do nosso capital humano,

o que nos tem permitido a criação de referências sólidas no mercado das telecomunicações a nível internacional. Esta mudança é, também por isso, o reflexo dos bons resultados obtidos nos últimos anos”, afirmou Paulo Trigo, CEO da Celfocus.

Apesar da mudança de instalações, a Celfocus assume que continuará a beneficiar da parceria com a UPTEC, continuando a “investir na identificação de recém-licenciados nas áreas de engenharia para formação interna nas tecnologias que compõem a sua oferta, complementada por profissionais de elevada senioridade em termos de capacidade técnicas, funcionais ou de gestão”.

# ÓCIO E NEGÓCIOS

## Imobiliária PortugalRur premiada

A imobiliária PortugalRur acaba de receber o prémio internacional “Best Real Estate Brand Portugal 2015”, atribuído pela revista britânica ‘Global Brands Magazine’. A PortugalRur é uma empresa de mediação imobiliária especializada na promoção e venda de imóveis rurais exclusivos (herdades, palacetes, quintas e outros), imóveis citadinos de luxo e de investimento.

LIVRO “O NOVO REGIME JURÍDICO DAS FEDERAÇÕES DESPORTIVAS” É SOBRETUDO “UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO”

## “Há um défice de formação jurídica” entre os dirigentes desportivos

TERESA SILVEIRA  
teresasilveira@vidaeconomica.pt

O livro “O Novo Regime Jurídico das Federações Desportivas – Anotado e Comentado”, editado pela “Vida Económica”, da autoria de Lúcio Miguel Correia e Luís Paulo Relógio e prefácio de José Manuel Constantino, apresentado recentemente na Liga Portuguesa de Futebol Profissional, no Porto, “não é o final de um trabalho”, mas “o início de um percurso” dos autores, baseado na sua experiência profissional e académica e que pretende explorar os vários temas associados ao “estranho fenómeno do Direito do Desporto” em Portugal.

Assim explicou à “Vida Económica” Lúcio Miguel Correia, advogado, professor de Direito do Desporto e um dos autores da obra, afirmando que o livro é sobretudo “um instrumento pedagógico”, que analisa as relações entre a Liga de Clubes e a Federação Portuguesa de Futebol, as eleições nas federações, o funcionamento e a orgânica dos clubes e das federações, entre outras matérias ligadas à atividade desportiva.

Questionado sobre a forma de funcionamento destas estruturas desportivas e sobre se é necessária mais formação dos seus dirigentes e demais quadros, Lúcio Miguel Correia está de acordo: “há um défice de formação jurídica”, quer da parte dos dirigentes desportivos mas, também, da parte de árbitros e treinadores. E relata também que, “em alguns clubes”, há falta de assessoria jurídica, que dê suporte a assuntos tão importantes como a contratação desportiva ou à própria relação entre as federações, os clubes e o próprio Estado. E daí a relevância desta obra como “suporte” e



Lúis Paulo Relógio e Lúcio Miguel Correia, autores do livro.

como forma de “facilitar o acesso à informação” nestes domínios.

Também abordado pela “Vida Económica”, Luís Paulo Relógio, coautor da obra, explicou as razões que estão na base da sua escrita. “Primeiro, porque as federações desportivas são, a montante, o núcleo essencial do desporto, enquanto representantes das modalidades”. Depois, “a jusante, porque são as federações que regulamentam todo o universo desportivo”.

Aliás, garante Luís Paulo Relógio, “não há desporto sem as federações”.

Assumindo também o seu papel de jurista e docente de Direito do Desporto, Luís Paulo Relógio diz que este livro escrito com Lúcio Miguel Correia é “um projeto comum” e uma forma de “tratarmos estes temas em conjunto nas mais variadas formas e vertentes”. Em suma, “carreamos para o livro as nossas diferentes experiências e perspetivas sobre o Direito do Des-

porto”, diz.

Na forja estão já outros projetos editoriais nesta área, garantem os dois autores à “Vida Económica”. “Seguramente que publicaremos novas obras”, diz Luís Paulo Relógio, revelando que nas várias sessões de apresentação deste livro pelo país o público “suscitou dúvidas e questões que nos levam a tecer novas reflexões”. A resposta é, portanto, afirmativa: “seguramente iremos pensar nisso”.



Experiência profissional e académica fundamentaram a obra.



Apresentação do livro decorreu na Liga Portuguesa de Futebol Profissional.

# FISCALIDADE

## Governo vai intensificar combate à fraude fiscal

“Não só tentaremos obter toda a informação relevante, como serão utilizados todos os mecanismos no sentido de serem tributados aqueles rendimentos e patrimónios que devam imposto em Portugal e cuja ocultação agora se detete”, garantiu o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Fernando Rocha Andrade, em sede parlamentar. O governante admite que a administração fiscal tem os meios legais suficientes para agir. Também assume o facto dos paraísos fiscais não serem uma realidade nova e que há todo o interesse em intensificar o combate à fraude e à evasão fiscais.

NUM CONTEXTO DE ESTABILIZAÇÃO DA CARGA FISCAL

## Portugal foi o país da OCDE que mais agravou tributação sobre o trabalho

Portugal foi o país que mais agravou a tributação sobre os rendimentos do trabalho, no ano passado, de acordo com uma análise realizada junto de 34 nações por parte da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE). A tornar as coisas ainda mais complicadas para os contribuintes nacionais é que a Espanha foi a segunda jurisdição em que a carga fiscal mais baixou, depois da Grécia.

Em termos médios, os países desenvolvidos apresentaram uma carga fiscal sobre o salário médio de 35,9%, o que revelou estabilidade pelo segundo ano consecutivo, após ter crescido de forma continuada desde 2011, segundo os dados daquela organização. Este indicador resulta da soma dos impostos e das cotizações sociais pagas pelos trabalhadores e pelos empregadores e as restantes prestações familiares que se recebe, dividido pelos custos totais da mão-de-obra para os empresários. Importa notar que, em 24 países a carga fiscal subiu, relativamente a 2014, enquanto houve uma diminuição em oito. Em dois verificou-se uma estabilização dos encargos fiscais que recaem sobre os rendimentos do trabalho.

Portugal foi a economia desenvolvida que apresentou o crescimento da carga fiscal sobre o rendimento do trabalho (com mais 0,86%), seguido da Itália (0,76%), da Austrália (0,69%) e do Luxemburgo (0,64%). O principal fator para a subida da carga fiscal sobre o trabalho foi a variação do imposto sobre o rendimento de pessoas físicas, na maioria dos casos por ter aumentado



a proporção das receitas submetidas a essa imposição. De igual forma, o imposto sobre o rendimento foi o fator essencial na maioria dos países em que a fiscalidade sobre o trabalho sofreu um decréscimo, com exceção da Estónia, da Grécia e da Holanda que também apresentaram uma descida nas contribuições à Segurança Social.

### Bélgica tem os impostos mais pesados sobre o trabalho

Os impostos sobre o trabalho baixaram na Estónia, na Holanda, na Irlanda, na Bélgica, na Noruega e no Reino Unido. Nos restantes países houve subidas, à exceção da Hungria e do Chile, onde se mantiveram estáveis. No topo da lista, para além de Portugal, estiveram a

Itália, a Austrália e o Luxemburgo. Ainda assim, a Bélgica é o país em que os impostos laborais mais pesam (55,3%) no conjunto da OCDE, seguindo-se a Áustria (55,3%), seguindo-se a Áustria (49,5%), a Alemanha (49,4%) e a Hungria (49%).

As contribuições mais reduzidas respeitaram ao Chile (7%), à Nova Zelândia (17,6%) e ao México (19,7%). Tomando um período de tempo de cinco anos, a carga fiscal sobre o trabalho registou um acréscimo em 24 dos 34 países da OCDE, enquanto se verificaram reduções nos restantes nove. Entre 2010 e 2014, a tributação média sobre o trabalho, na OCDE, apresentou um crescimento de 0,9%, sendo que, entre 2007 e 2010, tinha apresentado uma quebra de três pontos percentuais.

## Contabilistas pedem prorrogação do prazo do Relatório Único

O prazo da entrega do Relatório Único deveria ser prorrogado para o final do mês de junho, de modo a não colidir com fechos e prestações de contas, modelo 22 e IVA. Por outro lado, este será um bom momento para refletir sobre esta declaração e a forma de a simplificar, defende Vitor Vicente, sócio-gerente da empresa Contas e Resultados.

Relativamente à data de entrega, noutras alturas já foi sujeita a alterações, até porque sucedeu o que se está a passar neste momento, os serviços de recolha do Relatório Único têm-se defrontado com dificuldades em colocar a aplicação de entrega. Daí o contabilista

certificado defender a sua prorrogação para o final de junho. E este será também um bom momento para pensar na sua simplificação. “Muita da informação que vai nesta declaração já é do conhecimento dos serviços do Estado, designadamente da Segurança Social e da Autoridade Tributária, através de três declarações que as empresas enviam ao longo do ano.”

Feitas as alterações declarativas, defende Vitor Vicente que basta criar a legislação e os protocolos informáticos, como sucede no caso da Informação Empresarial Simplificada que é enviada para a Autoridade Tributária e esta

distribui os dados para o Registos e Notariado, o Banco de Portugal e o INE. Afinal, tudo isto pode ser feito entre organismos do mesmo ministério. “O Estado tem de ajustar as datas para que os profissionais, ainda que com condições de trabalho mais exigentes, possam cumprir com as suas obrigações declarativas.” Na opinião deste profissional, compete aos serviços do Estado e ao legislador olhar de outro modo para o calendário fiscal e para as obrigações legais das empresas, “de forma a se proceder aos necessários ajustamentos e não permitir demasiados constrangimentos”.

### AGENDA FISCAL

#### ABRIL

##### Até ao dia 20

- **IRS - Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares**
  - Entrega das importâncias retidas, no mês anterior, para efeitos de Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS).
- **IRC - Imposto sobre o rendimento das pessoas coletivas**
  - Entrega das importâncias retidas, no mês anterior, para efeitos de Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas (IRC)
- **Imposto do Selo**
  - Entrega das importâncias retidas, no mês anterior, para efeitos de Imposto do Selo.
- **IVA - Imposto sobre o valor acrescentado**
  - Declaração recapitulativa – Entrega da Declaração Recapitulativa, por transmissão eletrónica de dados pelos:
    - sujeitos que no mês anterior, tenham efetuado transmissões intracomunitárias de bens e/ou prestações de serviços noutros Estados-membros;
    - sujeitos que no trimestre anterior tenham efetuado transmissões intracomunitárias de bens e/ou prestações de serviços a sujeitos passivos registados noutros Estados;
    - sujeitos passivos isentos ao abrigo do artigo 53.º que tenham efetuado prestações de serviços a sujeitos passivos registados noutros Estados-membros, no mês anterior.

##### Até ao dia 25

- **IVA - Imposto sobre o valor acrescentado**
  - Comunicação por transmissão eletrónica de dados dos elementos das faturas emitidas no mês anterior pelas pessoas singulares ou coletivas que tenham sede, estabelecimento, estável ou domicílio fiscal em território português e que aqui pratiquem operações sujeitas a IVA.

##### Até ao dia 30

- **IRS - Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares**
  - Entrega, via internet, da declaração de rendimentos Modelo 3 pelos sujeitos passivos com rendimentos do trabalho dependente e/ou pensões eventualmente acompanhada do Anexo J (rendimentos auferidos no estrangeiro) e do anexo H (benefícios fiscais).
- **IMI - Imposto Municipal sobre Imóveis**
  - Pagamento da totalidade do Imposto Municipal sobre Imóveis, referente ao ano anterior, se igual ou inferior a € 250,00 ou da 1ª prestação, se superior.
- **Imposto do Selo**
  - Pagamento da totalidade, se igual a ou inferior a € 250, ou da 1ª prestação se superior, do Imposto do Selo devido pelos proprietários, usufrutuários ou detentores do direito de superfície de prédios cujo valor patrimonial é superior a um milhão de euros - verba nº 28 da Tabela Geral do Imposto de Selo.
- **IUC - Imposto Único de Circulação**
  - Liquidação e pagamento do Imposto Único de Circulação - IUC, relativo aos veículos cujo aniversário da matrícula ocorra no mês de abril.
- **IVA - Imposto sobre o valor acrescentado**
  - Entrega do pedido de restituição IVA pelos sujeitos passivos cujo imposto suportado, no ano civil anterior ou no próprio ano, noutro Estado Membro ou país terceiro, quando o montante a reembolsar for superior a € 400, e respeitante a um período não inferior a três meses consecutivos.

### INDÚSTRIA FARMACÊUTICA Contribuição extraordinária

As entidades a que alude o artigo 2º do regime da contribuição extraordinária sobre a indústria farmacêutica, aprovado pelo artigo 168º da Lei nº 82 -B/2014, de 31 de dezembro, e que não se encontrem isentas da contribuição, ao abrigo do nº 2 do artigo 5º do mesmo regime, devem proceder à entrega até ao final do mês de abril da Declaração Modelo 28 (aprovada pela Portaria nº77-A/2015, de 16 de março). Para pagamento da contribuição extraordinária sobre a indústria farmacêutica apurada no 1º trimestre de 2016.

**FISCALIDADE****Penhoras sobre casas deixam de existir em caso de dívidas fiscais**

Foi aprovada a alteração à lei que impede a venda de habitação permanente para pagamento de dívidas fiscais. O que significa que os particulares deixam de contar com penhoras sobre a casa própria, apesar de possuírem dívidas fiscais. Este regime aplica-se a imóveis com valores até aos 570 mil euros, uma quantia contestada pelo PSD, que adiantou uma proposta de valor até 170 mil euros.

**Portugal beneficiária com taxa única de IVA**

Portugal beneficiária com uma taxa única de IVA, desde que acompanhada por uma redução da taxa normal, defende o fiscalista e ex-secretário de estado Rogério Fernandes Ferreira, no âmbito da reforma proposta pela Comissão Europeia para este imposto. Por essa via seriam solucionados uma série de problemas.

**CONTAS & IMPOSTOS****Demonstrações financeiras que recaem sobre as empresas-mãe**

Na preparação das demonstrações financeiras consolidadas, devem ser eliminados por inteiro os resultados provenientes de transações intragrupo que sejam reconhecidos nos ativos, tais como inventários e ativos fixos tangíveis, líquidos dos respetivos ativos e passivos por impostos diferidos, decorrentes dessa eliminação.

Uma entidade, chamemos-lhe "A", elabora demonstrações financeiras consolidadas. Fazem parte do perímetro de consolidação as entidades "B" e "C", cujas participações "A" detém a 100%.

"A" releva nas suas contas individuais as participações de "B" e "C" pelo Método de Equivalência Patrimonial. O método de consolidação é o Integral.

Entre várias operações efetuadas no período entre "A" e "B" e "C", destaco uma venda de ativo fixo tangível, em que "A" vendeu a "B" um bem por um valor superior ao líquido escriturado, ou seja, com mais-valia (na empresa B foi registado como ativo fixo tangível e à data de 31 de dezembro de 2015 o bem não foi sujeito a qualquer depreciação).

Após efetuadas as operações de consolidação, nomeadamente a eliminação das operações recíprocas e não recíprocas (e para a exposição da nossa dúvida, partimos do pressuposto que os registos estão todos corretos), subsiste uma diferença no resultado líquido do período entre a demonstração dos resultados individual (da "A") e a demonstração dos resultados consolidada, precisamente no valor da mais-valia. O mesmo sucede no balanço, no total do capital próprio, ou seja, entre o capital próprio de A e o capital próprio consolidado subsiste uma diferença precisamente no valor da mais-valia.

O ROC de "A" afirmou-me que o resultado líquido do período da demonstração de resultados individual de A tem de ser igual ao resultado líquido do período da demonstração de resultados consolidada. Deve haver uma equivalência entre as demonstrações financeiras individuais e consolidadas no que toca ao resultado

líquido do período e no capital próprio? Ou será que esta operação em concreto (venda de ativo fixo tangível com mais-valia) deve ser ajustada de alguma forma aquando do reconhecimento pelo MEP das participações financeiras nas contas individuais de "A"?

A questão colocada refere-se ao tratamento contabilístico da aplicação da mensuração pelo método de equivalência patrimonial do interesse no investimento financeiro referente às partes de capital detidas em subsidiárias nas demonstrações financeiras da empresa-mãe, e ainda aos procedimentos de consolidação das demonstrações financeiras das empresas do grupo que integram o perímetro de consolidação.

A empresa-mãe detém o controlo de duas subsidiárias, através de uma participação de 100% no respetivo capital.

A empresa-mãe procedeu à venda de um item do ativo fixo tangível a uma das suas subsidiárias, tendo obtido uma mais-valia. A subsidiária reconheceu o bem adquirido como item do ativo fixo tangível, não tendo procedido a qualquer depreciação no período em causa.

Nos termos dos parágrafos 14 e 15 da Norma Contabilística e de Relato Financeiro (NCRF) n.º 15 - "Investimentos em subsidiárias e consolidação", na preparação das demonstrações financeiras consolidadas, devem ser eliminadas por inteiro os resultados provenientes de transações intragrupo que sejam reconhecidos nos ativos, tais como inventários e ativos fixos tangíveis, líquidos dos respetivos ativos e passivos por impostos diferidos, decorrentes dessa eliminação.

No caso em concreto, procedeu-se à

eliminação da mais-valia obtida pela empresa-mãe pela venda efetuada do item do ativo fixo tangível, que continua a pertencer e a ser utilizado pelo grupo de empresas (agora propriedade da subsidiária), tendo-se reposto o valor de aquisição e as depreciações acumuladas para o custo histórico. Não se corrigiram as depreciações do período, porque as mesmas não foram contabilizadas. Como as demonstrações financeiras consolidadas têm por objetivo apresentar a posição financeira e o desempenho do grupo, como se uma única entidade se tratasse, há que proceder à referida eliminação das operações efetuadas entre empresas do grupo e que ainda não se encontram realizadas (imputadas totalmente a resultados, nomeadamente por venda para fora do grupo ou por utilização), são as designadas operações não recíprocas.

Por outro lado, na aplicação do MEP nas demonstrações financeiras individuais da empresa-mãe, devem também utilizar-se procedimentos semelhantes àqueles da consolidação, conforme determina o parágrafo 62 da NCRF 13 - "Interesses em Empreendimentos Conjuntos e Investimentos em Associadas", por remissão do parágrafo 8 da NCRF 15.

Por exemplo, na aplicação do MEP, a mensuração do investimento financeiro na subsidiária deve atender também à eliminação dos resultados provenientes de transações «ascendentes» e «descendentes» entre um investidor e as participadas, ou seja, proceder à eliminação das operações intragrupo, tal como previsto para o procedimento de consolidação, conforme determina o parágrafo 51 da NCRF 13. Nas transações «descendentes», por exemplo, vendas de ativos fixos tangíveis

do investidor a uma participada, a parte do investidor nos resultados da participada resultante destas transações é eliminada. No caso em concreto, para mensurar o investimento financeiro na subsidiária pelo MEP, haveria que eliminar do resultado líquido do período da participada o efeito líquido de impostos diferidos do aumento de depreciações do item do ativo fixo tangível adquirido pela subsidiária por um valor superior (com mais-valia para a empresa-mãe) ao custo histórico.

Se não foram contabilizadas as depreciações, não há que proceder a qualquer correção ao resultado líquido do período obtido pela subsidiária.

Apesar de a empresa-mãe deter uma percentagem de interesse nas subsidiárias de 100%, o resultado líquido do período obtido nas demonstrações financeiras individuais, já influenciado pelo MEP (imputação do interesse nos resultados obtidos pelas subsidiárias), não é igual ao resultado líquido do período das demonstrações financeiras consolidadas, pois a mais-valia obtida pela alienação do item do ativo fixo tangível foi obtida na esfera da empresa-mãe, não tendo sido anulada na aplicação do MEP na mensuração do investimento financeira nas demonstrações financeiras individuais dessa empresa-mãe.

Na realidade, nas demonstrações financeiras individuais da empresa-mãe está refletida a mais-valia obtida com alienação do item do ativo fixo tangível à subsidiária, não sendo objeto de qualquer anulação. Nas demonstrações financeiras consolidadas, essa mais-valia é anulada, pelo que, efetivamente, existe, pelo menos, essa diferença entre os resultados obtidos, consolidado e da empresa-mãe.

**Rendimentos do trabalho dependente em sede de IRS**

Deverá ser efetuada pela entidade pagadora a respetiva retenção na fonte de IRS, no momento do respetivo pagamento ou colocação à disposição aos trabalhadores.

A empresa é uma oficina, que tem vários trabalhadores por conta de outrem. Aquando do processamento do salário mensal, são processadas várias rubricas com rendimento, algumas sujeitas às taxas de IRS e Segurança Social, mas há uma rubrica em especial que não está associada aos descontos de Segurança Social e IRS. As gratificações também devem relevar para os descontos de Segurança Social e IRS, ou seja, se esta rubrica / remuneração está sujeita a contribuição para a Segurança Social e a descontos de IRS?

Relativamente a gratificações (que pressupomos serem equiparadas a prémios e não gratificações denominadas de balanço), na ótica da empresa, e para efeitos da respetiva contabilização, deverá ser efetuado procedimento idêntico ao do processamento de qualquer remuneração, pois, em termos fiscais, trata-se de um

gasto fiscalmente dedutível, nos termos do artigo 23.º, n.º 1, alínea d), do Código do IRC.

Em termos contabilísticos, os prémios de produtividade, de assiduidade, entre outros atribuídos aos trabalhadores, são gastos com o pessoal e devem ser registados na conta 632 - Remunerações do pessoal. Na ótica dos beneficiários do rendimento, este reconduz-se ao conceito de remuneração previsto no n.º 2 do artigo 2.º do Código do IRS, sendo, por conseguinte, tributado em sede deste imposto como rendimento do trabalho dependente, procedendo-se à respetiva retenção na fonte, sendo o montante de crescer aos outros rendimentos desse mês e aplicando-se as tabelas de retenção.

Deste modo, deverá ser efetuada pela entidade pagadora a respetiva retenção na fonte de IRS, no momento do respetivo pagamento ou colocação à disposição

aos trabalhadores, depois de somado aos restantes rendimentos do mês e são de incluir no recibo de remunerações do trabalhador do mês a que respeitam. Em termos de Código Contributivo, referimos que apenas servirão de base de incidência em sede de segurança social, de acordo com as alíneas c) e d) do n.º 2 do artigo 46.º do Código Contributivo: "c) As comissões, os bónus e outras prestações de natureza análoga; d) Os prémios de rendimento, de produtividade, de assiduidade, de cobrança, de condução, de economia e outros de natureza análoga, que tenham caráter de regularidade".

Tratando-se de uma periodicidade anual, trimestral ou mensal, o pagamento do prémio deverá servir de base para as contribuições para a segurança social, de acordo com a alínea d) do artigo 2.º do artigo 46.º do Código Contributivo.

Se estivermos perante prémios sem caráter de regularidade (sejam prémios de produtividade gratificações ou outros prémios), não servirão de base de incidência para as contribuições para a segurança social. A regularidade dos pagamentos é aferida, qualquer que seja o seu padrão ou periodicidade.

O artigo 47.º da Lei n.º 110/2009 define o conceito de regularidade: "Considera-se que uma prestação reveste caráter de regularidade quando constitui direito do trabalhador, por se encontrar preestabelecida segundo critérios objetivos e gerais, ainda que condicionais, por forma a que este possa contar com o seu recebimento e a sua concessão tenha lugar com uma frequência igual ou inferior a cinco anos." - Redação dada pela Lei n.º 83-C/2013, de dezembro de 2013 (Orçamento do Estado para 2014).

# EMPRESAS

O PÓS-EURO EM CONFERÊNCIA

## Portugal tem de debater a sua saída do euro

Tem sido praticamente inexistente o debate público sobre a urgência de Portugal sair do euro, quais as consequências desta decisão e o eventual fim da região da moeda única. Como tal, decorre hoje uma iniciativa sob a designação "O pós-euro em conferência na internacional na Europa e em Portugal", no Auditório Camões em Lisboa. Jorge Bateira é um dos organizadores e chama a atenção para o facto de se tratar da primeira conferência no nosso país sobre os hipotéticos tempos pós-euro.

A conferência parte do princípio que a moeda única vai acabar e que é preciso pensar nos tempos pós-euro. É uma iniciativa da Associação Democracia Solidária que visa promover o debate público sobre a urgência de Portugal sair do euro. "Este é um assunto tabu na sociedade portuguesa, mas que até está a ser bastante debatido noutros países europeus, com especial destaque para a Alemanha, a Itália e a França. A resistência à moeda única europeia está em crescendo", adianta o docente universitário.

Se há situação que se tem degradado na Europa é aquela que respeita ao euro, com o BCE a revelar uma clara impotência para fazer face aos problemas que se vão colocando.

### O regresso ao escudo mas desvalorizado

"Relativamente ao nosso país, não há, para já, condições políticas para se sair do euro. Não há Governo que tome uma iniciativa desse tipo. Daí ser necessário o debate sobre esta matéria. A realidade é que Portugal não tem quaisquer condições para se desenvolver no âmbito da moeda única." Assim, Jorge Bateira defende o regresso ao escudo, forçosamente com a sua desvalorização para garantir a competitividade das empresas e o aumento das exportações.

Tal não implicaria sair da União Europeia. Mas é um facto que o fim do euro representaria um forte abalo de toda a região, sendo necessário recorrer à reconversão dos tratados europeus. Ou seja, implicaria

a criação de uma outra União Europeia que não a atual. "Certo é que o euro é um projeto condenado a falhar e, neste momento, não restam dúvidas que há muitas nuvens negras no horizonte." Acontece que o

debate sobre estas realidades é paupérrimo na sociedade, mas é importante começar a pensar numa nova realidade, até porque está em perspectiva uma grande crise financeira internacional, conclui Jorge Bateira.

### ITSector cresce nos mercados internacionais

A ITSector, tecnológica com sede no Porto e especialista no desenvolvimento de soluções de sistemas de informação para o setor financeiro, está determinada a conquistar quota de mercado em países como França, Inglaterra, Suíça, Alemanha e, para tal, vai investir no aumento da sua capacidade de produção e desenvolvimento de software em regime de Nearshore.



A saída do euro é um assunto tabu na sociedade portuguesa.

PUB

VidaEconómica

## MANUAL PRÁTICO

ESSENCIAL PARA O ENCERRAMENTO DE CONTAS, APURAMENTO DA MATÉRIA COLETÁVEL E PREENCHIMENTO DA MOD. 22

Com exemplos e casos práticos.

### INCLUI:

- A ligação à contabilidade
- Análise de todo o Quadro 07
- Novidades do período
- Prejuízos e Benefícios fiscais
- Os vários regimes
- Pagamentos antecipados
- Dupla tributação internacional
- Tributações autónomas
- Jurisprudência mais recente sobre cada matéria
- Anexos

NÃO PERCA!



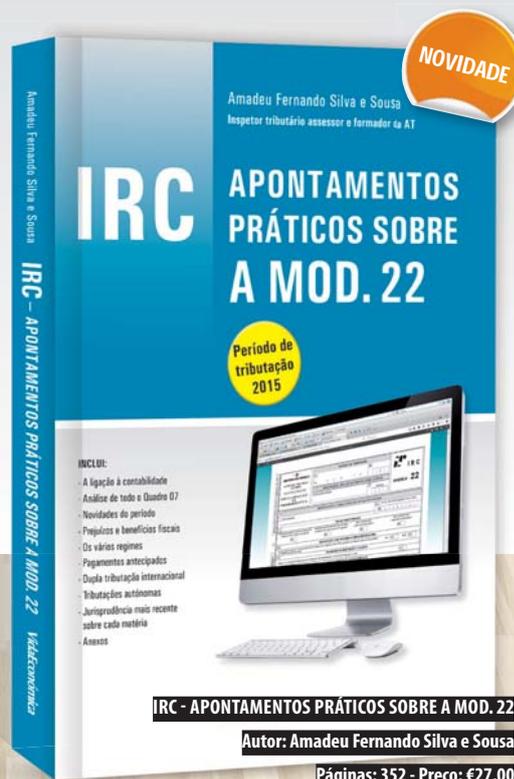
VidaEconómica

R. Gonçalo Cristóvão, 14, r/c • 4000-263 PORTO

<http://livraria.vidaeconomica.pt>

[encomendas@vidaeconomica.pt](mailto:encomendas@vidaeconomica.pt)

☎ 223 399 400



IRC - APONTAMENTOS PRÁTICOS SOBRE A MOD. 22

Autor: Amadeu Fernando Silva e Sousa

Páginas: 352 - Preço: €27,00

VidaEconómica Boletim do Contribuinte

### CUPÃO ENCOMENDA

(recortar ou fotocopiar)

Nome \_\_\_\_\_ Nº Contribuinte \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

C. Postal \_\_\_\_\_ E-mail \_\_\_\_\_

Solicito o envio do livro IRC - APONTAMENTOS PRÁTICOS SOBRE A MOD. 22

Pago por transferência bancária para o IBAN PT50 0001 8000 0214 3479 7001 92 (é necessário enviar comprovativo)

Para o efeito envio cheque/vale nº \_\_\_\_\_, s/o \_\_\_\_\_, no valor de € \_\_\_\_\_

Solicito o envio à cobrança. (Acrescem 4€ para despesas de envio e cobrança).

ASSINATURA \_\_\_\_\_

**EMPRESAS****MSC Portugal movimentou dois milhões de TEU**

A MSC Portugal atingiu os dois milhões de TEU movimentados, ou seja, contentores cheios de carga de importação e exportação. Este valor de movimentação é contabilizado desde o início da atividade da empresa no mercado português, o que sucedeu em 1991, tendo sido alcançado com a escala do navio MSC Fabienne. A empresa está bastante otimista relativamente ao ano em curso.

**Portugal com segundo maior défice orçamental da Zona Euro**

O FMI antevê que Portugal vai ter o segundo maior défice orçamental da Zona Euro, este ano, com 2,9% do PIB. E o mesmo se aplica à dívida pública, a qual se deverá fixar em perto de 128%. França e Espanha (ambas com 3,4%) vão liderar o ranking do défice orçamental. Depois de Portugal surgem países como a Finlândia e a Bélgica, a Itália e a Eslovénia, de acordo com os dados do Fundo Monetário Internacional.

**ALL4PACK Paris 2016 vai ter mais de 1500 expositores**

A feira **Emballage & Manutention**, agora **ALL4PACK Paris 2016**, apresenta indicadores positivos, com cerca de 800 expositores inscritos até à data, dos quais 40% de internacionais.

A oito meses da abertura e com 80% do espaço reserva-

do, o certame deverá receber 98 000 profissionais entre 14 e 17 de novembro em Paris Nord Villepinte.

A **ALL4PACK Paris** propõe em 2016 uma oferta totalmente repensada em adequação com o mercado e as expectativas dos profissionais. Entre os

expositores estão empresas como **DS Smith Packaging**, **Marchesini Group Spa**, **Soninil**, **PWR Pack International BV** – **Weber Marketing Systems France** etc.

Os expositores e pavilhões históricos (**Istanbul Exporter's Associations** – **BFR Groupe** –



**Véronique Sestrières**, diretora da feira **ALL4PACK Paris**.

PUB

**Krones** – **Mecapack**) também estarão presentes.

**Um ponto de encontro internacional para toda a fileira**

Com 40% de empresas estrangeiras inscritas, a feira confirma a sua abrangência internacional.

Entre os países mais representados este ano estão: Itália,

**Em 2014, atraímos +12% de novas empresas**

Alemanha, Turquia, Espanha, Bélgica e Luxemburgo. Esta edição é também marcada por uma presença reforçada dos Países Baixos e Reino Unido, assim como uma dinâmica interessante por parte da Ásia e da China.

“Nesta edição é indiscutível a aposta nas novidades – novos halls, nova setorização, novo pricing, evolução da marca. É indispensável reinventar-se a cada edição para acompanhar a par e passo as mutações do mercado e manter-se atrativo para os compradores.

Em 2014, atraímos +12% de novas empresas do lado dos visitantes e o equivalente em potenciais negócios para os expositores”, afirma **Véronique Sestrières**, diretora da feira **ALL4PACK Paris** (Grupo **Comexposium**).

**Números chave a 1 de abril de 2016**

- 85% da área já se encontra reservada
- 800 expositores inscritos
- 20% de novas empresas
- 40% de expositores internacionais

II FORUM DE CONTABILIDADE E ECONOMIA SOCIAL  
ENQUADRAMENTO SOCIAL, JURÍDICO,  
CONTABILÍSTICO E FISCAL DAS  
INSTITUIÇÕES  
PARTICULARES DE  
SOLIDARIEDADE  
SOCIAL  
EM PORTUGAL

Com a participação de

**P. José Lopes Baptista** | UDIPSS – Porto – União Distrital

**Prof. Doutor Lício Lopes** | Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

**Dr. Ricon Peres** | Cálculo 3S – Contabilidade da Economia Social

**Prof.ª Doutora Nina Aguiar** | Instituto Politécnico de Bragança, CECEJ

**Prof.ª Doutora Deolinda Meira** (moderadora) | ISCAP/CECEJ

**Prof.ª Doutora Ana Maria Bandeira** (moderadora) | ISCAP/CECEJ

Inscrição através do sítio do CECEJ: 10 € (gratuita para estudantes)

20 de Abril de 2016

14h 30m

Auditório 1 do ISCAP

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto



**CECEJ**  
CENTRO DE ESTUDOS EM  
CIÊNCIAS EMPRESARIAIS E JURÍDICAS

[www.iscap.ipp.pt/cecej](http://www.iscap.ipp.pt/cecej)

[cd.cecej@iscap.ipp.pt](mailto:cd.cecej@iscap.ipp.pt)

MEDIA PARTNER: **VidaEconómica**  
GRUPO EDITORIAL

# Arcos de Valdevez colabora com a UTAD

Foi no âmbito da celebração dos seus 30 anos que a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) procedeu à assinatura de protocolos com 30 municípios da região Norte, entre os quais se conta Arcos de Valdevez.

A cerimónia pretendeu dar a conhecer a importância do trabalho que tem vindo a ser dinamizado entre a UTAD e as autarquias em múltiplos projetos de desenvolvimento ligados à investigação, à inovação, ao empreendedorismo e à transferência de conhecimento e tecnologia para a

comunidade e empresas.

Este protocolo abrange áreas temáticas muito diversas onde a UTAD tem desenvolvido competências, nomeadamente na agricultura, produção animal e floresta e o agroalimentar; desenvolvimento regional, baseado no turismo, inovação tecnológica e social.

De salientar que a UTAD participa no Programa EMER Empreendedorismo em Meio Rural, o qual tem como principal objetivo desenvolver uma metodologia expedita de promover e facilitar o empreendedorismo em meio

rural, criando dinâmicas de trabalho conjunto, criação de emprego e fixação da população. Pretende dinamizar um setor e uma atividade para a qual o Alto Minho tem grande potencial, em função dos seus enormes e inimitáveis recursos endógenos, os produtos agrícolas e géneros alimentícios tradicionais, sendo o objetivo final a promoção do emprego de jovens e o aumento da competitividade e coesão social.

A presidir ao evento esteve o secretário de Estado Adjunto e do Ambiente, José Mendes.



## EM PARCERIA COM A ORDEM DOS ARQUITETOS

### Banema promove conferências sobre a madeira na arquitetura

A Banema, empresa distribuidora de produtos de base de madeira, está a promover em associação com a Ordem dos Arquitectos um inovador ciclo de conferências sobre o papel e capacidade que a madeira pode desempenhar na arquitetura atual. Archiwood by Banema – Conferências de Arquitecturas com Madeira pretende ser um ponto de encontro e de disseminação dos conhecimentos técnicos destas duas áreas, apostando num modelo dinâmico de encontros itinerantes em vários locais do país e com focos em diferentes variações deste material.

A primeira sessão decorreu esta semana na sede da Ordem dos Arquitectos, Lisboa, e incidiu sobre a madeira modificada, ou seja, aquela que é sujeita a tratamento para melhorar o comportamento da madeira maciça sem a utilização de produtos químicos perigosos. Os processos atualmente existentes focam a sua atenção na melhoria da resistência à biodegradação, da estabilidade dimensional e da resistência à radiação ultravioleta.

Neste primeiro encontro, estiveram em análise três projetos arquitetónicos onde este material está presente, mas que variam em termos da intensidade da sua utilização e conjugação com outros materiais. O Centro Sociocultural da Costa Nova, a Casa RV (uma habitação particular) e o Torre de Palma Wine Hotel foram os trabalhos de arquitetura debatidos e as vantagens da madeira modificada ao nível de resistência, durabilidade e sustentabilidade.

As conferências Archiwood by Banema são de acesso livre, mas convidam os participantes a realizar registo prévio, que poderá ser feito online no site do evento em [www.archiwood.pt](http://www.archiwood.pt).

## OS INCENTIVOS EUROPEUS SÃO UMA OPORTUNIDADE A NÃO PERDER

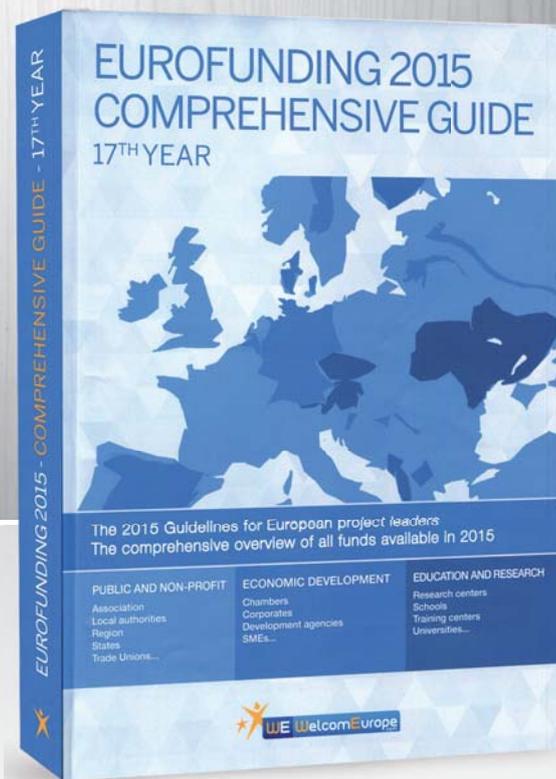
A Vida Económica vai disponibilizar as regras de acesso e toda a informação sobre os programas de incentivos geridos diretamente pela Comissão Europeia.

Conheça as normas da estratégia Europa 2020, as condições de acesso e a informação prática para apresentação de candidaturas a programas como Horizonte 2020, COSME (Programa para a Competitividade das PME), Erasmus+, Saúde a favor do crescimento, Iniciativa para o Emprego Jovem, entre outros, num total de mais de 250 medidas.

Mais de 400 páginas de informação, com fichas descritivas de cada medida, orçamentos disponíveis, incentivos a atribuir, contactos e endereços para apresentação de candidaturas.

### DISPONÍVEL PARA ENTREGA IMEDIATA

em Francês e/ou Inglês.



Preço €135 + IVA

VidaEconómica R. Gonçalo Cristóvão, 14, r/c • 4000-263 PORTO

<http://livraria.vidaeconomica.pt> [encomendas@vidaeconomica.pt](mailto:encomendas@vidaeconomica.pt) 223 399 400

**EMPRESAS****Hotel Casa da Calçada Relais & Châteaux distinguido**

A Casa da Calçada Relais & Châteaux, hotel de cinco estrelas em Amarante, conquistou o Selo de Qualidade no âmbito do Sistema de Valorização de Produtos e Serviços Turísticos da Rota do Românico. Criada em 1998, a Rota do Românico envolve os municípios da região Tâmega e Sousa.

**Allianz deixa a Coreia do Sul**

O grupo segurador Allianz saiu da Coreia do Sul, país onde manteve operações durante quase duas décadas. Os ativos foram vendidos aos chineses da Anbang, que ainda recentemente falhou a aquisição da cadeia hoteleira Starwood. Mas esta venda representa um duro golpe nas ambições da seguradora alemã na Ásia, região em que pretendia garantir um crescimento anual de cinco pontos percentuais. No ano passado, os resultados da Allianz naquele país foram decepcionantes.

# SPI promove cooperação entre a China, Estados Unidos e União Europeia



A Sociedade Portuguesa de Inovação (SPI), em conjunto com a Universidade da Califórnia Institute on Global Conflict and Cooperation (IGCC), organizou o workshop “Understanding Science, Technology, and Innovation Engagement between China, United States and European Union”, que decorreu em Lisboa. Este evento foi patrocinado pelo Department

of Navy, US Office of Naval Research Global do Governo Americano, e teve como objetivo promover a cooperação entre a China, Estados Unidos e União Europeia no que diz respeito à Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI).

A SPI é uma empresa de consultadoria, criada em 1997, com um profundo conhecimento dos setores público e priva-

do, tem como missão a gestão de projetos que fomentem a Inovação e a Gestão do Conhecimento e promovam a Internacionalização, recorrendo, sempre que conveniente, à criação de parcerias estratégicas. O Grupo inclui a SPI Açores, a SPI China, a SPI USA, a SPI Espanha, a SPI Ventures, um escritório de representação em Singapura e uma representação permanente em

Bruxelas, através de uma parceria com a European BIC Network (EBN).

Este evento teve a duração de dois dias e contou com a presença de representantes dos Estados Unidos, China e da UE, entre os quais: membros do US Office of Naval Research Global, Comissão Europeia – DG Research & Innovation, US Naval Attaché to Portugal, University of Oregon (Emeritus), Vienna University of Technology, University of Chinese Academy of Sciences, Nottingham University, Zhejiang University, The Weizmann Institute of Science, Michigan State University, University of Hong Kong, Peking University, University of California San Diego, The Research Council of Norway, The Austrian Research Promotion Agency, European Business and Innovation Centre Network, DLR, Help-Forward, Romanian Office for S&T to the EU, Tsinghua University, China International Economic Cooperation & Investment, Chinese Academy of S&T for Development e Department of Defense Minerva Initiative. Destaca-se também a presença do Embaixador dos Estados Unidos em Portugal.

O “workshop” pretendia promover a discussão multilateral entre os participantes, incluindo quais as políticas de cooperação entre a China-UE e a China-EUA, novos paradigmas globais e desafios para Ciência, Tecnologia e Inovação no contexto China-UE e China-EUA, principais tendências, novas tecnologias e futuras oportunidades de cooperação.

O evento teve lugar no Altis Grand Hotel em Lisboa e incluiu uma visita à Fundação Champalimaud.

## Grupo Inditex é o maior cliente de têxtil e vestuário português

O grupo Inditex (Zara) é o principal cliente da indústria portuguesa de têxtil e vestuário com um volume de compras que deve rondar os 800 milhões de euros. Estima-se que o grupo compre em Portugal cerca de 10% dos artigos distribuídos pela rede de lojas, nos vários continentes.

Além do volume de compras significativo que efetua, o grupo Inditex tem em Portugal o seu principal mercado a seguir a Espanha. O grupo tem em Portugal uma rede total com cerca de 800 lojas, obtendo um volume de vendas que supera países como França ou Alemanha.

**Exportações continuam a crescer**

As exportações da indústria têxtil e vestuário apresentaram um crescimento de 5,6%, nos dois primeiros meses do ano. Foram exportados cerca de 840 milhões de euros, sendo que a balança comercial da ITV se fixou em 233 milhões de euros, de acordo com a Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP).

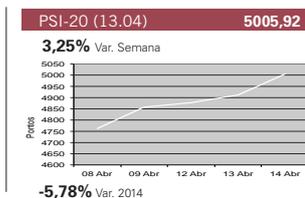
A Espanha e a Alemanha foram os mercados a registar o maior crescimento absoluto – com um aumento de 29 milhões e seis milhões de euros, respetivamente, face a igual período do ano passado –, correspondendo a um crescimento relativo de 11,6% e 8,7%, designadamente. Destaque ainda para a evolução das exportações para outros mercados europeus, como foram os casos da Finlândia (33,5%), da República Checa (29,5%) e da Áustria (18,4%), adianta a associação.

As exportações de vestuário revelaram um crescimento superior a sete pontos percentuais, os artigos têxteis confeccionados (entre os quais os têxteis para o lar) cresceram 3,6% e têxteis sofreram um acréscimo de 2,7%. Em termos de matérias-primas, a ATP destaca os tecidos especiais e tufados, com uma evolução de 27,5%, bem como as exportações de tapetes e outros revestimentos têxteis, com um crescimento de 22,3% e de matérias-primas de algodão, entre as quais fios e tecidos, com um aumento de quase 18%.



Grupo compra em Portugal cerca de 10% dos artigos distribuídos pela rede de lojas.

## MERCADOS



<b>Dow Jones 13/Abr.....</b>	<b>17871,37</b>
Var Sem .....	0,86%
Var 2014 .....	2,55%
<b>Nasdaq 13/Abr.....</b>	<b>4927,398</b>
Var Sem .....	0,10%
Var 2014 .....	-1,64%
<b>IBEX 35 13/Abr.....</b>	<b>8820,70</b>
Var Sem .....	5,03%
Var 2014 .....	-7,58%

<b>DAX 13/Abr .....</b>	<b>10026,1</b>
Var Sem .....	4,17%
Var 2014 .....	-6,67%
<b>CAC40 13/Abr .....</b>	<b>4490,309</b>
Var Sem .....	4,80%
Var 2014 .....	-3,17%

COLABORAÇÃO: BANCO POPULAR

PRESIDENTE DA COSEC DESTACA, POR ISSO, A IMPORTÂNCIA DO SEGURO DE CRÉDITO

# Empresas portuguesas demoram mais 64 dias a pagar do que as alemãs

O prazo de pagamento dos fornecimentos das empresas portuguesas está em linha com os países mediterrânicos, mas muito acima da média de outros países. Em relação à Alemanha, por exemplo, a diferença é de 64 dias, mais 320%. “A título de exemplo, os prazos médios de recebimento em 2013 eram de 20 dias na Alemanha, valor muito superior a Portugal que ascendia a 84 dias”, indica, em entrevista à “Vida Económica”, o presidente do conselho de administração da COSEC. Miguel Gomes da Costa realça a importância dos seguros de crédito neste contexto.



Miguel Gomes da Costa realça a importância dos seguros de crédito neste contexto.

uma equipa internacional responsável pela cobrança dos créditos nestes mercados.

## VE – Quais os objetivos para 2016 da COSEC?

MGC – Pensamos que o seguro de créditos possui vantagens que as empresas portuguesas devem aproveitar, para se diferenciar e dispor de uma posição segura no desenvolvimento dos seus negócios. Especialmente na diversificação dos mercados de destino das exportações, o Seguro de Créditos COSEC e a Linha de Seguro de Créditos à Exportação para Países Fora da OCDE, podem ter um papel determinante face à atual conjuntura. A COSEC tem feito esforços para intensificar o apoio que pode prestar às empresas nacionais e para despertar o interesse de novas empresas exportadoras, lançando novos produtos no mercado. Assim, continuaremos a olhar para as necessidades das empresas, com enfoque nas PME, disponibilizando produtos e serviços desenhados à medida da sua realidade. Por outro lado, a nossa política comercial e de subscrição de riscos deverá continuar a evoluir de acordo com o enquadramento económico que se perspetiva, mantendo-se a aposta no apoio às exportações, em estreita colaboração para que os segurados COSEC possam beneficiar da nossa avaliação e proteção, sobretudo em situações de diversificação para novos negócios. Esta perspetiva será acompanhada por uma cada vez maior focagem na qualidade do serviço e na satisfação dos nossos clientes, por forma a manter o elevado nível de retenção dos segurados e reforçar a angariação de novos clientes.

## VE – Como está o risco país de Portugal no momento e como compara com o do mesmo período de 2015?

MGC – Ao nível do nosso grupo, o risco

país é definido por uma metodologia que consiste em analisar centenas de indicadores económicos, quer eles sejam quantitativos ou qualitativos, para proporcionar a melhor compreensão dos riscos a nível económico, político, comercial e de financiamento. Nesse âmbito Portugal está atualmente classificado com rating B, numa classificação de A (melhor) a D (pior).

## VE – Qual a perceção que os empresários/investidores internacionais têm de Portugal em termos de recebimentos?

MGC – Um estudo avançado pela COSEC, realizado a nível europeu pelo grupo Euler Hermes, revela que temos prazos de recebimento mais alargados que o resto da Europa, ainda que em linha com aos prazos que caracterizam os países mediterrânicos. A título de exemplo, os prazos médios de recebimento em 2013 eram de 20 dias na Alemanha, valor muito superior a Portugal, que ascendia a 84 dias. Face ao panorama nacional, o Seguro de Créditos tem um papel muito importante na redução dos prazos médios de recebimentos, dado que impõe regras de funcionamento que tendem a introduzir uma maior disciplina no cumprimento das obrigações acordadas pelos clientes dos nossos segurados.

## VE – As exportações assumem uma importância muito grande para a economia portuguesa. Em que medida a COSEC auxilia o tecido empresarial português nessa tarefa?

MGC – O mercado de seguro de créditos no seu conjunto deverá cobrir vendas equivalentes a 20% do PIB nacional e cerca de 21% das exportações. Com estes dados torna-se evidente a importância do Seguro de Créditos no que diz respeito à contribuição para o aumento das vendas, o que não se-

ria possível na ausência desta ferramenta de prospeção e garantia. Em 2015, a exposição da COSEC, ascendeu aos 11 mil milhões de euros, o que representa cerca de 6% do PIB nacional. Cerca de 4,8 mil milhões de euros da nossa exposição era relativa a clientes situados nos mercados externos sendo que, com as exportações a crescerem mais de 6% é particularmente importante o nosso contributo para esta dinâmica, fornecendo às empresas portuguesas as ferramentas necessárias à abordagem dos mercados externos. Adicionalmente, é importante referir que há conjunto alargado de empresas, nacionais e estrangeiras, que beneficia indiretamente deste produto, nomeadamente através da concessão de garantias pela COSEC (mais de 250 mil em 2015), em muitos casos com importância decisiva na viabilização dos seus negócios.

## VE – Neste âmbito, a COSEC renovou recentemente a linha de seguro de créditos à exportação de curto prazo para países fora da OCDE, com garantia do Estado português. Que balanço e perspetivas fazem desta linha?

MGC – No conjunto da nossa atividade, quer por conta própria, quer por conta do Estado português, procuramos dotar os nossos segurados de um elevado grau de confiança nas decisões de gestão dos créditos da sua carteira de clientes, sendo que os produtos com garantia do Estado português são um complemento muito importante no apoio para expansão das empresas portuguesas em mercados ditos de risco político, que apresentam atualmente maiores taxas de crescimento e melhores oportunidades, mas também um maior risco. É nesse âmbito que, através de linhas específicas com garantia do Estado, é possível apoiar a cobertura de riscos políticos e comerciais, ligados à exportação e ao investimento nestes mercados. A Linha de Seguro de Créditos à Exportação de Curto Prazo foi renovada para o ano de 2016, mantendo as principais condições que têm vindo a ser praticadas. A experiência positiva com esta Linha, desde 2009, e o sucesso da mesma junto das empresas exportadoras portuguesas, têm motivado a sua sucessiva prorrogação.

Desde o lançamento da Linha foram apoiadas 735 empresas, das quais 91% são PME, num total de cerca de 1,3 mil milhões de euros seguros, que potenciam vendas de 4,6 mil milhões de euros para mais de 100 mercados. Em 2015 o valor seguro no âmbito desta Linha foi de cerca de 176 milhões de euros, permitindo vendas de mais de 720 milhões de euros. Os mercados mais procurados foram Angola, Marrocos, Venezuela, Moçambique, Cabo Verde e Brasil, em setores de atividade muito diversificados, onde destacamos: bens alimentares e bebidas, materiais elétricos e de construção, papel e produtos farmacêuticos.

AQUILES PINTO  
aquilespinto@vidaeconomica.pt

## Vida Económica – Como foi 2015 para a COSEC?

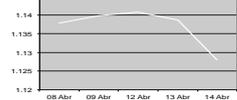
Miguel Gomes da Costa – Em 2015 fechámos o ano com resultados bastante positivos, tendo reforçado a nossa liderança de mercado, originando uma quota de 54% no ramo Seguro de Créditos e de 49% no Seguro Caução. Esta liderança traduz-se em mais de 1300 clientes, com garantias concedidas no valor de 11 mil milhões de euros, o que representa 6% do PIB nacional, com mais de 40 milhões de empresas acompanhadas à escala mundial e cerca de 237 mil empresas nacionais sob vigilância. Estes números revelam que a COSEC reforçou uma vez mais o seu papel enquanto parceira no desenvolvimento de empresas em Portugal, acompanhando os seus segurados a selecionar as empresas certas para fazer negócio, reduzindo os riscos e maximizando as oportunidades.

## VE – Qual a importância de Portugal (através da COSEC) para a Euler Hermes?

MGC – Um fator muito relevante para o desenvolvimento da nossa atividade é a estabilidade dos nossos acionistas, nomeadamente o grupo Euler Hermes, líder mundial de seguro de créditos, e o banco BPI, um dos principais grupos financeiros em Portugal. A sinergia operacional existente entre a COSEC e o seu acionista Euler Hermes é particularmente relevante ao nível da gestão de risco e das recuperações. Através do acesso à rede Euler Hermes presente em mais de 52 países, temos acesso às melhores fontes de informação, à maior rede internacional de analistas de risco e dispomos ainda de

**MERCADOS**

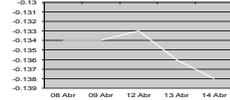
**EURODÓLAR (13.04) 1,1280** Euro/Libra 13/Abr.....0,7936  
Var Sem.....-0,56%  
Var 2014.....2,97%



**3,85%** Var. 2014

**Euro/lene 13/Abr.. 123,1940**  
Var Sem.....-0,66%  
Var 2014.....15,64%

**EURIBOR 6M (13.04)-0,1300** Euribor 3M 13/Abr.. -0,2490  
Var Abs Sem.....-0,002  
Var 2014.....-1,250



**-1,362%** Var. 2014

**Euribor 1Y 13/Abr.....-0,0130**  
Var Abs Sem.....-0,006  
Var 2014.....-1,517

**PETRÓLEO BRENT (13.04) 44,42** Ouro 13/Abr..... 1245,64  
Var Sem.....1,85%  
Var 2014.....17,31%



**19,13%** Var. 2014

**Prata 13/Abr..... 16,20**  
Var Sem.....7,46%  
Var 2014.....16,87%

COLABORAÇÃO: BANCO POPULAR

TENDO EM CONTA O FINANCIAMENTO À INSTALAÇÃO EM PORTUGAL

## BPI é dos bancos mais escolhidos pelas empresas francesas

**GUILHERME OSSWALD**  
guilhermeosswald@vidaeconomica.pt

O BPI tem soluções globais e competitivas para apoiar as empresas estrangeiras no desenvolvimento da sua atividade em Portugal. No caso específico das empresas francesas, o banco mantém contacto com entidades que prestam apoio às empresas interessadas no mercado português, referiu uma fonte da instituição financeira à "Vida Económica", no âmbito do seminário promovido pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa sobre o investimento daquele país em Portugal.

Também através da sua sucursal em França, o banco promove reuniões com os empresários franceses para, após análise dos objetivos e das necessidades das empresas, encontrar e sugerir os produtos e serviços bancários mais adequados

às diferentes realidades. "Estes encontros são sempre realizados em língua francesa, num dos 51 centros de empresas que o BPI possui em Portugal, facto que tem sido alvo de reconhecimento e valorização por parte destes empresários que acabam de chegar ao nosso país. A abertura da primeira conta bancária constitui um momento chave na atividade de qualquer empresa e o BPI tem sido um dos bancos mais escolhidos pelas empresas francesas."

Algumas das empresas que se instalam em Portugal pertencem à segunda ou mesmo terceira geração de luso-descendentes que, através dessa ligação natural, procuram oportunidades de negócio em Portugal. A maioria aponta vantagens como a localização geográfica, a qualidade das infraestruturas, a segurança, a legislação la-

boral, o custo de vida e a qualidade das instituições de ensino superior e dos cientistas e engenheiros que aqui se formam. Adianta ainda a fonte do BPI: "Existe ainda o reconhecimento do elevado grau de comprometimento dos recursos humanos portugueses com os projetos em que se envolvem e também da proximidade de relacionamento entre as universidades e as empresas, um fator fundamental na transferência do conhecimento."

Naturalmente, também há problemas que se colocam à instalação das empresas estrangeiras no nosso país. Os empresários franceses consideram que a burocracia é o principal obstáculo no que respeita à morosidade na obtenção de licenças em Portugal. "No entanto, verifica-se que há cada vez mais concelhos do país atentos ao acréscimo de interesse de empresas francesas por Portugal e que se empenham profundamente em ajudar os empresários a ultrapassarem questões de natureza burocrática."

### Segmento estratégico para o banco

Ao ajudar as empresas estrangeiras a instalarem-se em Portugal, o BPI aposta num segmento estratégico para o banco e relevante para a economia nacional, já que promove a criação de emprego, o incremento da competitividade e o crescimento do país. "Paralelamente, há benefícios em atrair



O BPI assume que o nosso país está a suscitar um interesse crescente no que toca ao investimento por parte de organizações de origem francesa.

para Portugal profissionais qualificados em atividades de elevado valor acrescentado ou de propriedade intelectual, industrial ou know-how. Para tal, o BPI disponibiliza o estatuto de residente não habitual, regime que atribui vantagens fiscais às pessoas que solicitem residência fiscal em Portugal."

O banco tem a preocupação de disponibilizar uma oferta ampla, destinada a colmatar de forma ajustada e flexível as principais necessidades de financiamento das empresas, designadamente a gestão de tesouraria e o financiamento de projetos de investimento, assim como produtos de cobertura e gestão de risco ou associados a negócios com o exterior. "Os clientes podem ainda beneficiar de todas as funcionalidades do BPI Net Empresas e App BPI Empresas.

Estas aplicações permitem aplicar uma gestão integrada das contas e realizar um conjunto alargado de consultas e operações bancárias com simplicidade, rapidez, segurança – sem custos de instalação e manutenção – em qualquer parte do mundo."

Em termos concretos, ao nível das funcionalidades no estrangeiro, o BPI Net Empresas apresenta um conjunto completo de opções decisivas para uma gestão eficaz de tesouraria. "E dispõe ainda de equipas exclusivas e especializadas no aconselhamento técnico às empresas para a tomada de decisões de investimento, financiamento e acompanhamento do negócio de trade finance, que se dedicam a apoiar as empresas e a encontrar as melhores soluções."

## CaixaBank e Isabel dos Santos chegam a acordo

Os últimos dias, a nível financeiro, ficaram marcados pelo anúncio do acordo alcançado entre o CaixaBank de Espanha e a empresária angolana Isabel dos Santos. Em causa a exposição do BPI a Angola, um problema que fica resolvido pouco antes do prazo imposto pelo Banco Central Europeu. A empresária retira capital do BPI e adquire uma posição maioritária no Banco de Fomento de Angola (BFA), com a particularidade desta instituição financeira passar a cotar na praça lisboeta. O que faz sentido, na medida em que Isabel dos Santos poderá assim reforçar a liquidez do banco angolano. A decisão foi de imediato transmitida ao Banco Central Europeu e ao Banco de Portugal. A operação terá luz verde depois das necessárias autorizações das autoridades competentes dos dois países, bem como dos órgãos sociais das empresas envolvidas, designadamente BPI, CaixaBank e United.

### Especulação



**PEDRO ARROJA**  
Presidente, Associação Humanitária  
"Um Lugar para o Joãozinho"

## Estatuto proteccionista

A visita, esta semana, do primeiro-ministro português à Grécia e a assinatura conjunta com o governo grego de uma declaração contra as medidas de austeridade representa um primeiro passo que poderá vir a resolver alguns dos problemas estruturais das duas economias, de que o principal é o endividamento externo.

A declaração considera apropriadamente que as medidas de austeridade aplicadas aos dois países não produziram os resultados esperados. Na realidade, à parte algumas melhorias pontuais, nada de substancial os programas de austeridade alteraram nos dois países – a dívida pública e a dívida externa continuaram a aumentar, o desemprego permaneceu elevado, o crescimento económico não regressou e a fragilidade do sistema financeiro só se acentuou.

A associação entre Portugal e a Grécia permite aumentar o poder negocial dos dois países face à União Europeia e o ideal seria que essa associação fosse ampliada com os dois grandes países da Europa do sul – a Espanha e a Itália – que partilham com Portugal e a Grécia a mesma cultura e os mesmos problemas estruturais.

O Euro tem estado a arruinar Portugal e a Grécia. Sendo uma moeda muito forte encoraja as compras ao estrangeiro e desencoraja as vendas ao estrangeiro. Países que, anos a fio, compram mais do aquilo que vendem vão-se endividar primeiro e declarar falência mais tarde. É esta também a situação da Espanha e da Itália, embora para já, e na aparência, com menor intensidade.

A Grécia esteve há um ano em vias de sair do Euro. Mas se persiste em permanecer, tal como Portugal, então os

dois países têm de encontrar políticas que revertam a situação actual. Uma delas é a negociação junto das autoridades europeias de um estatuto proteccionista que permita inverter o défice crónico das contas externas, que é a fonte de todos os problemas.

Esse estatuto – ainda que temporário, cinco a dez anos – daria protecção especial a certas produções nacionais nas quais os países são auto-suficientes – como os produtos alimentares – e ainda às indústrias tradicionais destes países. Ao mesmo tempo, esse estatuto permitiria subsídios do Estado à exportação quer dos produtos das indústrias nacionais tradicionais, como especialmente aquela que, nos dois países, é a principal fonte de receitas externas – o turismo.

Ao mesmo tempo, a associação entre a Grécia e Portugal permitirá aos dois países

ganhar poder negocial para defenderem os seus respectivos sistemas bancários contra a crescente oligopolização da banca europeia promovida pelo Banco Central Europeu. Na prática, a política do BCE parece ter como objectivo acabar com os pequenos bancos como são, a nível europeu, os bancos dos países do sul da Europa.

Se a assinatura do acordo esta semana entre Portugal e a Grécia for o ponto de partida para negociações nestas duas frentes é um bom sinal – um sinal de que finalmente as coisas estarão a mudar, de maneira estrutural, para os dois países. Porque, quando a programas de austeridade está tudo dito e visto – a Grécia vai no terceiro, Portugal está à beira do segundo, e as coisas vão de mal a pior.

POR INDICAÇÃO DO AUTOR, ESTE ARTIGO NÃO SEGUE AINDA O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

## Alemanha e Holanda estiveram contra ampliação de estímulos do BCE

A maioria dos membros do BCE apoiou a nova bateria de estímulos. No entanto, a decisão não foi unânime. De facto, os representantes da Alemanha e da Holanda não estiveram de acordo. Dos 21 conselheiros do Banco Central Europeu com direito de voto, dois votaram contra a ampliação do "quantitative easing" e outros dois, sem direito de voto, mostraram também o seu desagrado. Dois eram representantes do banco central alemão e um do banco central holandês.

## Compra de ativos compensa juros negativos na banca

O Banco Central Europeu assume que a compra de dívida pública e privada compensa os efeitos que têm na rentabilidade dos bancos as taxas de juro negativas. Estas podem reduzir a rentabilidade dos bancos, mas há efeitos compensatórios benéficos associados aos programas de compras de dívida e os instrumentos de política monetária expansiva. A subida geral dos preços dos ativos, impulsionada pela política monetária, gera valorizações desses ativos nos balanços dos bancos.

# Bankinter com crédito à habitação e a empresas com spreads a partir de 1,5%

VÍTOR NORINHA  
agenda@vidaeconomica.pt

O melhor banco espanhol em termos de rácios de capital, o Bankinter, entrou em Portugal a 1 de abril por compra do negócio do retalho bancário do Barclays Portugal. A operação será rentável desde o primeiro dia.

Os spreads para crédito hipotecário e para crédito a empresas vão começar nos 1,5%. Poderá melhorar, mas no caso das empresas será relevante o binómio risco/rentabilidade, enquanto no crédito hipotecário tudo dependerá do envolvimento que o cliente quiser ter com a instituição, disse Maria Dolores Dancausa, conselheira delegada da instituição financeira.

Secundada por Carlos Brandão, o CEO do Bankinter Portugal, Dancausa reagiu à questão

da espanholização do sistema financeiro nacional, afirmando ser uma "polémica artificial". E acrescenta: "Não deveria existir, é preciso confiança. Vivemos num mundo global, que tem uma união bancária com um regulador único". Considerou ainda que o tema "é irrelevante, sendo que cada um tem a sua nacionalidade.

### Não à "guerra" de taxa de depósitos

Sobre o negócio em si acrescentou que será dada importância às ações transacionais com os clientes particulares, enquanto nas empresas cada operação, será uma operação. Do lado dos depósitos recusa entrar na guerra das taxas de depósitos e elogiou as restrições impostas pelo regu-

lador na oferta a este nível.

Com 84 agências e sem intenção de, por enquanto, fazer novas aberturas, os desafios imediatos, segundo Dancausa passam "pela integração de culturas e regulação".

Na banca de particulares o objetivo é o mercado "affluent". Relativamente às empresas, a administradora delegada do banco espanhol disse que o balanço da instituição não permite grandes operações, mas que quer ser uma referência no mercado de médias empresas. Tem por objetivo um mercado alvo de 5 mil grandes clientes e 90 mil empresas, visando duplicar a atual envolvimento a um prazo de dois anos. O centro de corporate irá trabalhar com clientes de faturação acima dos 50 milhões de euros. Pretende ter uma palavra a dizer



Maria Dolores Dancausa e Carlos Brandão.

no mercado de exportação com oferta às empresas de produtos de trade competitivos.

Para 2018 a expectativa é de que o crédito a empresas passará de uma quota de 1% para cerca de 4%, enquanto no crédito à habitação o objetivo é ter uma quota de 4% este ano e chegar aos 7%

até 2018. Globalmente o Bankinter Portugal quer captar 15 mil novos clientes, conceder este ano 700 milhões de euros, dos quais 400 milhões para médias empresas e o restante para o mercado de particulares, com relevo para o hipotecário; e ainda obter 900 milhões de euros de recursos.



VANESSA RODRIGUES OLIVEIRA  
Consultora da XTB

## Depreciação do dólar americano

Janet Yellen, presidente da Reserva Federal Americana (FED), no seu discurso no Clube Económico de Nova Iorque aconselhou cautela no ajustamento da política monetária do país, defendendo que o banco central deve ter precaução na subida da taxa de juro, devido aos riscos da economia global. Tendo em conta as taxas de referência baixas, entre 0,25% e 0,5%, para a presidente da FED esta cautela tem que ser seriamente considerada, devido à assimétrica capacidade da FOMC (Federal do Mercado Aberto) utilizar políticas monetárias convencionais para responder a distúrbios económicos.

As palavras de Yellen foram bem recebidas pelos investidores, uma vez que os índices norte americanos travaram as perdas e invertiram para terreno positivo, enquanto

o dólar americano foi castigado.

Na semana passada, foram divulgados novos dados sobre o mercado de trabalho americano e houve um decréscimo no número de novos pedidos de subsídio de desemprego. Estes novos dados em conjunto com os valores divulgados acima do esperado quanto à variação do número de pessoas empregadas durante o último mês de Março de todas as empresas não-agrícolas (Non Farm Payrolls), indiciam a crescente solidez no mercado laboral dos Estados Unidos, cuja taxa de desemprego se **situou nos 5%** no mês que passou.

Para além destes indicadores, a líder da Reserva Federal salientou que a economia dos EUA mantém um trajeto sólido, defendendo a decisão da não-alteração das taxas de juro.

Se foi discutido nas minutas da FED em Março um possível aumento da taxa de juro, em que houve oposição da maioria dos governadores, e após as declarações da presidente da instituição, neste momento os investidores veem a possibilidade de a instituição liderada por Janet Yellen decretar um novo aumento dos juros como nula, no encontro mensal da autoridade monetária que decorrerá no final deste mês, dia 27 de Abril.

A diminuição da probabilidade de uma subida da taxa de juro por parte do banco central na próxima reunião está a pressionar cada vez mais o dólar, uma vez que os investidores optam por outros activos que possam oferecer um maior retorno. As divisas negociadas face à moeda americana estão a valorizar cada vez mais, essencialmente a moeda única e o iene, que

neste momento negociam próximo dos máximos de Outubro do ano passado. Esta desvalorização do dólar está a impulsionar o ouro, tendo quase recuperado da correcção da sua tendência de subida e estando a ser transaccionado pelo valor mais elevado desde 21 de Março.

Caso se verifique o cenário oposto e a FED decida aumentar as taxas de juro para o próximo mês, entrando assim em contradição com a expectativa por parte dos investidores, os índices americanos serão severamente castigados e o dólar irá inverter a sua tendência de desvalorização. Este cenário poderá levar o euro a afundar severamente e desvalorizar todas as divisas face ao dólar americano.

POR INDICAÇÃO DA AUTORA, ESTE ARTIGO SEGUIRÁ AINDA A ANTIGA ORTOGRAFIA

PUB



IMF



INFORMAÇÃO DE MERCADOS FINANCEIROS

Assessoria especializada B2B

Cambial \* Taxas de Juro \* Commodities \* Economia

Vale a pena falar connosco!

R. Júlio Dinis, 247 – 6º - Sala E9 – 4050-324 PORTO

Telefone: 22 609 5888

imfporto@imf.pt

www.imf.pt

m.imf.pt

Facebook/imfmercados

Av. da Liberdade, 190 – 6º B – 1250-147 LISBOA

Telefone: 21 324 1204

imflisboa@imf.pt

**MERCADOS****IAPMEI e Banco de Portugal cooperam na formação financeira**

O IAPMEI e o Banco de Portugal assinaram um protocolo de cooperação para a formação financeira de empreendedores, gestores e empresários das micro, pequenas e médias empresas. O objetivo é auxiliar os empresários na aquisição e no desenvolvimento de competências que lhes possibilitem um acréscimo de valor aos seus negócios, através de ferramentas eficientes de gestão que permitam uma análise do desempenho global das organizações.

**Sonae Indústria aumenta volume de negócios**

A Sonae Indústria obteve, no ano passado, um volume de negócios de 1027 milhões de euros, o que compara com 1015 milhões no exercício anterior. O EBITDA cresceu 10,4%, para 107 milhões de euros. A empresa deixou a garantia que vai manter a trajetória de investimento aos níveis produtivos e de gestão operacional. Acredita que este ano será “desafiante, interessante e com novos parceiros e novas oportunidades de desenvolvimento”, refere em comunicado à CMVM.

**Best** Bank DIREÇÃO DE INVESTIMENTOS  
BANCO BEST

## Blackout... buyback... bolsas! O que têm em comum?

Tudo às escuras. Ninguém fala, opina, escreve ou dá expressão àquilo que pensa. Um blackout é assim... pelo menos foi assim que nos habituamos a conhecer através do fantástico mundo do futebol. E se no retângulo do jogo parece surtir efeito, a avaliar pela recorrência a que os clubes o decretam, nos mercados financeiros também revela o seu “sex appeal”. Desde o início da crise financeira, que despoletou em 2008, as empresas do S&P 500 têm vindo a aplicar vários milhares de milhões de dólares na recompra de ações próprias (“shares buyback”). Se no ano passado o montante total ascendeu a 568 mil milhões de dólares, para 2016 a estimativa do Goldman Sachs aponta para 608 mil milhões de dólares. Tal traduz-se num forte impulso às valorizações bolsistas, não só por se assistir a um maior fluxo comprador decorrente dessas compras, mas, fundamentalmente, pelo decréscimo de oferta: o número de ações em circulação (“free float”) tem vindo a diminuir com o aumento dos processos de fusões e

Através da análise ao comportamento do S&P 500 Buyback Index - que corresponde ao índice que avalia o desempenho das 100 empresas mais ativas em processos de recompra de ações no S&P 500 -, consegue-se verificar uma tendência, consistente, de queda nas cotações dessas respetivas empresas, entre os meses de março e maio, que corresponde, precisamente, ao denominado período de blackout. Como se pode verificar através do gráfico abaixo, essa correção espelhada no S&P 500 Buyback Index foi, nos últimos dois anos, superior à verificada no respetivo índice geral, o S&P 500. Numa nota recente publicada pelo banco de investimento Goldman Sachs, este período de pausa na recompra de ações próprias é mesmo identificado como uma grande oportunidade para os investidores. Atendendo a que um volume substancial de procura de ações decorre deste tipo de programas de recompra de ações corporativas, os analistas do Goldman Sachs



Fonte: [www.marketwatch.com](http://www.marketwatch.com)

aquisições (M&A), com o crescimento de operações de recompra de ações por parte das maiores empresas e até mesmo com o decréscimo de entrada de novas empresas em bolsa.

Tratando-se já de uma operação recorrente com forte impacto na evolução das cotações dos principais títulos negociados em bolsa... a verdade é que esses programas de recompras de ações também despoletam oportunidades!

Através da análise ao comportamento histórico decorrente deste tipo de operações, constata-se que as tais oportunidades tendem a evidenciar-se naquele que ficou conhecido pelo período de blackout de recompra de ações (“blackout period for buybacks”).

Mas em que consiste esse blackout?

Ao abrigo das regras estipuladas pela Securities and Exchange Commission (SEC) as empresas norte-americanas cotadas em bolsa vêm-se forçadas a um período de abstinência na recompra de ações próprias que ficou conhecido, na gíria financeira, de blackout period e que decorre entre as cinco semanas imediatamente anteriores à divulgação de resultados por parte das respetivas empresas e as 48 horas subsequentes.

argumentam que o período de blackout tende a originar um arrefecimento da procura com reflexo imediato nos preços dessas respetivas ações, o que se acaba por traduzir em oportunidades de compra. Só no passado mês de fevereiro, as empresas do S&P 500 registaram um recorde mensal na recompra de ações próprias no montante de 104,4 mil milhões de dólares. Nessa perspectiva, e de modo a aproveitar as oportunidades geradas, o foco deverá incidir nos setores de atividade cujas respetivas empresas se tenham revelado mais ativas em programas de recompra de ações, com especial destaque para os setores tecnológico, consumo discricionário e financeiro que, no seu conjunto, foram responsáveis por mais de 50% das operações de shares buyback.

Na realidade são várias as razões que motivam um número crescente de empresas a avançar com ambiciosos programas de recompra de ações, assim como são diversas e até, por vezes, complexas as respetivas consequências daí decorrentes. No próximo artigo, propomo-nos a desmistificar algumas dessas variantes.

PARTILHE A SUA OPINIÃO SOBRE ESTE ASSUNTO, ESCREVA-NOS PARA [INVESTIMENTOS@BANCOBEST.PT](mailto:INVESTIMENTOS@BANCOBEST.PT)



**PAULO CARREIRA DA SILVA**  
Assessor do Conselho de  
Administração da Lynx Asset  
Managers

## “May you live in interesting times”

A 6 de junho de 1966, Robert Kennedy num discurso proferido na Universidade da Cidade do Cabo, África do Sul, referiu a existência de uma maldição, supostamente de origem chinesa, que se profetiza a terceiros, desejando-lhe “que vivas tempos interessantes”.

“Queiramos ou não”, referiu Robert Kennedy em 1966, “vivemos atualmente tempos interessantes”!

Acontecimentos como a ida do homem à lua, maio de 68, A guerra do Vietnam, passando pela “falência” do modelo de Bretton Woods, as crises petrolíferas, foram, de facto, tempos realmente interessantes na sua dupla aceção.

Os anos sessenta e a viragem para os anos setenta, representaram o termo de um período de elevado desenvolvimento socioeconómico, traduzindo o culminar da reconstrução europeia e os anos dourados para o desenvolvimento das economias ocidentais.

As contradições internas da acumulação de capital constitui um dos conceitos centrais da Teoria das Crises, associada a modelos Marxistas e cujo fenómeno é também explicado pelas teorias neoclássicas, referindo-as como “Risco Sistémico”.

Nestas abordagens conceptuais, a política e a prática económica nunca resolvem os seus problemas de forma estrutural: transferem-nos para outras geografias criando soluções que serão a origem dos problemas das décadas seguintes.

Poderemos questionar se esta característica é exclusiva do modelo capitalista ou advém da própria condição humana, não obstante, o início da década de setenta representa um período de forte estagnação económica, de congelamento salarial, de falência do modelo de desenvolvimento assente no pleno emprego e no modelo industrial pós Segunda Guerra.

De facto verificou-se na Europa e no mundo ocidental, nesta época, um período de redução significativa da competitividade das suas economias com repercussões graves a nível político-social.

A solução para esta crise económica que se viveu até meados da década de oitenta, refletiu, premonitoriamente, amplificado com a desregulamentação dos mercados financeiros, justificando com particular acuidade o poder atual das instituições financeiras no quadro político mundial, fenómeno também referido no século XIX. Como se não bastasse, o previsto nas teorias económicas citadas não nos é nada favorável pois, segundo Marx, secundado pelos neoclássicos, estas tendências simultâneas e interligadas, de queda dos salários (competitividade das economias) e de aumento da dívida, levam a uma cascata de incumprimentos “credit defaults”, culminando numa falha das instituições, traduzindo o referido “risco sistémico” dos neoclássicos.

Esta explicação muito simplificada reflete aquilo que assistimos na época Thatcher-Reagan e posteriormente, amplificado com a desregulamentação dos mercados financeiros, justificando com particular acuidade o poder atual das instituições financeiras no quadro político mundial, fenómeno também referido no século XIX. Como se não bastasse, o previsto nas teorias económicas citadas não nos é nada favorável pois, segundo Marx, secundado pelos neoclássicos, estas tendências simultâneas e interligadas, de queda dos salários (competitividade das economias) e de aumento da dívida, levam a uma cascata de incumprimentos “credit defaults”, culminando numa falha das instituições, traduzindo o referido “risco sistémico” dos neoclássicos.

As teorias referidas e a prática político-económica resolvem estas crises exportando-as para outras geografias, limitando os danos aos seus concidadãos, retirando algum sentido às manifestações dos vários indignados nas ricas economias ocidentais mas colocando uma enorme pressão nas frágeis economias e nos cidadãos de outras geografias, menos preparadas.

A crise ou os “tempos interessantes” que se vivem atualmente encontram assim explicação na forma como saímos da crise anterior fornecendo indicações preciosas sobre como vamos entrar na crise seguinte, dando um sentido profético às palavras de Robert Kennedy.

PS: Dois anos mais tarde, em 1968, nesse mesmo dia 6 de junho, Robert Kennedy viria a falecer vítima de um atentado, encerrando um período particularmente negro da política americana.

## Sonae Capital aliena participação na Norscut

A Sonae Capital informou o mercado, por via da CMVM, que chegou a acordo com a Meridiam Infrastructure Europe II SCA Sicar para venda da participação indireta de 36% da Sonae Capital na Norscut – Concessionária de Autoestradas por um valor de 42 milhões de euros. A produção de efeitos do acordo está condicionada à verificação de um conjunto de condições, designadamente a não-oposição por parte da Autoridade da Concorrência.

## Toyota Caetano cresce na atividade comercial

A Toyota Caetano Portugal teve um crescimento assinalável na atividade comercial, no ano passado. O exercício foi encerrado com um incremento de 13,4%, face ao ano anterior, com uma quota de mercado de 4,6%. A empresa está preocupada com o crescimento da importação de veículos usados, que representam cerca de um quarto das vendas totais, tendo em conta o recente desagravamento fiscal.

A NOSSA ANÁLISE

# Acredita nos Millennials? E nas empresas que lhes estão mais próximas?

A Geração Milénio ou “Millennials” caracteriza-se por ser aquela que verdadeiramente está globalizada, ou seja, cresceu com a tecnologia e usa-a desde a primeira infância. Falamos da população nascida entre 1980 e 2000 e que viu o mundo digital como algo natural. É muito exigente em termos de consumo, sabe o que quer e é, de certeza, a juventude melhor preparada de sempre em termos de educação. As línguas e a tecnologia fazem parte do seu ADN.

VÍTOR NORINHA  
agenda@vidaeconomica.pt

Esta é a história que está por detrás de um produto financeiro complexo criado pela equipa do Banco Invest e que tem como referência as empresas que não podem deixar de existir para a Geração Milénio. Referimo-nos à Microsoft, Apple, Facebook, Netflix e Adidas. Claro que estas empresas nasceram



muito antes desta geração, mas são as companhias de referência para estes clientes exigentes.

O PFC Invest Millennials Abril-16 é um produto financeiro complexo, que está a ser comercializado pelo Banco Invest, tem um prazo de 375 dias, sendo que o reembolso de capital e a remuneração estão associados à evolução das cotações das referidas cinco ações de companhias de referência para este tipo de população. O montante mínimo a aplicar é mil euros e a subscrição vai até 21 de abril próximo.

Vamos primeiro à questão da remuneração e depois aos riscos. Este é um produto que

pode levar o investidor a perder um máximo de 5%, considerando, para além desta perda potencial, o risco do emitente; mas que pode levar a um máximo de 12,72% em termos de taxa anual bruta.

Refere a ficha do produto que se a variação do cabaz, composto pela ações já referidas, for igual ou superior a zero, o montante de reembolso será igual ao capital investido acrescido de um cupão bruto igual a essa variação, até um máximo de 13,3%, o que equivale à referida TANB de 12,720%. Se, pelo contrário, a variação do cabaz for inferior a zero, o investidor verá reduzido ao capital investido a referida perda, até um má-

ximo de 5% e, claro não terá direito a qualquer cupão.

Globalmente este é um produto para investidores que percebam os riscos e não necessitem do capital, pois para além do risco de mercado, já que a evolução das cotações é volátil, há o risco de capital, com perda até 5%, ainda o risco de crédito do emitente, o risco de taxa de juro e o risco de liquidez, para além do risco fiscal. Refere o emitente no cenário central que a taxa interna de rentabilidade anual bruta será da ordem dos 3,59% negativos. Neste caso, o reembolso será feito por 96,313% do capital investido. Não existem outros encargos para o subscritor.

Entre as atividades das empresas destaca-se a Microsoft, o desenvolvimento de consolas de jogos de vídeo e dispositivos de entretenimento de música digital; na Apple o destaque vai para a comercialização dos produtos através de lojas físicas e revendedores em todo o mundo. Está ainda no cabaz a companhia Facebook, um website que permite que as pessoas comuniquem, desenvolvendo tecnologia para facilitar a partilha de informação, fotografias, vídeos e hiperligações para websites. A Netflix é uma empresa que oferece um serviço de subscrição para programas de televisão e séries através da net; e a Adidas produz e comercializa produtos de desporto e tem uma presença global.



LUÍS TAVARES BRAVO  
Economista | Managing Partner Dif Capital

## Impróprio para cardíacos?

Começou esta semana a apresentação de resultados das empresas nos Estados Unidos relativamente ao primeiro trimestre de 2016, que é, para os investidores, um momento de referência em termos da classe de ações cotadas, não apenas pela inferência associada ao comportamento operacional das empresas em si, mas também pelo facto de se tratar da maior economia mundial, e sobre a qual recaiam desde o início do ano, muitas expectativas relativamente a uma recuperação sólida que permitisse inclusive suportar o crescimento da economia mundial. Num momento em que muitas destas esperanças têm vindo a ser defraudadas, e que foram patentes quer nas recentes decisões da Reserva Federal – que tem vindo a registar um discurso progressivamente mais cauteloso acerca do processo de normalização monetária neste país – e já esta semana nas declarações da senhora Lagarde, responsável máxima do Fundo Monetário Internacional, que não só reviu em baixa a perspetiva desta Instituição para a evolução da economia, como deixou ainda o aviso para a necessidade de uma coordenação mundial para retomar o

crescimento mundial.

Assim sendo compreende-se que os investidores se mantenham nervosos à entrada desta época de resultados, sobretudo dado o histórico dos últimos trimestres que caracterizaram-se pela quebra do crescimento em termos dos lucros das empresas, denotando uma perda de ímpeto económico. Acresce a esta preocupação com o cenário económico, o facto – algo contraditório mas que tem sido patente nas leituras dos dados de emprego – de nos últimos meses se ter vindo a registar uma pressão de subida dos salários na economia norte americana, que por si só pode ajudar a condicionar as margens das empresas, em conjunto com a manutenção dos preços baixos do petróleo (que tem vindo a prejudicar o setor energético) e de um dólar forte nos mercados de divisas internacionais, que pode prejudicar de forma clara a capacidade comercial das empresas norte americanas. A estes fatores, têm muitas vezes respondido as empresas americanas com operações de recompra de ações próprias, que ajudam um pouco a suportar o valor do investimento do acionista, mas estas

operações também têm – e uma análise recente do banco JP Morgan evidenciou isto mesmo – um impacte limitado.

A época costuma arrancar com a apresentação de resultados da Alcoa, que desta vez até superou as magras estimativas do mercado. Muitas vezes a reação do mercado deriva da expectativa que os analistas tinham com consenso, e neste campo reside a eventual surpresa para as próximas semanas. Os analistas preveem uma queda de resultados no principal índice norte-americano, o S&P500, em cerca de 9,1% (inquérito produzido pela Factset), condicionado pelos setores de energia, matérias-primas e indústria. Existe contudo a possibilidade de estas estimativas estarem bastante por baixo e os analistas cortaram agressivamente a suas previsões nos últimos meses (em quase 10% face a estimativa de 31 de dezembro), e isso pode representar uma oportunidade mais táctica para investidores mais agressivos. Pois entre um cenário de desastre e um cenário adverso existe um espaço ainda considerável. A isto soma-se sobretudo a percepção de alguns estrategistas de investimento de algumas casas (JP

Morgan, UBS) de que alguns dos cenários mais adversos económicos para a economia norte americana para o segundo semestre do ano podem ser manifestamente exagerados, e que a economia norte americana, embora de forma menos pujante, continuará a crescer, assim como será menos penalizadora a maior parte dos riscos que têm vindo a ser incorporados pelo mercado nas ações.

Não ignorando as sábias recomendações do FMI e de outros observadores internacionais – existem de facto razões para estar acautelado com andamento da economia mundial, com muitos obstáculos a terem que ser ultrapassados, e muitos deles são de carácter político (Europa) – também não é de todo razoável ignorar alguns dados quantitativos que mostram que o atual momento de mercado pode estar a descontar uma perspectiva mais negativa do que é a realidade. A época de resultados poderá ser, de certo uma prova dura, imprópria se calhar para investidores mais cautelosos. Contudo, dentro de uma lógica ponderada em termos da alocação dos investimentos, pode compensar tomar algum risco táctico durante estas semanas.

**MERCADOS****PSI-20 - ANÁLISE DE LONGO PRAZO**

O PSI-20 está novamente a corrigir em alta, após uma queda que veio manter intacto o movimento principal de baixa que vigorou nos últimos 12 meses. A formação de máximos relativos sucessivamente mais baixos vai marcando a tendência no médio prazo, pelo que apenas quebrando em alta os 5200 pontos o índice assume uma toada mais "neutral" nesse horizonte temporal. Do lado inferior, abaixo dos 4750 pontos o PSI-20 fica vulnerável até à região dos 4550 pontos.

**DAX 30 - ANÁLISE DE LONGO PRAZO**

O DAX voltou a encontrar suporte junto dos 9500 pontos, não colocando assim em causa o cenário construtivo em alta no curto prazo – a sua quebra abriria espaço até 9100 pontos. Em todo o caso, o índice alemão apenas dará um sinal de força mais relevante caso ultrapasse a região em torno dos 10100 pontos, níveis igualmente relevantes para o cenário de médio prazo. Essa eventual quebra abriria espaço para o DAX progredir até aos 10850 pontos.

**MERCADO MONETÁRIO INTERBANCÁRIO**

**FILIPÉ GARCIA**  
Economista da IMF  
filipe.garcia@imf.pt

**Semana de muitas emissões com prazos longos**

Mais uma semana de queda generalizada das taxas Euribor, dando claramente a entender que o mercado espera que o BCE volte a baixar as taxas de juro ainda este ano. O facto de os títulos alemães a 2 anos estarem a cotar com um rendimento negativo superior a 0,50% suporta essa convicção, uma vez que com a taxa de depósito a -0,40% tal não faria sentido, se não se esperasse uma nova descida.

Na Europa, o foco nesta altura volta a estar centrado na Grécia, onde se tenta resolver o problema provocado pela ausência de crescimento naquele país, que resulta em contas públicas piores que o projetado. Um membro do BCE fala na necessidade de um forte pacote de ajuda política aos gregos, afirmando que o Banco Central está alinhado neste capítulo com as opiniões do FMI. Apesar destes comentários,

está-se muito longe de um acordo relativamente à profundidade das reformas que terão que ser exigidas aquele país.

Entretanto, o FMI reviu em baixa as previsões para o crescimento mundial este ano, de 3,4% para 3,2%. Destaque um maior pessimismo para a zona euro (1,5% vs 1,7%), EUA (2,4% vs 2,6%) e Brasil (-3,8% vs 3,5%) e maior otimismo para China, prevendo-se um crescimento de 6,5% face aos 6,3% previstos em janeiro.

O mercado de dívida foi marcado esta semana por uma grande oferta de emissões a prazos muito longos. Se já se estava a contar com uma colocação de títulos a 30 anos por parte da Holanda, o anúncio de emissões a 20 e 50 anos por parte da França constitui uma surpresa. Os países estão, assim, a aproveitar o alisamento da curva de

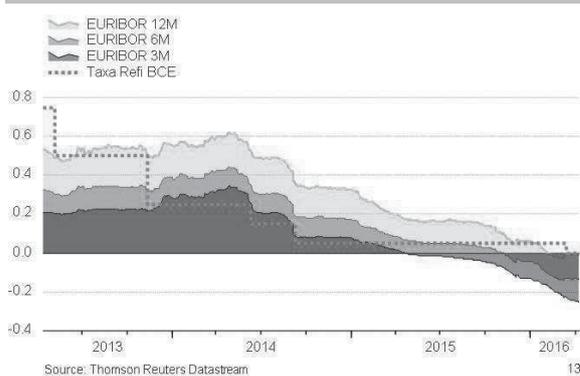
rendimentos e o apetite por algo que pague acima de 0% para emitirem a prazos longos. Tal sucedeu também com Portugal quando na semana passada emitiu a 30 anos.

Neste contexto de súbito aumento da oferta, vimos a curva a ganhar alguma inclinação dos 5 anos para a frente, com os rendimentos dos títulos alemães a 10 anos a subirem dos 0,10% para os 0,15%. Para alguns analistas, trata-se de uma correção do mercado e não de uma alteração da tendência, devendo esta regressar quando a abundante oferta de novas emissões for absorvida pelo mercado. Continua em aberto a possibilidade de os rendimentos da dívida alemã a 10 anos poderem cair para baixo de 0%.

**Análise produzida a 13 de abril de 2016**

**Evolução euribor (em basis points)**

	12.abril 2016	17.setembro 2015	8.outubro 2015	
1M	-0,342%	-0,103%	-0,239	-0,114%
3M	-0,249%	-0,037%	-0,212	-0,048%
6M	-0,136%	0,036%	-0,172	0,028%
1Y	-0,012%	0,156%	-0,168	0,139%

**TAXAS EURIBOR E REFI BCE****FUTUROS EURIBOR**

Data	3 Meses Implícita
Maio 16	-0,250%
Junho 16	-0,260%
Julho 16	-0,260%
Dezembro 16	-0,305%
Março 18	-0,280%
Setembro 19	-0,035%

**CONDIÇÕES DOS BANCOS CENTRAIS**

Euro Refinancing Rate	0,00%
BCE Euro Marginal Lending Facility	0,25%
Euro Deposit Facility	-0,40%
EUA FED Funds	0,50%
R.Unido Repo BoE	0,50%
Brasil Taxa Selic	14,25%
Japão Repo BoJ	-0,10%

**EURO FRA'S**

Tipo*	Bid	Ask
1X4	-0,260	-0,240
3X6	-0,270	-0,250
1X7	-0,148	-0,128
3X9	-0,160	-0,140
6X12	-0,171	-0,161
12X24	-0,040	0,003

\*1x4 - Período termina a 4 meses, com início a 1M

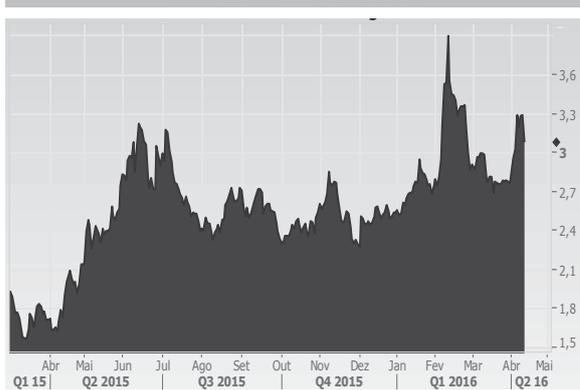
**EURO IRS**

Prazo	Bid	Ask
2Y	-0,169	-0,159
3Y	-0,156	-0,116
5Y	-0,003	0,007
8Y	0,305	0,325
10Y	0,496	0,546

**Obrigações**

	5Y	10Y
	1,80	3,05
	0,35	1,46
	-0,22	0,47
	-0,38	0,12
	0,34	1,29
	0,82	1,43
	1,22	1,77
	-0,21	-0,08

Fontes: Reuters e IMF

**YIELD 10 ANOS PORTUGAL**

NUNO ROLLA nunorolla@imf.pt

**Euro recua face às principais moedas****EUR/USD****Eur/Usd**

Nas últimas semanas, o Eur/Usd acumulou tentativas de quebra em alta da zona dos \$1,1450/60, invariavelmente mal sucedidas. Da última rejeição resultou um resalto em baixa, sendo que o par ofereceu agora um sinal de fragilidade com a quebra do suporte dos \$1,1330. Assim, no curto prazo há alguma vulnerabilidade para que a correção se possa estender até \$1,1140, enquanto que com um regresso ao intervalo \$1,1330 - \$1,1460 o par recuperaria alguma neutralidade.

**Eur/JPY**

O Eur/JPY confirmou a quebra em baixa dos 125,20 ienes e, nesse sentido, anulou a tentativa de recuperação em alta no curto prazo que vinha a formar desde o início de março. A tendência princi-

pal de baixa segue assim intacta, podendo agora agravar-se abaixo dos 122,00/50 ienes – referência seguinte nos 118,50 ienes (níveis de 2013). Em termos de curto prazo, um sinal corretivo surge acima dos 128,20 ienes.

**Eur/Gbp**

O Eur/Gbp renovou máximos desde 2014, acima dos £0,8100, mas tem estado a corrigir em baixa nos últimos dias, um movimento natural face à dimensão da recente subida. A tendência principal de alta não está para já colocada em causa, sofrendo um sinal de "alerta" caso o par quebre em baixa a trendline ascendente, em vigor desde os mínimos de janeiro, e que atua como suporte mais próximo – barreira seguinte em torno das £0,7700. A principal referência enquanto resistência mantém-se nas £0,8150.

	13/abr/16	Var. Semanal (%)	Var. a 30 dias (%)	Var. desde 1 jan (%)
EUR/USD	1,1298	-0,34%	1,70%	3,78%
EUR/JPY	123,47	-1,33%	-1,51%	-5,80%
EUR/GBP	0,7939	-1,76%	1,31%	8,17%
EUR/CHF	1,0887	0,00%	-0,61%	0,48%
EUR/NOK	9,3113	-1,74%	-1,78%	-3,04%
EUR/SEK	9,1760	-0,94%	-0,72%	-0,15%
EUR/DKK	7,4429	0,02%	-0,20%	-0,26%
EUR/PLN	4,2869	0,55%	-0,05%	0,54%
EUR/AUD	1,4768	-1,74%	-0,73%	-0,87%
EUR/NZD	1,6337	-2,20%	-2,23%	2,60%
EUR/CAD	1,4466	-2,99%	-2,47%	-4,30%
EUR/ZAR	16,6342	-3,74%	-5,55%	-1,88%
EUR/BRL	3,9690	-5,50%	-3,64%	-7,95%

## Brexit vai significar anos de incerteza

A saída do Reino Unido da União Europeia (o chamado "Brexit") implicará anos de incerteza, na melhor das hipóteses, na perspectiva do JP Morgan, o maior banco dos Estados Unidos. A instituição financeira avisa que se abrirá um período de "repessias" com os restantes países comunitários. A Grã-Bretanha terá de assinar milhares de acordos com países de todo o mundo e os acionistas dos maiores bancos terão de estar especialmente atentos a uma nova realidade.

## Pfizer e Allergan procuram novos alvos

O acordo de 150 mil milhões de dólares caiu por terra. As farmacêuticas Pfizer e Allergan estão agora à procura de novos alvos. As duas empresas procuram reagir rapidamente para superarem a dissolução do acordo, depois do Governo dos Estados Unidos se ter oposto à fusão dos dois gigantes da farmácia, já que a mesma teria transferido a jurisdição fiscal da Pfizer dos Estados Unidos para a Irlanda, onde a farmacêutica americana pagaria menos impostos.

### TÍTULOS EURONEXT LISBOA PAINEL BANCO POPULAR

Título	Última Cotação	Varição Semanal	Máximo 52 Sem	Mínimo 52 Sem	EPS Est Act	EPS Est Fut	PER Est Act	PER Est Fut	Div. Yield Ind	Div. Yield Est	Data Act	Hora Act
ALTRI SGPS	3,969	8,06%	5,074	2,949	0,547	0,517	7,256	7,677	2,02%	2,72%	13-04-2016	16:35:19
B. COM. PORT.	0,037	13,37%	0,094	0,031	0,007	0,009	5,329	4,144	--	0,00%	13-04-2016	16:39:48
BANCO BPI	1,191	2,32%	1,510	0,803	0,147	0,154	8,102	7,734	--	0,00%	08-04-2016	08-04-2016
COFINA,SGPS	0,374	-4,35%	0,660	0,355	0,075	0,080	4,987	4,675	5,39%	5,35%	13-04-2016	16:36:02
CORT. AMORIM	6,742	0,60%	7,378	3,449	0,440	0,475	15,323	14,194	2,37%	4,52%	13-04-2016	16:35:19
CIMPOR,SGPS	0,419	-1,87%	1,649	0,205	0,016	0,110	26,188	3,809	--	--	13-04-2016	15:02:59
EDP	2,962	0,68%	3,749	2,702	0,250	0,254	11,848	11,661	6,25%	6,42%	13-04-2016	16:35:19
EDPR	6,525	1,40%	7,376	5,702	0,177	0,219	36,864	29,795	0,77%	0,81%	13-04-2016	16:35:19
MOTA ENGIL	1,890	8,00%	3,468	1,115	0,363	0,263	5,207	7,186	6,35%	5,03%	13-04-2016	16:37:19
GALP ENERGIA	11,540	8,66%	12,480	8,345	0,500	0,587	23,080	19,659	3,29%	4,20%	13-04-2016	16:35:19
IMPRESA,SGPS	0,358	5,29%	1,100	0,321	0,060	0,070	5,967	5,114	--	--	13-04-2016	16:35:13
J. MARTINS	14,480	-1,63%	14,950	10,655	0,595	0,685	24,336	21,139	1,83%	2,21%	13-04-2016	16:35:19
MARTIFER	0,204	2,00%	0,400	0,185	--	--	--	--	--	--	13-04-2016	16:15:56
NOVABASE	2,149	-0,05%	2,650	1,841	0,160	0,200	13,431	10,745	5,58%	2,33%	13-04-2016	15:51:44
GLINTT	0,250	0,00%	0,252	0,162	--	--	--	--	--	--	13-04-2016	10:35:06
PORTUCEL	3,256	5,71%	4,332	2,665	0,277	0,277	11,755	11,755	1,28%	8,23%	13-04-2016	16:35:19
REDES E. NAC.	2,836	-0,98%	2,929	2,450	0,192	0,203	14,771	13,970	6,03%	5,92%	13-04-2016	16:35:19
SEMAPA	11,600	4,46%	14,290	9,785	1,005	1,287	11,542	9,013	6,47%	3,22%	13-04-2016	16:35:19
SONAECON	2,200	3,14%	2,340	1,781	--	--	--	--	2,64%	--	13-04-2016	16:37:26
SONAE,SGPS	1,007	1,72%	1,490	0,866	0,080	0,086	12,587	11,709	3,82%	3,58%	13-04-2016	16:35:52
SONAE IND.	0,005	0,00%	0,010	0,004	--	--	--	--	--	--	13-04-2016	16:06:37
SAG GEST	0,109	-5,22%	0,265	0,104	--	--	--	--	--	--	13-04-2016	14:41:35
TEIX. DUARTE	0,264	-1,12%	0,780	0,220	2,060	4,130	0,128	0,064	5,11%	3,79%	13-04-2016	16:29:13
NOS	5,980	2,43%	7,900	5,577	0,238	0,311	25,126	19,228	2,68%	3,83%	13-04-2016	16:38:15

### TÍTULOS MERCADOS EUROPEUS PAINEL BANCO POPULAR

Título	Última Cotação	Varição Semanal	Máximo 52 Sem	Mínimo 52 Sem	EPS Est Act	EPS Est Fut	PER Est Act	PER Est Fut	Div. Yield Ind	Div. Yield Est	Data Act	Hora Act
B. POPULAR	2,326	10,71%	4,906	2,003	0,179	0,275	12,994	8,458	3,44%	3,14%	13-04-2016	16:38:00
INDITEX	28,98	1,22%	35,375	25,910	1,026	1,156	28,246	25,069	1,59%	2,27%	13-04-2016	16:38:00
REPSOL YPF	10,565	13,36%	18,750	7,953	0,462	0,907	22,868	11,648	7,25%	7,32%	13-04-2016	16:38:00
TELEFONICA	9,525	4,51%	14,305	8,483	0,619	0,726	15,388	13,120	7,82%	7,87%	13-04-2016	16:38:00
FRA. TELECOM	15,05	6,06%	16,975	12,210	1,018	1,078	14,784	13,961	3,99%	4,09%	13-04-2016	16:37:03
LVMH	154,55	5,78%	176,600	130,750	8,148	8,853	18,968	17,457	2,30%	2,55%	13-04-2016	16:35:00
BAYER AG O.N.	105,4	4,10%	146,450	91,080	7,271	7,968	14,514	13,244	2,38%	2,51%	13-04-2016	16:35:18
DEUTSCHE BK	15,365	8,47%	33,420	13,030	1,399	2,393	10,995	6,428	--	0,00%	13-04-2016	16:35:25
DT. TELEKOM	15,51	2,41%	17,625	13,385	0,877	1,016	17,628	15,217	3,55%	3,80%	13-04-2016	16:35:06
VOLKSWAGEN	126,2	4,95%	244,000	95,000	20,474	17,288	6,164	7,300	--	1,66%	13-04-2016	16:35:21
ING GROEP	10,905	6,76%	16,000	9,185	1,096	1,168	9,950	9,336	5,96%	6,39%	13-04-2016	16:35:07

Este relatório foi elaborado pelo Centro de Corretagem do Banco Popular, telf 210071800, email: centro.corretagem@bancopopular.pt, com base em informação disponível ao público e considerada fidedigna, no entanto, a sua exatidão não é totalmente garantida. Este relatório é apenas para informação, não constituindo qualquer proposta de compra ou venda em qualquer dos títulos mencionados.



**PAULO ROSA**  
Economista  
Trader da GoBulling/ Banco Carregosa Online

## Uma década perdida para a rentabilidade da banca

A descida das taxas por parte do Banco Central Europeu (BCE) e a injeção de dinheiro através do "Quantitative Easing" têm garantido a liquidez e solvabilidade ao setor bancário europeu. No entanto, a redução das taxas diminui a rentabilidade à banca. Segundo analistas, por cada 10 pontos base de descida da taxa de juro pelo BCE, a rentabilidade dos bancos desce 5%. Dados revelados pelo FMI esta semana concluem que os juros negativos podem tirar 40% dos lucros da banca nacional. Ou seja, o problema dos bancos não é tanto de liquidez ou de solvência, mas de rentabilidade.

Os depósitos à ordem são utilizados para conceder crédito - com base no regime de reservas fracionárias que rege o sistema bancário - mas a sua margem tem vindo a reduzir-se, porque não tem qualquer remuneração - os bancos não pagam, por regra, juros nos depósitos à ordem - e a receita gerada pelo seu empréstimo tem descido, porque se empresta cada vez mais a taxas mais baixas.

Com as margens a descer, os bancos têm conseguido assegurar alguma rentabilidade beneficiando dos ganhos na carteira própria, que gera lucros com a subida das bolsas, das ações e das obrigações, impulsionadas pelas mediadas monetárias expansionistas do BCE.

Quando os mercados começarem a corrigir, a rentabilidade dos bancos poderá descer drasticamente e gerar um ciclo vicioso: a queda das ações dos bancos arrastará a queda da bolsa que desvalorizará a carteira própria dos bancos.

No início do ano, a banca europeia foi dos setores mais penalizados, mas as preocupações resultavam sobretudo da descida da cotação do petróleo e do desempenho da economia chinesa. Os problemas que a banca poderá atravessar nos próximos tempos pela manutenção das taxas baixas, na sua maior parte negativas, pode não estar ainda totalmente interiorizados pelos investidores.

O elevado crédito malparado é outro problema que preocupa os gestores bancários, e não é só em Portugal. Ainda esta semana, vários analistas referiram que os resultados da banca norte-americana neste primeiro trimestre devem ser mais fracos por essa razão.

Os bancos ganham dinheiro com os empréstimos concedidos, com os ganhos da carteira própria, com a intermediação financeira e comissões cobradas pela manutenção da conta, pela custódia de títulos, com lançamentos de operações mensais desde créditos à habitação passando pelo pagamento de dividendos, entre outras. Assim sendo, as comissões tenderão a ser cada vez mais elevadas para compensar as perdas nos outros negócios. A banca vai preferir arriscar menos e cobrar mais pelos seus serviços, dando sustentabilidade e solidez ao sistema bancário.

A economia portuguesa tem um crescimento anémico há quase 15 anos que se deve manter, senão mesmo agudizar. O frágil crescimento também penaliza os resultados bancários. Os principais bancos portugueses, o BCP, o antigo BES, a Caixa Geral de Depósitos, sobrevivem há anos através de sucessivos aumentos de capital, com injeções de dinheiro por parte dos donos.

O desempenho em bolsa dos bancos cotados não deve ser animador nos próximos tempos, tal como não o foi desde 2000, com perdas à volta dos 90%. Quem detinha ações do BCP em 2000, e as manteve até hoje, está a perder cerca de 97,5%, além de que teve que acompanhar os aumentos de capital, colocar mais dinheiro no banco. O BPI perde 80% desde o início de 2008.

## Como Inovar

A minha empresa é o meu primeiro emprego

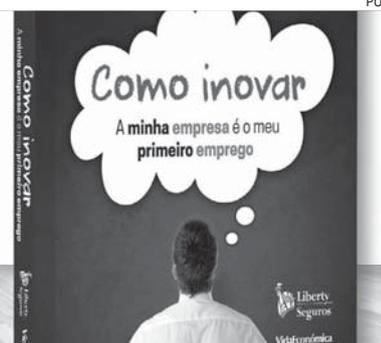
Na Sonae os valores do empreendedorismo e da inovação são cruciais e o conhecimento e experiência desta obra é não só um passo 1) meritório como na 2) direção certa.

Paulo Azevedo, CEO da Sonae

**Autores** Jorge Vasconcellos e Sá, Magda Pereira, Fátima Olão e Elizabeth Borges

**Páginas** 304

**PVP** €29.40



Compre já em <http://livraria.vidaeconomica.pt>

## EM FOCO

**“Guimarães Marca” leva indústria portuguesa a Macau**

O projeto “Guimarães Marca” está a promover a indústria vimezanense no mercado asiático, numa parceria com a Associação de Jovens Empresários Portugal-China. O programa de afirmação e promoção do tecido económico e cultural promovido pelo Município de Guimarães esteve presente no Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau (MIECF), que decorreu no Venetian Macao Resort Hotel, em Macau.

**Lufthansa cria novos serviços a bordo do A350-900**

O avião A350-900 dá aos passageiros da Lufthansa uma experiência de viagem mais confortável. Graças à sua cabina mais larga, os passageiros têm não só uma sensação de mais espaço, como o têm na realidade. Uma secção de autosserviço na Business Class dá mais comodidade aos passageiros.

MARCAS VIVAS



**PEDRO PIMENTEL**  
Diretor-geral da Centromarca

## Marcas brancas e ‘não-brancas’: descubra as (8) diferenças

As Marcas Brancas, ou Marcas da Distribuição (MDD) são definitivamente Marcas e cada vez mais coloridas. As Marcas Brancas cumprem os requisitos de qualidade e não têm defeitos. As Marcas Brancas são hoje uma opção normal e inquestionável para muitos consumidores. Mas será que elas chegam ao consumidor com as mesmas regras que as Marcas ‘Não-Brancas’, ou Marcas de Fabricante (MDF)? Será que elas estão sujeitas ao mesmo tipo de exigências e obrigações a nível comercial? Será que, sendo o Distribuidor simultaneamente Árbitro e Jogador, ou seja, sendo o dono da prateleira simultaneamente cliente e concorrente

As Marcas de Fabricante estão sujeitas a todo um conjunto de exigências financeiras e promocionais para acesso e permanência na prateleira. As Marcas da Distribuição têm o espaço que o dono da prateleira entende e não necessitam de fazer qualquer investimento para aí serem colocadas. As Marcas de Fabricante são normalmente mais caras porque lhe são aplicadas, regra geral, margens de comercialização muito mais elevadas do que às Marcas da Distribuição. É a margem ampla obtida com a venda do produto MDF que gera a rentabilidade que compensa a margem menor conseguida com o produto MDD... O Fabricante tem que informar

### “Da próxima vez que for a um supermercado tente entender melhor o que está por trás da aparência e do preço de cada produto”

das Marcas dos Fabricantes, as regras de acesso das Marcas de Distribuição aos lineares serão justas e leais? Façamos, pois, um breve exercício: descobrir as oito diferenças entre umas e outras... As Marcas de Fabricante são umas e únicas. As Marcas da Distribuição assumem normalmente o nome da insígnia, mas surgem muitas vezes disfarçadas aos olhos do consumidor: marcas primeiro-preço, marcas exclusivas da insígnia, marcas produzidas exclusivamente para a insígnia... As Marcas do Fabricante são produzidas pelo Fabricante. O Fabricante investe, inova e dá a cara pelo produto, querendo mostrar a sua faceta de especialista. As Marcas da Distribuição são, obviamente, também produzidas por um Fabricante (uma grande ou uma pequena empresa, alguém que produz complementarmente MDD ou alguém que apenas produz MDD) mas a mesma marca tanto serve para iogurtes, como para espuma da barba ou para papel higiénico... As Marcas do Fabricante são vendidas ao Distribuidor, sendo este que marca o respectivo preço de venda ao público. Nas Marcas da Distribuição é o dono da marca que define o seu preço de venda e, ao mesmo tempo, marca o preço de venda das Marcas de Fabricante suas concorrentes...

antecipadamente o distribuidor dos seus planos para as suas Marcas: novos lançamentos, mudanças de embalagem, estratégias promocionais... O Distribuidor constrói os planos para as suas próprias marcas sendo antecipadamente conhecedor de tudo o que os seus concorrentes planeiam fazer... Os produtos da Marca da Distribuição surgem não como uma inovação mas sempre como uma ‘reprodução’ de um produto de Marca de Fabricante que foi reconhecido pelo consumidor e comercializado com sucesso. E tentam fazer uma colagem à qualidade desses mesmos produtos de Marca de Fabricante... Os produtos da Marca de Fabricante têm que ser consistentes e não defraudar o consumidor. Um exemplo: se um produto muda de fórmula ou de sabor, isso é realçado na embalagem, alertando o consumidor para o facto. Na Marca do Distribuidor, uma mudança de fornecedor significa uma mudança da qualidade, mas o consumidor só a percebe, geralmente, depois de aberto o produto... Mais esclarecido?... Assim espero. Percebendo melhor estas diferenças, da próxima vez que for a um supermercado tente entender melhor o que está por trás da aparência e do preço de cada produto e terá oportunidade de fazer uma escolha mais consciente.

# Advogado “desvinho de excelên

A região e o vinho. Uma dupla paixão que levou o advogado João Almeida D’Eça a dedicar-se à vitivinicultura. Depois de ter adquirido e reconstruído a Quinta Nossa Senhora do Loreto, em Sabrosa, o objetivo é agora, com a assinatura D’EÇA, o apelido de família, estabelecer uma marca de vinhos de excelência da Região do Douro. Como? Aliando a tradição vinhateira do Douro às novas técnicas vitivinícolas, privilegiando as castas autóctones e a proteção do ambiente.

**VIRGÍLIO FERREIRA**  
virgilio@vidaeconomica.pt

**Vida Económica - Como é que um advogado decide tornar-se viticultor e produtor de vinho?**

**João Almeida D’Eça** - Aconteceu por mera casualidade adquirir em 1987 uma quinta do Douro – a Quinta Nossa Senhora do Loreto, em Sabrosa, – motivado por uma dupla paixão: a região e o vinho. Mas também pelo desafio da reconstrução da propriedade.

### “A filosofia da empresa é a produção sustentável de grande qualidade”

**VE - A aquisição da Quinta foi realizada já com a intenção de produzir vinho do Douro?**

**JAE** - Fui movido pelo entusiasmo de poder reconstituir a Quinta e a casa solarenga. Mas a paixão pelo Douro e o projeto de uma vida que tem sido a reconstituição da propriedade levam a que o advogado tenha abraçado o papel de agricultor – vitivinicultor – com o objetivo de deixar a sua marca num produto de excelência que é o vinho. No fundo, assegurar a existência futura da própria Quinta Nossa Senhora do Loreto com os vinhos com assinatura D’EÇA.

Desde o primeiro momento que procurámos aliar, nestes nove hectares, a tradição vinhateira do Douro às novas técnicas vitivinícolas, privilegiando as castas autóctones e a proteção do ambiente.

**VE - Como é que define a filosofia da empresa?**

**JAE** - A filosofia da empresa é a produção sustentável de grande qualidade

## Advogado por vocação e viticultor por paixão

“Considero-me um advogado por vocação e um viticultor por paixão. Pela nossa dimensão, fazer vinho como procuramos fazer, desculpando a imodéstia, é como criar uma obra de arte em que intervêm os materiais e o gosto. Aqui releva a qualidade da matéria-prima, a forma como produzimos os vinhos e a habilidade do enólogo que controla a qualidade e dá expressão ao gosto do produtor”, afirma João Almeida D’Eça. “A minha vida em nada mudou, a não ser na opção de que o meu trabalho como advogado é investido na agricultura/ vitivinicultura. Completo-me nas duas atividades – na rusticidade do campo com a sofisticação do direito”, acrescenta o jurista-viticultor. A produção da Quinta Nossa Senhora do Loreto tem aumentado de ano para ano: de 550 garrafas de Tinto Reserva, em 2007, passou para 5300 garrafas em 2012; de 470 garrafas de Pinot Noir, em 2011, para 3600 garrafas em 2013; de 1200 garrafas de vinho Rosado em 2014, para 1700 garrafas em 2015. A comercialização/ distribuição dos vinhos é feita diretamente junto dos restaurantes e das garrafeiras. A continuidade da empresa resultará do reconhecimento da qualidade do produto que por si venha a dar notoriedade à marca D’EÇA e que assim justifique a profissionalização comercial dos vinhos e o aumento da produção, por forma a associar a família ao negócio, transformando esta paixão pessoal num negócio de família”, conclui João Almeida D’Eça.



## Croatia Airlines liga Lisboa a Zagreb

A Croatia Airlines, membro da Star Alliance, irá iniciar este ano, no próximo horário de verão, voos diretos internacionais entre Lisboa e Zagreb. O primeiro voo desta rota está previsto para o dia 20 de maio de 2016 operando até finais de Outubro. Lisboa e a capital da Croácia serão conectadas por três voos semanais.



## Explorações vitivinícolas vão receber ajudas do Governo

Face aos prejuízos provocados pelas intempéries registadas na região Norte do país, ocorridas entre 12 e 15 de fevereiro de 2016, o Governo acionou mecanismos de apoio visando minimizar os danos causados nas explorações vitivinícolas. Esses apoios constam da Portaria n.º 357/2013, de 10 de dezembro. As candidaturas decorrem entre 16 a 30 de abril.

# pe a toga" para produzir cia no Douro



"A nossa dimensão não é suscetível de concorrer ou fazer concorrência com as marcas dos vinhos do Douro que estão instaladas nos mercados interno e externo", afirma João Almeida D'Eça.

com respeito pelas origens e pela diferença.

**VE - Os D'EÇA são vinhos de produtor ou vinhos de enólogo?**

JAE - São vinhos do produtor e do enólogo.

O espírito foi sempre o de manter a tradição, associando as vinhas velhas com mais de 25 anos, onde se encontram as castas Touriga Nacional, Touriga Franca, Tinta Roriz, Tinto Cão e Barroca, a novas plantações com clones selecionados, numa produção sustentável amiga do ambiente. Nas vinhas novas, plantações que tiveram lugar em 2008/2009, predominam por talhões Touriga Nacional e Tinta Roriz, ambos com quatro clones distintos.

Ainda nas vinhas novas incluímos o Pinot Noir. É neste espírito que se ensaiou a plantação de Pinot Noir, também com quatro clones diferentes.

Iniciámos a plantação de vinha nova branca com as castas tradicionais do Douro – Viosinho, Rabigato e Gouveio

**"A grande ambição é continuar a fazer um vinho de excelência"**

– e esperamos dentro de três anos fazer a primeira vindima de um branco com as características do Douro, mas com a assinatura D'EÇA – um vinho distinto pela sua qualidade.

**Casta Pinot Noir, a aposta acertada**

**VE - Porquê a opção pelo Pinot Noir? Como é que se diferencia no mercado nacional este vinho de uma casta atípica no Douro?**

JAE - A ideia de plantar Pinot Noir surgiu pelo gosto por esta casta e por se ter afigurado tanto a mim como ao meu amigo e enólogo Daniel Fraga Gomes que uma área da Quinta, pela sua exposição, altitude e terroir, poderia reunir as condições necessárias. Expectativa que se veio a confirmar com a aprovação do próprio fornecedor dos bacelos Pinot Noir, acabando por se revelar uma excelente opção. Normalmente, no estrangeiro, os vinhos são identificados por castas.

Já sob o ponto de vista estratégico da

produção e comercial, a nossa dimensão não é suscetível de concorrer ou fazer concorrência com as marcas dos vinhos do Douro que estão instaladas nos mercados interno e externo.

Procurou-se a diferença com uma casta para a qual o mercado internacional tem uma grande apetência, contrariando ainda o preconceito que Sabrosa, pela sua altitude, não pode produzir bons vinhos tintos. Na verdade, tal preconceito apenas serve interesses que a razão desconhece.

**VE - Os resultados têm sido positivos?**

JAE - A prova do patamar de qualidade atingido ficou logo fincada no primeiro vinho que produzimos, com atribuição pela revista "Wine & Spirits Magazine" de 91 pontos ao Tinto Reserva 2007.

A grande ambição é continuar a fazer um vinho de excelência que possa ser reconhecido pelos apreciadores e que mantenha o traço distintivo do terroir, com reconhecimento quer do produtor quer do enólogo.

**EM FOCO****Invest Lisboa no Salão de Paris**

A Invest Lisboa vai participar no Salão do Imobiliário e Turismo Português em Paris, de 20 a 22 de maio 2016, com um stand sob a marca Lisboa que será partilhado entre empresas e instituições interessadas. A iniciativa é da Invest Lisboa. A França é um dos países que mais investem em imobiliário em Portugal.

**Wingman vence conta da Bosch Portugal**

A Wingman, consultora digital especializada nas áreas de web, mobile e social media, foi escolhida pela Bosch Portugal para a definição, planeamento estratégico e gestão da sua página de Facebook.

STARTUP PORTUGUESA É APOIADA PELO VODAFONE POWER LAB

**Zarco vai recrutar mais de 100 pessoas**

A startup portuguesa Zarco está a recrutar profissionais de áreas como História, Arquitetura, Arqueologia, Turismo ou Fotografia e, até ao verão, conta ter mais de 100 colaboradores. Depois do lançamento no Porto, onde já trabalha com mais de 30 guias locais, a App quer começar a operar em mais quatro cidades: Lisboa, Braga, Guimarães e Coimbra.

Incubada no polo do Vodafone Power Lab no UPTEC – Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto, a Zarco permite que qualquer pessoa seja um anfitrião na sua própria cidade, proporcionando experiências únicas e personalizadas aos viajantes. Conscientes do enorme conhecimento local que não está a ser rentabilizado pelo mercado de trabalho, a Zarco quer atrair profissionais qualificados oferecendo, para isso, condições bastante favoráveis e competitivas.

O nome Zarco surgiu motivado pelo espírito aventureiro do descobridor português João Gonçalves Zarco, permitindo

do aos viajantes reservarem, de forma simples e intuitiva, um parceiro de viagem local dentro das suas áreas de interesse.

Com um potencial enorme de alterar o negócio das viagens personalizadas, a Zarco ganhou o apoio do Vodafone Power Lab quando concorreu à Escola de Startups do UPTEC, formação que conta com o apoio do programa de incentivo ao empreendedorismo e inovação da Vodafone Portugal. Assim, desde novembro, os fundadores da Zarco têm acesso gratuito ao espaço de cowork do Vodafone Power Lab no UPTEC, bem como recebido mentoria e formação por parte de profissionais da Vodafone, que os têm ajudado a perceber as várias dinâmicas do longo e duro processo inerente à transformação de uma ideia num negócio.

As candidaturas podem ser feitas através do site [www.zarcoapp.com](http://www.zarcoapp.com). Mais informações através da página no Facebook em [www.facebook.com/zarcoapp](http://www.facebook.com/zarcoapp).



PUB

**29 de Abril****Porto Business School**

**A estratégia da  
Internacionalização da  
Economia Portuguesa**

**Prof. Dr. Augusto Santos Silva**  
Ministro dos Negócios  
Estrangeiros

Jantar/Debate APM pelas 19h30

Sócios: 35,00€ | Não Sócios: 38,50€

**APM**

MEDIA PARTNER

**VidaEconómica**

Associação Portuguesa de Management  
[apmdrn@mail.telepac.pt](mailto:apmdrn@mail.telepac.pt) | Tel. 226 096 619 | [www.apm.com.pt](http://www.apm.com.pt)

Inscrição ([apmdrn@mail.telepac.pt](mailto:apmdrn@mail.telepac.pt)). Será Validado após envio do  
Comprovativo de transferência. IBAN: PT50 0033 000 000 0835 76268 05

## Crédito malparado volta a aumentar

O crédito malparado dos bancos portugueses ascendia a 17,9 mil milhões de euros, em fevereiro, o que se traduziu em mais 275 milhões, face ao mês anterior, de acordo com o Banco de Portugal. O maior rácio de crédito vencido respeitou às empresas, na ordem dos 12,9 mil milhões de euros, ou seja, mais 264 milhões, face a janeiro.

O malparado das empresas cifrava-se, em fevereiro, em quase 16% do total atribuído pelos bancos a estas entidades. No que se refere ao crédito a particulares, o valor do crédito malparado era, nesse mês, de cinco mil milhões de euros, num acréscimo de 12 milhões de euros, sendo que o crédito à habitação representava a maior fatia, mas ainda assim o incumprimento foi re-



lativamente baixo, o equivalente a 2,5 mil milhões de euros. No entanto, verificou-se também neste segmento um aumento do crédito malparado.

## Exportações chinesas disparam

É uma boa notícia para a economia mundial. A maior potência comercial aumentou as suas exportações em quase 19%, em março, face a igual período do ano passado. Dados oficiais apontam para exportações no valor global de 140 mil milhões de euros. A informação animou as bolsas de todo o mundo.

As importações da China, em contrapar-

tida, registaram uma quebra de 1,7%, para 116 mil milhões de euros. O excedente comercial foi 13 vezes aquele registado em período homólogo do ano passado. O Governo chinês está apostado em fortalecer a economia, pelo que pretende reduzir os impostos em cerca de 77,4 mil milhões de euros, ainda que preveja complicações no que se refere à reforma fiscal do país.

Lisboa, 20 de Abril

INTERNATIONAL CLUB OF PORTUGAL  
*Joining Cultures*

### Almoço-Debate

**Embaixador Cai Run**

**O Desenvolvimento da China e as Relações Sino-Portuguesas**

**S. Exa. o Senhor Embaixador Cai Run**  
Embaixador da República Popular da China  
**Hotel DoubleTree by Hilton Lisbon - Fontana Park**  
Rua Eng.º Vieira da Silva, nº2, em Lisboa (Saldanha)

Inscrições: ♦ €30,00 (sócios) ♦ €45,00 (não sócios)

Tel.: 21 013 5698; 91 333 0055; 96 876 8415  
geral.icpt@gmail.com ; geral@icpt.pt

**Main Sponsor:**

**Gold Sponsors:**

**Media Partners:**

### NOTA DE FECHO



**JORGE A. VASCONCELLOS E SÁ**

Mestre Drucker School PhD Columbia University

Professor Catedrático

E-mail: [associates@vasconcellosea.com](mailto:associates@vasconcellosea.com)

Linked In: <http://www.linkedin.com/in/vasconcellosea>

Twitter: <https://twitter.com/VasconcelloseSa>

## Brasil: o mistério

Em pequeno lembro-me de em casa ouvir amigos dizerem aos meus pais que o Brasil é o **país do futuro**.

Afinal, é o terceiro maior exportador mundial de produtos agrícolas; 2º em minério de ferro; 4º em madeira; 7º em estanho; 9º em petróleo; 13º em ouro; tem um enorme mercado interno que permite economias de escala (6º do mundo, com 200 milhões de pessoas); está inserido no Mercosul, uma zona de livre comércio de 300 milhões de pessoas; e o português é a quinta língua mais falada no mundo.

No entanto, **no Brasil o futuro parece... nunca chegar**: a previsão de crescimento do PIB para o ano corrente é negativo e após uma onda de entusiasmo em torno da organização do Mundial de Futebol, os Jogos Olímpicos e o Congresso Mundial da Juventude com a presença do Papa Francisco, instalou-se a perplexidade, algum desencanto e muita revolta.

Contudo, os problemas do Brasil não são de agora. De facto, apesar da sua riqueza natural, a taxa de crescimento do PIB per capita tem sido desde 1980 semelhante à **média** da América do Sul (4%) contrastando com o Chile, que tem desde a década de 80 crescido 50% mais (± 6%/ano).

Em consequência o PIB per capita do Brasil é hoje **apenas 2/3** do Chile e muito inferior ao da Argentina, Uruguai, Venezuela e Suriname (!). Como é possível? A resposta curta para a mediocridade do desempenho do Brasil em comparação com o excelente desempenho do Chile, é a **liberdade económica**: enquanto o Chile ocupa a 7ª posição no mundo, o Brasil é **122º** (num total de 178 países). Consequentemente o Chile é a 35ª economia mais competitiva do mundo enquanto o Brasil é **56º** numa lista de 61 países (a Venezuela é o último - fonte IMD).

Em que áreas são maiores as **diferenças** de liberdade económica entre o Chile e o Brasil?: na liberdade de investimento, gastos do governo e liberdade monetária (controlo da inflação e dos preços).

Em síntese, o caso do Brasil é uma ilustração clara de que, embora a liberdade económica não seja tudo (a educação, etc. também conta), se um país não a tem, então não tem nada.

Sem liberdade, a economia não produz e os recursos naturais, o enorme mercado interno, a língua mundial, etc., tornam-se numa mão cheia de... **nada**.

### Vide artigos e gráficos

blog: <http://economiadasemana.blogspot.pt>

twitter: <https://twitter.com/VasconcelloseSa>

## Comissão Europeia quer reformar regime do IVA



A hipótese de abolir a lista das taxas reduzidas não é aconselhada por parte de Bruxelas.

A Comissão Europeia apresentou um plano de acção para reformar o regime do IVA. O objetivo é aumentar a receita e reduzir a fraude. Os ganhos potenciais, de acordo com Bruxelas, podem ascender a 170 mil milhões de euros. A maioria das propostas ainda está por definir.

Foram apresentadas algumas das linhas principais deste projeto, desde logo uma proposta para reduzir a fraude, outra, no próximo ano, para criar um sistema de IVA definitivo que substitua o atual, uma simplificação do regime para o comércio eletrónico e uma maior liberdade aos Estados-membros para aplicarem as taxas reduzidas. Atualmente, os Governos só podem aplicar taxas mais favoráveis de IVA a uma lista pré-definida de produtos e serviços, o que ten-

de a gerar desencontros entre Bruxelas e os países.

Assim, o que a Comissão Europeia pretende é modernizar o modelo das taxas e dar aos Estados-Membros mais flexibilidade no futuro. São propostas duas opções, uma que passa por manter uma taxa mínima estandardizada de 1,5% e rever regularmente a lista de bens e serviços que podem beneficiar das referidas taxas reduzidas, tomando como base a cooperação dos países. A outra opção é abolir a lista dos bens e serviços que podem beneficiar das taxas reduzidas. No entanto, admite Bruxelas, a propósito desta segunda hipótese, que vai requerer salvaguardas para prevenir a fraude, evitar a concorrência fiscal injusta e poderá incrementar os custos de implementação para as empresas.

130! anos de inovação



Consumo combinado (l/100km): 3,9 a 6,3. Emissões CO<sub>2</sub> (g/km): 102 a 142.

## Novo Classe E. Mais do que inteligente, intuitivo.

Já muitos automóveis se dizem inteligentes, mas o novo Classe E vai além. Equipado com Intelligent Drive, cuida da sua segurança e da dos outros. Trava em caso de emergência, não o deixa sair da estrada, evita colisões e desvia-o da zona de impacto. Estas são apenas algumas das suas funções. E ainda tem acesso ao Mercedes me connect, que permite, por exemplo, estacionar com o seu smartphone. Novo Mercedes-Benz Classe E. Vai além da inteligência. É intuitivo.

Contact Center: 808 200 699



Saiba tudo sobre  
o novo Classe E.

**Mercedes-Benz**  
The best or nothing.

